

# **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**

**Volume XIV**

**Edição comemorativa dos cinquenta anos da fundação  
do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**



**2020**

Dedicamos este volume ao Patrono-Mor do IHG-SJDR **Basílio de Magalhães** (1874-1957) e a nossos confrades recém-falecidos: **Agostinho Guimarães**, sócio efetivo; **Laís Medeiros Garcia de Lima**, sócia efetiva e ex-Presidente; **Maria Terezinha de Resende**, sócia correspondente em Lavras-MG; **Norma Marotti Fairbanks**, sócia efetiva e ex-Presidente e a **Tiago Adão Lara**, sócio fundador; **Ronaldo Simões Coelho**, sócio correspondente; **José de Carvalho Teixeira**, Sócio Efetivo.

Que descansem em paz!

Este volume da Revista foi publicado com recursos da Lei Federal nº 14.017/2020, Lei Aldir Blanc, repassados pela Secretaria Municipal de Cultura de São João del-Rei em decorrência do IHG ter sido contemplado com o Prêmio de Boas Práticas Culturais pelo Conselho Municipal de Cultura.

O Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei não se responsabiliza pelas opiniões contidas nos artigos e defesas de patronos, que são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores.

Comissão Editorial: Alex Lombelo Amaral, Betânia Maria Monteiro Guimarães, Bruno Nascimento Campos, Maria Lucia Monteiro Guimarães e Suely Campos Franco.

#### Ficha Catalográfica

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei / Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. V.XIV (2020). São João del-Rei.

ISSN 1 677-2865

1. História. 2. Geografia. 3. Cultura - Periódico



**Basílio de Magalhães (1874-1957)**

## SUMÁRIO

5	Editorial
<b>50 Anos do IHG de São João del-Rei</b>	
9	Poema - São João del-Rei
10	Saudação ao IHG de São João del-Rei no seu Jubileu de Ouro
16	Discurso na Sessão Solene em homenagem aos 50 anos do IHG de São João del-Rei
22	Da vida Bissexta
<b>Defesas de Patronos</b>	
24	O papel do português e emboaba José Mattol nas origens de São João del-Rei
30	O Inconfidente esquecido: ensaio sobre o Quinto Império no Brasil
37	Frei José Mariano da Conceição Veloso: uma triste parte da saga botânica brasileira
42	Joaquim José da Silva Xavier: recorte biográfico e repercussões históricas
48	José Antônio Rodrigues e a imprensa de São João del-Rei
53	Pequena homenagem a Severiano Nunes Cardoso de Resende
57	Alexina de Magalhães Pinto: do mito à realidade
74	Antônio Guerra, um baluarte do teatro amador em São João del-Rei
79	Eduardo Canabrava Barreiros, um homem de personalidade
85	Antônio Tirado Lopes – à guisa de pequena biografia
99	Altivo de Lemos Sette Câmara
117	Gentil Palhares – um nome para nossa história
122	Geraldo Guimarães
130	Sebastião de Oliveira Cintra
146	Fábio Nelson Guimarães
<b>Adendos</b>	
154	Professor Tiago Adão Lara
156	O esquecimento de Basílio de Magalhães e as tentativas de lembrá-lo
168	Diretório do IHG-SJDR

## EDITORIAL

Este número histórico e especial da *Revista do IHG* é um dossiê comemorativo dos 50 anos do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

O sócio honorário e ex-presidente Antonio Gaio Sobrinho conclama em seu discurso do jubileu, transcrito aqui:

Cinquenta anos de pelejas, de estudos, de discussões, de derrotas, de vitórias, de realizações. Para anunciá-lo, que ressoem, logo, em nossa cidade, as cornetas e repiquem os sinos, que explodam os foguetes e apitem as locomotivas, que toquem as bandas e ressoem as orquestras, que se batam palmas e se gritem vivas, porquanto este ano é o nosso jubileu, o tempo oportuno, o *kairós*, da nossa felicidade

O Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, fundado em 1º de março de 1970, em São João del-Rei, onde tem sua sede e seu foro, é uma associação civil e científica de duração ilimitada, sem finalidade lucrativa, que tem por fim promover o estudo, a pesquisa e a divulgação da história, da geografia e das ciências conexas, em geral e, particularmente, do município de São João del-Rei. Mas o Instituto não é uma abstração, lembra Antonio Gaio Sobrinho: são, antes, os seus sócios: fundadores, efetivos, correspondentes, beneméritos e honorários.

Durante estes 50 anos, o IHG produziu a edição de 14 revistas, com um número considerável de artigos, relevando-se uma fonte riquíssima para pesquisadores sobre a história de São João del-Rei, de Minas Gerais e do Brasil.

Uma Comissão Editorial foi convocada pela atual diretoria do IHG para coordenar a chamada e coordenar uma seleção. Optou-se, neste número, pela publicação das defesas de patronos pelos respectivos ocupantes atuais das Cadeiras, mas abre espaço também

para algumas breves homenagens e relatos de autores ligados ao IHG como o da são-joanense Juliana Prado, sobre sua experiência pessoal de participar da sessão solene do IHG, comemorativo de seu jubileu.

O PAPEL DO PORTUGUES E EMBOABA JOSÉ MATOL NAS ORIGENS DE SÃO JOÃO D'EL REI é fruto de pesquisa em homenagem ao patrono da cadeira 02, realizada por Paulo Roberto de Sousa Lima, sociólogo, eleito para ocupá-la como membro efetivo. O autor trata da ocupação das paragens do Rio das Mortes no período de 1.684 a 1751 e o movimento populacional que constituiu alguns dos primeiros arraiais das terras das Minas Gerais. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO: UMA TRISTE PARTE DA SAGA BOTÂNICA BRASILEIRA é a defesa do Patrono da Cadeira 16 do IHG por Wanderley Mario Guilherme (Wanguí). Frei Veloso nasceu em 1741 na Freguesia de Santo Antônio da Vila de São José del-Rey (atual Tiradentes) e é figura reconhecida entre os naturalistas brasileiros como aquele que mais se empenhou no estudo de nossa flora. Wainer de Carvalho Ávila faz a defesa do Patrono da Cadeira 5 JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, o Tiradentes, abrindo debate sobre os mitos construídos em torno da figura do inconfidente. O INCONFIDENTE ESQUECIDO: ENSAIO SOBRE O QUINTO IMPÉRIO NO BRASIL de Paulo Roberto Furtado de Azevedo Varejão coloca em foco um personagem pouco conhecido da história das Minas Gerais, abrindo importante caminho na historiografia. JOSÉ ANTÔNIO RODRIGUES E A IMPRENSA DE SÃO JOÃO DEL REI Alex Lombello Amaral, historiador, mestre pela UFJF além de homenagear o patrono da cadeira 12 que ocupa, trata de um assunto que é foco principal de suas pesquisas e produção acadêmica: a imprensa de São João del-Rei. Neste artigo ele demonstra que o liberal José Antônio Rodrigues (1791-1887) se contrapunha aos conservadores exercendo importante papel no renascimento da imprensa de São João del-Rei na segunda metade do século XIX. No texto PEQUENA HOMENAGEM A SEVERIANO NUNES CARDOSO DE RESENDE, Evandro de Almeida Coelho faz a defesa do Patrono da Cadeira 17: Severiano de Resende (1847-1920), escritor, jornalista e político atuante em São João del-Rei na passagem do século XIX para o século XX. ALEXINA DE

MAGALHÃES PINTO: DO MITO À REALIDADE é o título do texto de Maria Lucia Monteiro Guimarães em defesa da Patrona da Cadeira 16. O texto mescla relato de experiência apaixonada de pesquisa sobre esta escritora *avant-garde* nascida em São João del-Rei (1869-1921) e pioneira em estudos pedagógicos sobre folclore e “uma verdadeira revolucionária pedagógica da Velha República”. ANTÔNIO MANOEL DE SOUZA GUERRA (1892-1985) é outro patrono abordado nesta revista por Neudon Bosco Barbosa. Antônio Guerra, nasceu em São João del-Rei foi pessoa atuante na vida cultural da cidade e um dos fundadores do Club Teatral Artur Azevedo. O acervo que cuidadosamente reuniu ao longo de sua vida, resultou no livro Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João Del-Rei (1717 a 1967) e está hoje abrigado na Universidade Federal de São João del-Rei. EDUARDO CANABRAVA BARREIROS (1908-1981) é nome que motivou o título do texto Paulo Chaves Filho, patrono da cadeira nº 34. Este multi-artista e técnico em cartografia conhecido por seus levantamentos cartográficos, foi também um intelectual e escritor premiado. À GUISA DE PEQUENA BIOGRAFIA, Artur Cláudio da Costa Moreira escreve um texto onde revela a trajetória ANTÔNIO TIRADO LOPES (1901- 1992), natural de Nazareno, transferiu-se para São João del-Rei, onde construiu uma carreira de grande atuação na administração da cidade e nas letras. ALTIVO DE LEMOS SETTE CÂMARA, destacado cidadão e sócio fundador do IHG, foi biografado por Betânia Maria Monteiro Guimarães. José Carlos Hernández Prieto faz defesa do Patrono da cadeira 27 GENTIL PALHARES (1909-1994), figura de destaque jornalismo local. José Alberto Ferreira apresenta a biografia e a obra extensa e significativa de GERALDO GUIMARÃES (1915- 1997) patrono da cadeira 33 e um dos fundadores do IHG. Ana Maria de Oliveira Cintra, Titular da Cadeira 37 faz a defesa do patrono SEBASTIÃO DE OLIVEIRA CINTRA (1918-2003), cronista e historiador cuja obra é referência para estudos inéditos sobre São João del-Rei. Agostinho Guimarães, querido confrade que nos deixou neste ano de 2020, faz a defesa de NELSON FÁBIO GUIMARÃES (1932- 1996) patrono da Cadeira 32. Companheiros de longa data, desde o tempo do Ginásio Santo

Antonio o autor ressalta que Fábio deixou um grande legado por todas as instituições em que passou e para a história e memória de nossa cidade.

Uma justa e merecida homenagem ao estimado e inesquecível **TIAGO ADÃO LARA (1930-2019)** escreve a professora e cronista Cida Campos, ressaltando o amor que ele sempre colocou na sua obra e na sua forma de ver o mundo. **O ESQUECIMENTO DE BASÍLIO DE MAGALHÃES E AS TENTATIVAS DE REMEMORÁ-LO** é um texto importante que coloca em foco a vida deste genial intelectual. Oyama de Alencar Ramalho elenca diversas iniciativas de tirar do esquecimento e rememorar a vida e a obra do **patrono mor do IHG** e homenageado do ano de 2020.

Suely Campos Franco,  
pela Comissão Editorial  
*suelyfran@gmail.com*



## SÃO JOÃO DEL-REI

Mário Celso Rios<sup>1</sup>  
(in memoriam)

Longe da metrópole, com bravura, sua História ocorreu.  
E, às margens de um rio, a vila, irrequieta, incandesceu!  
Amores, correspondidos ou não, entreteciam dramas.  
Confabulava-se por liberdade em imprevisíveis tramas.

O Sangue derramado, a humilhação dos Inconfidentes,  
Decisivos foram para o sonho do Tiradentes.  
Pedras sobre pedras, pontes a desbravar caminhos  
Ir-vir, olhares, gestos, mistério, aos torvelinhos.

Sinos repicando a vida: templos adornados;  
O Pilar: singelas festas de santos irmanados,  
Lirismo: orquestras tocando melodias cordiais.  
Nos Campos das Vertentes, conspirou-se pelas sendas.  
Eram os filhos da aventura em cor de lendas,  
A esculpir na Coragem e Valentia seus sinais.

---

<sup>1</sup> Presidente da Academia Barbacenense de Letras, recentemente falecido.

## SAUDAÇÃO AO IHG DE SÃO JOÃO DEL-REI NO SEU JUBILEU DE OURO

Antônio Gaio Sobrinho  
Titular da Cadeira 14  
*gaiosobrinhoantonio@gmail.com*

**Locutus est Dominus ad Moysen in monte Sinai, dicens** [Falou o Senhor a Moisés no Monte Sinai, dizendo]: **Numerabis quoque tibi septem hebdomadas annorum** [Contarás também para ti sete semanas de anos], **id est septies septem quae simul faciunt annos quadraginta novem** [isto é, sete vezes sete, que juntas fazem quarenta e nove anos]: **et clanges bucina mense septimo, decima die mensis, propitiationis tempore, in universa terra vestra** [E, soarás a buzina no dia dez do sétimo mês, tempo da expiação, por toda a vossa terra]. **Sanctificabisque annum quinquagesimum** [E santificarás o quinquagésimo ano] **et vocabis remissionem cunctis habitatoribus terrae tuae** [e proclamarás a libertação a todos os habitantes da tua terra]: **Ipse est enim jubileus.** [Este ano será, portanto, um jubileu].

Malgrado possa haver quem me condene de pedantismo, do que peço vênia, decidi por iniciar esta minha fala com essas latinas e sagradas palavras da Vulgata, extraídas do capítulo 25 do Livro de Levítico, as quais, para tanto, julguei muito oportunas. Chamava-se jubileu, entre os israelitas, o ano seguinte a cada sete anos sabáticos, que equivaliam a quarenta e nove anos. Tal ano santo era anunciado solenemente pelo toque de uma trombeta, confeccionada do chifre de um carneiro, que, em hebraico, se dizia yobel, donde jubileu, palavra que, por semelhança de júbilo, sugeria que tal fosse um ano de alegria.

No caso do Instituto Histórico e Geográfico, poderíamos, talvez, dizer que hoje começa o seu ano santo. Para anunciá-lo, que ressoem, logo, em nossa cidade, as cornetas e repiquem os sinos, que explodam os foguetes e apitem as locomotivas, que toquem as bandas e ressoem as orquestras, que se batam palmas e se gritem vivas,

porquanto este ano é o nosso jubileu, o tempo oportuno, o *kairós*, da nossa felicidade.

Que seja, logo, este um ano de júbilo, de alegria, de comemorações. Júbilo, alegria e comemorações, que compensem dos cinquenta anos passados os lamentos, as tristezas, as frustrações, que nem tudo foram somente alegrias. Porque se houve vitórias, houve também derrotas e perdidas batalhas. Pois que foram cinquenta anos que viram botarem abaixo uma igreja bicentenária de muita veneração. Foram cinquenta anos que viram conspurcarem o Alto da Bela Vista com mal vistas torres, que tiraram a Cristo a sua só e histórica denominação de Senhor do Monte, de tanta poesia e sonoridade. Foram cinquenta anos que viram erradicados os trilhos de uma secular estrada de ferro, de tão caras reminiscências. Foram cinquenta anos que viram transformada num supermercado uma casa feita só de cultura e arte. Foram cinquenta anos que viram gigantescas labaredas reduzindo a fumaças e cinzas históricos casarões, perfeitos de saudades. Foram cinquenta anos que viram fecharem as portas de três grandes internatos, de tantos quadros de formatura. Foram cinquenta anos que viram fábricas têxteis paralisarem seus teares e emudecerem, em alvoradas de frio e neblina, os seus matutinos minarettes. Foram cinquenta anos que viram criminosas demolições, cometidas em horas mortas, ruindo por terra velhas casas cheias de beleza e lembranças. Foram cinquenta anos...

Foram cinquenta anos... Mas ai! que chega desta ladainha de lamentos, que já me enfastia a anamnese desta amostragem! Mesmo porque, se houve perdas que chorar, também houve, nessas sete semanas de anos, alguns ganhos, que vale a pena de lembrados: uma universidade recuperou para o ensino três perdidos templos do saber; uma bonita capela se plantou, como uma vistosa flor, na Rua das Flores; um museu se abriu em santuário da história, trazendo consigo a capela da Ajuda, ali mesmo onde gemeram, sem ajuda, tantos escravos curtidos em salmouras; porões e fundos de quintais acordaram de um inconsciente esquecido, desvelando a cidade outra, que jazia escondida em tantas senzalas e proibidas escadarias; pontes de pedras se viram lavadas de seus tantos anos empoeiradas; uma

benfazeja consciência de preservação vem nascendo na cidade iconoclasta de outrora; enfim, as tantas coisas mais, que iremos, em passando, aos poucos, descobrindo.

Dialética da história, onde se há o que dá para chorar, também existe o que dá para rir. E, nesses cinquenta anos, um profeta eis que se levantou nesta tricentenária Jerusalém, atuando, anunciando, denunciando, sugerindo, louvando: o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, que, se perdeu a batalha de Matosinhos, pela que nasceu, também conseguiu repatriar a sua artística portada; que, se lamentou a construção de tantos horrendos edifícios e se outras muitas frustrações acumulou, também cantou vitórias e repôs uma cruz; também impediu o rapto da locomotiva e o passeio fútil do vagão, que aqui, um dia, aportaram o imperador; também defendeu a geografia de uma Serra e sua preservação ambiental; também contribuiu para tombamentos e restaurações de vários monumentos patrimoniais; também promoveu oficinas de história local em invernos culturais; também lembrou com honra o bicentenário da execução de Tiradentes; também apoiou o resgate folclórico regional e defendeu a preservação do patrimônio cultural; também realizou dois ciclos de estudos e manteve ativa uma biblioteca; também realizou atividades rotineiras, quais as sessões ordinárias, conferências, seminários, pesquisas; e o que mais é: também editou revistas e publicou livros de muitos títulos e de suma valência, nas áreas em que atua, os quais já enchem uma estante, indispensáveis em qualquer bibliografia desta cidade.

Concluo essa extensa lista de bem-fazeres com um curioso fato ocorrido em 20 de abril de 1992, véspera dos duzentos anos do enforcamento de Tiradentes. Na noite daquele dia, no salão nobre do paço municipal, se reuniram presentes muitas autoridades e doutores universitários, numa sessão presidida pelo são-joanense procurador geral da república. É que se ia proclamar solenemente para toda a nação, uma chamada *Carta de São João del-Rei*, por aqueles vaidosos doutores redigida ao término de um congresso, aqui convocado por Ciro, presidente do IHG, em compartida com a FUNREI. Eis senão quando, para assombro geral, na expectativa mesma da leitura por Alvarenga da dita carta, viu-se, vagarosa e

estupendamente, adentrar o salão, qual o do oratório, o imortal Alferes, paramentado a rigor, com alva, cingulo, barão e crucifixo, redivivo na imagem do nosso confrade e ex-presidente. Um protesto mudo e uma acusação eloquente do Abade para que, quem tivesse olhos de ver e ouvidos de ouvir, o visse e entendesse. Nunca jamais Joaquim José fora, ou será, tão bem representado; nunca, em sua terra, foi ele mais bem homenageado deste país martirizado e a cada dia mais enforcado. Ainda o vejo, meu caro Abade, como também revejo, na minha lembrança, em contraste, as caras espantadas daqueles novos Juizes da Alçada, indignados daquela humilhação, que, se tiveram coragem de encarar aquela dignidade moral encarnada, a teriam enxotado ou, quiçá, mandado à forca, naquele momento mesmo. Essa foi a lembrança daqueles dias, e o que permaneceu daquele insignificante congresso, mais turístico do que sério, cuja presunçosa carta, indigna e inútil, ninguém viu, ninguém leu, ninguém ouviu, por isso mesmo que ninguém dela tomou conhecimento. Que nem valia a pena!

Com todas essas lembranças, parece-me ter conseguido mostrar como este valoroso Instituto vem e vai briosamente cumprindo seu original estatuto, donde constava em seu artigo primeiro: **O Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, fundado em 1º de março de 1970, nesta cidade, onde tem sua sede e seu foro, é uma associação civil e científica de duração ilimitada, sem finalidade lucrativa, que tem por fim promover o estudo, a pesquisa e a divulgação da história, da geografia e das ciências conexas, em geral e, particularmente, do município de São João del-Rei.**

Mas o Instituto não é uma abstração. São, antes, os seus sócios: fundadores, efetivos, correspondentes, beneméritos e honorários. Oh como quisera e fora bem que eu fizesse aqui a chamada dos que já partiram desta vida; que eu convocasse aqui os distanciados e motivasse os ausentes a se fazerem presentes! Que interessante e verdadeiramente jubiloso seria este jubileu se se enchesse de presenças e de abraços, de vozes e de risos, de vivas e de aplausos, numa grande confraternização cinquentenária, um espaço tão grande quanto o nosso Largo da Câmara. Se, porém, uma tão

grande assembleia é fisicamente difícil, enquanto materialidade, talvez não seja de todo impossível, enquanto memória afetiva, capaz de ressuscitar os defuntos, aproximar os distanciados, e convocar os ausentes.

Instituto Histórico e Geográfico! Cinquenta anos de pelejas, de estudos, de discussões, de derrotas, de vitórias, de realizações. É preciso que se agradeça tanto esforço e se enalteça tanto trabalho. É preciso que não esqueçamos quanta contribuição e dedicação. É preciso que lembremos toda benemerência, e cada palavra boa, pronunciada em prol de São João del-Rei. Se aqui e agora é impossível lembrar-me de tudo e de todos, para de tudo a todos agradecer; que me seja permitido, ao menos, simbolizar tudo e todos no pronunciamento dos nomes dos doze apóstolos, que tantos foram, até agora, os seus presidentes. Ao citá-los, sintá-se citado neles cada um dos sócios e amigos desta benemérita agremiação, e neles fica um agradecimento a todos quantos dela participaram, ou que com ela colaboraram; ou mesmo que, alguma vez, se fizeram presentes nas suas reuniões, em cada primeiro domingo de mês, desde aquele primeiro de março de 1970 até este primeiro de março de 2020, senão igualmente daqui por todos os domingos porvindouros.

E, pois, nessa lembrança e nesse sentido, cito, com todo respeito os nomes: de Fábio Néelson, o idealizador, de Geraldo Guimarães, de José Alberto, de Ciro Gabriel, de Laís Medeiros, de Norma Marotti, de Roberto Galvão, de José Antônio, de Antônio Gaio, de Artur Moreira, de José Cláudio, e, agora, do presidente que comanda este jubileu, Paulo Roberto, o inovador, o inventor do bem sucedido café-com-prosa. Doze nomes de gigantes que, mais que indivíduos, são uma representação coletiva da já longa vida cinquentenária do nosso IHG. Seja, pois, Paulo Roberto o representante de todos os seus predecessores, de todos os sócios do passado e do presente, quem, em nome do Instituto que preside, queira receber os agradecimentos merecidos de São João del-Rei.

A você, pois, Sr. Presidente, em nome desta cidade, **manibus damus lilia plenis**, flores lhe damos a mãos cheias – ainda que só imaginadas – como símbolos da gratidão, dos louvores e dos muitos parabéns que são, hoje, por todos tributados a este nosso IHG.

E, então, terminando, professo, agora, em nome também de todos os meus confrades, uma comovida saudação, uma sincera louvação, ao nosso nobre Instituto Histórico e Geográfico desta briosa e fiel cidade de São João del-Rei. Minha louvação tem a forma de um poema que lhe escrevi e que, a partir de hoje, também se torna o seu hino oficial, musicado que foi pelo seu sócio honorário, o Professor Abgar Antônio Campos Tirado.

Vi | gil | sen | ti | ne | la em | gua | ri | ta a | van | çada,  
Qual | An | jo | da | Guar | da, | qual | Nu | me | Se | ráfico  
Cui | dan | do | da | grei;

As | sim | é | quem | ze | la | da he | ran | ça | pas | sada,  
Tal | qual | o Ins | ti | tu | to His | tó | ri | co e | Geo | gráfico  
De | São | João | del- | Rei.

**Sal | ve | Ca | sa | das | lu | tas | her | deira**  
**Dum | pas | sa | do | de | gló | ria i | mor | tal.**  
**Vi | va | cha | ma | que | ve | la al | ta | neira**  
**Em | de | fe | sa | da his | tó | ria | lo | cal.**

Na | pá | tria | ma | ter | na | do he | rói | Ti | ra | dentes,  
De | Bár | ba | ra | Be | la e | dos | tem | plos | di | vinos,  
Er | gui | dos | ao | céu,

Tu | és, | Ins | ti | tu | to, | com | bra | dos | fre | quentes,  
A | voz | des | ta | cul | ta | ci | da | de | dos | sinos,  
**Bri | o | sa e | fi | el.**

**DISCURSO NA SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AOS 50 ANOS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO JOÃO DEL-REI. 11 DE MARÇO DE 2020**

Artur Cláudio da Costa Moreira  
Titular da Cadeira 25  
*arcturusclaudius@gmail.com*

Excelentíssimo Senhor Vereador presidente Professor Leonardo Henrique de Almeida e Silva, desta solene homenagem prestada pela Câmara Municipal de São João del-Rei ao Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, Caríssimos amigos Paulo Roberto de Souza Lima, presidente do IHG, Maria Lúcia Monteiro Guimarães, vice-presidente do IHG, demais membros da diretoria do IHG, caríssimos confrades, senhoras e senhores, boa noite!

Dia 1º de março de 1970, foi um dia muito especial para a fiel e briosa cidade de São João del-Rei: fundou-se, nesta data, Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, no salão nobre da Prefeitura Municipal, que abrigava a Câmara de Vereadores da cidade. Razão esta, que os leva, hoje, 11 de março, utilizar este espaço, para uma sessão solene em homenagem. O IHG, como carinhosamente o chamamos, é uma organização, com finalidades científicas, culturais e sociais, sem fins lucrativos, intuito de propor, incentivar e desenvolver, por todos os meios, o cultivo e a divulgação de pesquisas sobre as áreas anteriormente descritas; promover e participar de movimentos, empreendimentos e ações, que visem a pesquisa arqueológica, a defesa e a conservação do patrimônio cultural tangível, intangível, natural e artístico promover cursos, conferências, palestras, seminários, mesas-redondas, oficinas, exposições, trabalhos de campo, dentre outras atividades, sobre os assuntos de seu campo de atuação; fazer intercâmbio, firmar parcerias e estabelecer convênios com entidades, universidades, escolas, instituições públicas, privadas e congêneres; manter, conservar e disponibilizar para consulta, biblioteca, mostras, mapoteca, arquivos iconográficos e de dados; publicar, por meio impresso ou eletrônico,



que permita aos associados a oportunidade de divulgação de seus artigos; recolher, guardar e preservar documentos e objetos de valor histórico além de diligenciar, junto às autoridades, a demarcação de sítios históricos e a ereção de marcos e monumentos.

Porém, o, o objeto motivador de seus fundadores, capitaneados por Fábio Nelson Guimarães – tive a honra de tê-lo como meu professor de História, no Colégio Estadual Cônego Osvaldo Lustosa e, posteriormente, como amigo, através de meu saudoso pai, Henrique da Costa Moreira, de quem Fábio era amigo. Aliás, meu pai era amigo de todos os confrades fundadores desta seleta casa de história, aqui nomeados: Adenor Simões Coelho, Altivo de Lemos Sette Câmara, Antônio Guerra, Astrogildo Assis, Augusto das Chagas Viegas, Carlos de Oliveira Ribeiro Campos, Djalma Tarcísio de Assis, Esaú de Assis Republicano, Gentil Palhares, Geraldo Guimarães (o Abade), João Adalberto de Assis Viegas, João Batista Lopes de Oliveira, Lucila César, Luiz de Melo Alvarenga, Onésimo Guimarães, Sebastião de Oliveira Cintra, Monsenhor Sebastião Raimundo de Paiva, Sílvio de Araújo Padilha, Tiago Adão Lara. Tive o privilégio de conhecer todos os fundadores, cuja memória, aqui saudamos, foi evitar a derrubada criminosa da Igreja de Nosso Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no ano de 1970, levada a efeito pela diocese de São João del-Rei. Lamentavelmente, esta nata intelectual de nossa urbe, não conseguiu seu intento e a igreja foi derrubada tendo seus bens vendidos a torto e a direito, por preço de banana. Embora, hoje, a banana esteja cara. Tive o privilégio de, ainda menino, ver a igreja de pé, e infelizmente ver a sua derrubada. Tristes dias e perdas para São João del-Rei. Não havia necessidade de tombar ao chão este patrimônio, uma vez que, ao lado da mesma, tinha um terreno que possibilitava a construção de uma nova igreja, sem prejuízo do patrimônio histórico da cidade. Restam pouquíssimas peças daquele período. Uma delas, a portada, em pedra sabão, cujo retorno à cidade se deveu a um processo aberto pelo IHG, na pessoa do advogado Wainer de Carvalho Ávila. Hoje, a portada recuperada, encontra-se no Museu de Arte Sacra.

Vimos ser desmontada quase toda a Rede Ferroviária da Estrada de Ferro Oeste de Minas, que cobria vasto território destas

Minas Gerais. O IHG não deixou de se posicionar contra sua quase extinção. Porém, o interesse de grupos de asfaltamento, interessados em terrenos e outros, foi muito maior e nada se pôde fazer. Nos dois casos nenhum político são-joanense, de expressão nacional, e nem o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937, a quem cabia e cabe proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras, tomou posição e evitou a demolição daquele patrimônio, manifestou-se contra ou objetou contra a sua extinção. Felizmente, temos um pequeno trecho que liga São João del-Rei a Tiradentes. Quanta saudade do trenzinho que nos levava a tão maravilhosos lugares e promovia o desenvolvimento das cidades por onde suas linhas de aço passavam. Uma parte das memórias da Ferrovia foi perpetuada através da produção de 2 DVDs, em projeto assinado pelo IHG, sob a gestão de José Roberto Câmara Vitral; todos, via Leis de Incentivo a Cultura.

Durante estes 50 anos, o IHG produziu a edição de 14 revistas, com um número considerável de artigos, cujos exemplares estão distribuídos nos mais diversos rincões de nosso país e até na Biblioteca do Congresso Norte Americano. Tais revistas são uma fonte riquíssima para pesquisadores sobre a história desta nobre cidade e sua região.

O IHG, na atual gestão, sob os cuidados de seus membros, Paulo Roberto, Lucinha Guimarães, Antônio Gaio, realiza, mensalmente, o evento Café com Prosa – Roda de Conversa, versando sobre temas culturais em seus amplos aspectos e voltado para a história da Comarca do Rio das Mortes. No dia 1º de março do corrente ano, O IHG como apoio da Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Cultura, do Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e da FUMPAC, nos brindaram com o lançamento do livro Estórias por trás da história são-joanense. São as histórias quase ocultas, guardadas no cérebro das pessoas, contadas enquanto se bate um papo e toma-se café acompanhado de bolos, biscoitos e torradinhas.

Em 2019, além do lançamento do livro comemorativo dos 300 anos de elevação à Villa, ocorrida em 1713, o IHG lançou uma pequena coletânea da vasta obra do emérito, honorável e admirável professor Abgar Antônio Campos Tirado, cujo pai, o senhor Antônio Tirado Lopes foi vice-prefeito desta cidade, na gestão de Padre Osvaldo Torga. O “seu” Tirado é o patrono de minha cadeira no IHG.

Senhores vereadores, peço, em nome o IHG, que vossas senhorias envidem esforços no sentido de fomentar recursos para a restauração dos livros de arquivo da Câmara Municipal que se encontram, hoje, sobre a guarda de Biblioteca Pública Municipal Baptista Caetano D’Almeida. É uma coleção rara que conta a história desta egrégia casa e da cidade, desde a criação da vila, em 1713. Há que se lembrar, meus amigos vereadores que esta casa, além de ter servido de berço à fundação do Instituto, é notória produtora de política e, sobretudo, de história. Destarte, peço-vos que mantenha toda a memória e documentação geradas em suas reuniões, bibliografias e retratos de pessoas homenageadas em nomeações de bairros ruas, praças e avenidas de São João del-Rei. Hoje e no futuro, tenha a certeza, professor Leonardo, a história de vossa senhoria e desta casa, será alvo dos mais variados pesquisadores. Repito, aqui, se faz uma parte da história de São João del-Rei.

Neste exato momento, pessoas, desde as mais simples e desconhecidas até às mais esclarecidas e conhecidas, estão construindo a história. Caberá, no futuro, àqueles que nos sucederem nas cadeiras do IHG, contar a sua história. A cidade está crescendo, lamentavelmente desordenadamente e sem um bom planejamento, bairros estão surgindo e sua história não está sendo escrita, embora esteja sendo feita.

Quero, neste momento, ressaltar a importância da memória escrita mas, sobretudo, a que está na memória fabulosa de duas pessoas que fazem parte do nosso IHG: senhores Geraldo José da Silva e Wainer de Carvalho Ávila. Peço-lhes, meus colegas, encarecidamente que comecem a redigir suas lembranças dos monumentos, casas culturais, fatos e personagens que fizeram parte da vida são-joanense. Ambos são dotados de excepcional memória, lembrando nomes completos, datas exatas, locais, prédios que

existiram, fatos políticos da cidade e região que não podem se perder na noite dos tempos. A cada conversa que se tem com um dos dois, lamento não ter um gravador à mão para eternizar os fatos e personagens por eles narrados. Meus amigos, se puderem, escrevam.

Fui nomeado sócio efetivo do IHG, na gestão do então presidente Antônio Gaio Sobrinho, pelas mãos do confrade José Antônio de Ávila. Embora sendo um membro novato, um grão de areia no meio de uma praia de sonhadores e conhecedores profundos da história da Comarca, tive a honra de presidir e vice presidir nosso sodalício por duas gestões, ladeado por notáveis membros como Bruno Nascimento Campos, José Alberto Ferreira, Messias Neves, Francisco José dos Santos Braga, José Carlos Hernández Prieto e Antônio Gaio Sobrinho, contando obviamente com o apoio dos confrades. No período em que estivemos à frente do IHG, demos continuidades aos projetos da Capital Brasileira da Cultura, sob a gestão de Adenor Luiz Simões Coelho. Possibilitamos através de projeto, a aquisição de equipamentos para o grupo Lendas São-joanenses, reformaram-se capelas em alguns distritos de nossa cidade, sob os auspícios do IHG. Demos continuidade ao processo da retomada da portada da Igreja de Matosinhos, com o confrade Wainer de Carvalho Ávila e cujo retorno, graças a bondade divina, concluiu-se na atual gestão. Ainda sob a égide de Wainer Ávila, realizou-se o registro tardio da Beata Nhá Chica, nascida no Distrito do Rio das Mortes e do maior herói que o Brasil já teve: o são-joanense Joaquim José da Silva Xavier. Proporcionamos também através de projetos, a manufatura dos sinos das Igrejas de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo. Fomos proponentes da criação do Museu do Sino, com projeto do arquiteto André Dangelo que não encontrou apoio do governo federal. Através do IHG, criou-se a Comenda Liberdade e Cidadania, com a participação das cidades de São João del-Rei, Ritápolis e Tiradentes, que visa homenagear pessoas de destaque na área cultural e, sobretudo, louvar o herói maior desta nação: o são-joanense Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Produzimos quatro edições da folha do IHG, com artigos de seus sócios efetivos. Proporcionamos à cidade edição de três ciclos de estudos, compostos de palestras, apresentações de grupos culturais da

cidade, buscando, como sempre, valorizar a história riquíssima de São João del-Rei. Neste período o prédio do IHG, teve a sua segunda reforma. Houve uma terceira reforma sob a atual administração, com apoio com Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, cuja parceria com o Instituto Histórico, através de sua presidente Ruth do Nascimento Viegas e demais conselheiros, tem sido de grande valia nas lidas do IHG.

Aqui repito uma frase do amigo Mário Werneck. “A história do Brasil passa por Minas Gerais. A de Minas, passa por São João del-Rei. Ou seja, a história do Brasil, passa, necessariamente, pela amada cidade onde os sinos falam.

Há muito que se contar sobre a história do IHG, senhores e senhoras, todavia, já me fiz alongar e cansar-lhes os ouvidos. Agradeço-lhes pela presença e pela gentileza de escutar-me. Tenham todos uma boa noite. Meu fraterno abraço. Paz, bem e luz!.

## DA VIDA BISSEXTA

Juliana Prado

Costumo dizer que sou cidadã bissexta. Ou talvez tenha criado isso neste exato momento. Não sei. Mas é como me sinto de vez em vez. Fato é que pertencço a tanto lugar que, às vezes, é como se não pertencesse a nenhum. Esse pensamento me ronda as ideias desde o domingo, dia 1º de março. Estava eu em São João del-Rei, meu lugar inaugural de pertencimento, quando me vi orgulhosa do meu chão. Cidadã cheia de si. Bissexta, mas intensa e presente.

Explico.

Em um espaço de menos de dez horas, estive, a convite de minha mãe, em dois eventos que me fizeram estufar o peito e dizer do ‘orgulho danado’ de ser são-joanense. Era ainda cedinho quando chegamos à sede da Sinfônica de São João para o evento do Instituto Histórico e Geográfico. Estavam a comemorar os 50 anos exatos de criação da instituição. Como o Coral da Asap se apresentaria, fomos pra lá, prestigiar o seu canto, a festa e registrar tudo o que pudéssemos.

Mas o pouco que vi foi tudo mesmo. Vi uma gente cheia de brilho no olho, em defesa da história, da memória e das coisas de São João del-Rei. Conheci gente interessante e interessada em valorizar nossa terra. Vi gente engajada e ciente da importância de manter nossa história de pé. Mas tinha muito mais ali. Ouvi música clássica e uma soprano de tirar o fôlego enquanto conhecia os bordados da oficina Café com Prosa, um luxo de simplicidade e arte boa. Pra mim, caldo de cultura é isso: o erudito e o que é do povo junto, misturado, todo mundo empoderado.

Bom, não bastasse a comemoração da manhã, à noite, lá fomos nós de novo. Parar na mesma Sinfônica em outro evento do IHG da cidade. Afinal, seria lançado ali um livro sobre a história dos ‘anônimos’ da nossa terra. Do pessoal do bordado, da cozinha, da contação de história, do carnaval, da música, do folclore... Tudo ali no livro ‘A estória por trás da história são-joanense’ E, de novo, quanta surpresa boa... Ainda mais ao ver ali os personagens, a gente

‘anônima’ que faz a história real, do chão de fábrica da cidade que tanto ando reaprendendo a amar.

Às vezes, pela força da tradição e o peso da história, cumprimos tanto as medidas da vida ‘oficial’ que esquecemos do que flui solto. E a arte popular é isso: é a coisa que flui solta, fanfarrona, a debochar de nossa pompa e circunstância. Por isso, juntar tudo numa coisa só é papel de quem cultiva a arte e valoriza memória. É ópera com café fresco. Cantata russa com cigarrete quente. É sino litúrgico numa gigante e imaginária oficina de bordado livre à beira da calçada. Só por isso, por ter jogado luz em quem muitas vezes não tem voz, o Instituto Histórico já mereceu o nosso olhar atento. Só por este dia, que já foi muito.

Dito tudo isso, eu, bissexta que sou, estou a dever. Não bordo, não canto, não pinto nem represento. Mas, pra compensar minhas faltas, querida São João del-Rei, te sopro no vento, conto ao povo quem és. Digo do que andou fazendo no passado e como você tem se reinventado no presente. Te faço retrato e te beijo as mãos. E depois digo em alto som, aos de longe daqui, que seu chão é barroco, feito de história, potente. (Ah! E que seu caminho não foi feito de asfalto quente, mas de terra boa, bloquete e paralelo rente.)

Eu, bissexta, assino e dou fé dessas ideias tortas depois de um dia cheio de cultura e gente. Te confesso que muito te devo, mas trago no peito um amor danado por você. Querida São João del-Rei.

## O PAPEL DO PORTUGUÊS E EMBOABA JOSÉ MATTOL NAS ORIGENS DE SÃO JOÃO D'EL-REI

Paulo Roberto de Sousa Lima  
Titular da Cadeira 2  
*pierreslima@gmail.com*

O estudo da vida e presença do Capitão José Mattol na região das Vertentes se constitui excelente oportunidade para se procurar entender os principais aspectos da ocupação, pelos reinóis, do interior do território do Brasil Colônia. No caso, a ocupação das paragens do Rio das Mortes e o movimento populacional que constituiu alguns dos primeiros arraiais das terras das Minas Gerais, construindo-se a alteridade de sentimentos que gradativamente comporão o senso de mineiridade.

Permite, também, oportunidade de se estudar a Guerra dos Emboabas, evento histórico que marca não só a ocupação e a institucionalização da região das Vertentes, mas a própria consolidação de um conjunto de ideias e valores que firma o surgimento do próprio sentimento de mineiridade, e porque não a brasilidade, como movimento precursor dos demais movimentos nativistas, civilistas e libertários nas terras brasileiras.

A abordagem aqui desenvolvida busca aprender com a inspiração positivista que enfatiza a presença documental e descritiva, típica dos primeiros trabalhos sobre o movimento Emboaba. Aprende também com a concepção antropológica de que as ideias e valores que permeiam a ação dos homens e sua inserção no mundo pessoal e social em que subsistem, situam-se no seu contexto material e histórico. Aqui se peleja com as limitações para o estudo de uma figura e um movimento historicamente envolto em um conflito ideológico (concepções conflitantes sobre o ser emboaba ou paulista); em fragilidades analíticas decorrentes das dificuldades de alteridade em relação àquele momento histórico, ambos decorrentes de flagrante pobreza documental.

Estudar a vida e a atuação do Capitão José Mattol nos permite reconhecer que ele foi, dentre outros poucos, figura histórica



estratégica pela sua inserção como liderança no movimento emboaba; no seu impacto pessoal e oficial na ocupação da região às margens do Rio das Mortes no período de 1684 a 1751 e ter sido um dos poucos a contribuir, como missivista, para a possibilidade do entendimento do processo histórico da ocupação e constituição da hoje São João del-Rei, que lhe homenageia na toponímia de bairro urbano, o Matola. O que caracteriza o contexto ambiental e histórico da presença de José Mattol na região das Vertentes?

### **Primórdios (até 1684)**

Os povos primitivos (Puris, Carijós, Tremembés), cultura indígena com 10 mil anos de inscrições rupestres, o que torna as práticas dos recém-chegados europeus e negros africanos um pequeno recorte de tempo de 300 anos de nossa história. Importantes, no entanto, porque são os tempos da documentação escrita: agora sabemos que civilização somos. A riqueza da terra prometida.

Os primeiros visitantes organizados: a bandeira de Fernão Dias Paes Leme em 1674 (de Taubaté ao sertão mineiro; no Rio das Mortes, a fundação de Ibituruna nas terras da promessa: água, comida e proteção numa terra que mais parece a terra prometida).

### **Breve história de vida de José Mattol**

Português (de que região?), chega ao Brasil (por onde? Com qual idade?) antes de 1.700. Em 1.709 já é Capitão do Corpo Auxiliar, indicado por Dom Fernando Lencastre. Antes, instalado no Arraial Novo (casado? com quem? Teve filhos?) é promovido a Sargento-Mor, planifica e dirige as fortificações do Arraial Novo, agora do Pilar (no povoamento do morro de N. S. do Pilar). Posteriormente, na fortificação da várzea, próximo do Porto Real da Passagem. Em 1709 é também indicado por Dom Fernando Lencastre como um dos dois “medianeiros da paz” pelos emboabas (o outro, José Álvares de Oliveira, figura de grande importância para a história da região) na tentativa de apaziguar a mágoa dos que foram derrotados na batalha de Caetés e Ouro Preto. Após a propalada chacina dos paulistas no

“Capão da Traição”, organiza e dirige a defesa da fortificação da várzea no ataque revanchista dos paulistas, onde usa estratégias de defesa forte e ataques furtivos. É ferido. Mais tarde, é eleito juiz ordinário do Senado da Câmara do Arraial, criado em 1713, por quatro mandatos (1717 e 1721). Em 1724 obteve sesmaria de terras “da outra parte do rio Canindai ou Carandai”. É eleito novamente para o Senado da Câmara nos mandatos de 1729 e 1733. Importante por ter registrado (como em 1740, na sua “Pratica” encaminhada ao Padre Antonil) os fatos da história dos primórdios da ocupação da região do Rio das Mortes, como participante, testemunha ocular e contemporâneo. Viveu até depois de 1751 e recebe a homenagem de ter seu nome como topônimo de bairro em São João, o Matola.

### **NOTA COMPLEMENTAR À EXPOSIÇÃO SOBRE A PRESENÇA DO CAPITÃO JOSÉ MATTOL EM SÃO JOÃO DEL-REI**

Na pesquisa que apresentei sobre a figura e obra do patrono da cadeira 02, que com muito orgulho ocupo, anotei vários lapsos de informação. Venho mantendo o cuidado e a atenção de coletar informações, fatos e eventos que nos ajudem a entender o momento e a perspectiva histórica da ação do referido patrono na sua contribuição para a ocupação e urbanização da Vila N. S. do Pilar, hoje São João del-Rei. Nesta busca tive acesso ao texto “Viver nos trópicos com bens do Império: a vinculação de pessoas e objetos no Império Português” produzido pela Doutora em História Moderna e Pesquisadora Associada do CHAM – Centro de História de Além Mar, ligado à Universidade Nova Lisboa/Universidade dos Açores, Ana Luiza de Castro Pereira.

O texto apresenta resultados de pesquisa que conduziu sobre a vida material expressada nos inventários post-mortem de portugueses que habitavam em Sabará, no Século XVIII, período em que já se encontrava o Capitão José Mattol como morador da Vila N. S. do Pilar. Ela destaca o crescimento vertiginoso da população das Minas Gerais, sendo que, segundo José Pedro Xavier da Veiga, no seu “Ephemerides Mineiras”, de 1778 (pág. 194), essa população estava

assim distribuída: Comarca do Rio das Velhas (sede em Sabará), 99.576; Comarca do Rio das Mortes (sede em São João Del-Rei), 82.781; Comarca de Vila Rica (sede em Ouro Preto, também sede do governo em 1720), 78.618; Comarca do Serro (sede em Serro Frio), 58.794. Ao final do século XVIII a Comarca de Vila Rica já possuía 100.000 habitantes.

Essa população se vinculava e dependia da economia extrativista, estabelecendo uma relação direta entre a metrópole, Portugal, a administração da Colônia, subdividida em Províncias e a administração das Minas, que se subdividia em Comarcas, como acima citado. Esse crescimento fez com que o volume de ouro produzido na província crescesse de forma acelerada: os dados e informações da pesquisa indicam que em 1699 foi anotado que as Minas Gerais produziram e enviaram para a metrópole ½ tonelada de ouro, fora o contrabando. Em 1720 o total já era de 25 toneladas, também fora o contrabando, uma preocupação da administração colonial.

No período entre 1750, próximo do final da vida de José Mattol, com o estabelecimento do movimento da Restauração portuguesa e o despotismo esclarecido de Marquês de Pombal, o ouro começou a se tornar escasso para o extrativismo de aluvião. Neste processo, a autora chama a atenção para o papel dos tropeiros "estrangeiros" no fluxo econômico da região e pelo qual seu papel socioeconômico foi sendo alterado e eles se tornaram os principais elos no abastecimento da população minerária, convertendo-se, gradativamente, em comerciantes de bens e de escravos.

A pesquisadora anota que essas informações já eram do conhecimento da Igreja pela coleta de informações que diferentes padres promoviam. José Mattol se correspondia com o Padre Diogo Soares e esse e os outros encaminhavam as informações coletadas na ponta da administração das vilas e povoados para informantes privilegiados junto a Província, que as encaminhava à Corte Portuguesa. Um dos mais significativos foi, como afirma a pesquisadora, o Padre Giovanni Antônio, também chamado de João Antônio Andreatti ou como ficou conhecido mais tarde: André João Antonil. Cito da autora: "Jesuíta italiano, que antes de se integrar à

Companhia de Jesus estudou Direito Civil na Universidade de Perugia. Quando completou 18 anos, em 1667, ingressou na Ordem Jesuíta. Por ela chega a Salvador, na Capitania da Bahia, em 1.681, onde viveu e faleceu em 1716. Exerceu neste período o cargo de Reitor do Colégio por duas vezes, tendo sido Provincial de 1705 a 1709. Foi estudioso da economia colonial sendo sua obra “Cultura e Opulência do Brasil”, publicada em 1711, considerada por historiadores como um dos melhores estudos feitos sobre a economia e sociedade das Minas Gerais no Século XVIII”.

A exposição que fez para a Corte das condições socioeconômicas das Minas foi vista pela Coroa como uma ameaça à tão alegada estabilidade buscada para a Região já que demonstrava que a opulência trazia consigo o desejo da autonomia: na crise dos Emboabas, Minas conduziu à escolha do primeiro governador eleito pela população em toda a América Latina (Manuel Nunes Vieira). Em função disso, a maioria dos exemplares da obra foi confiscada e retirada de circulação. Essa obra foi editada pela Livraria Itatiaia/EDUSP, BH, em 1982, sob a grafia do nome de A. J. Antonil.

## Referências

ALVARENGA, Luiz de Melo, “Informações do Sargento-Mor José Mattol”, in Revista do IHGSJ: vol III, 1985. p.7-16.

GAIO SOBRINHO, Antônio, “São João Del-Rei através de documentos”, SJDR, UFSJ, 2010.

GUIMARÃES, Fábio Nelson, “Fundação Histórica e São João Del-Rei”, in Origens Históricas de São João Del-Rei, BH, BDMG Cultural, 2006. p.13-66.

GUIMARÃES, Geraldo, “São João Del-Rei: Século XVII – História Sumária, SJDR, Editora do do Autor, 1996.

\_\_\_\_\_, “São João del-Rei até a Guerra dos Emboabas”, in “Revista do IHGSJ: vol. II, 1974-1975”, SJDR, IHG-SJ, 1975. p.79-95.

PRIORE, Mary del, “Histórias da Gente Brasileira” vol 1 – Colonia; SP, Le Ya, 2016;

ROMEIRO, Adriana, Guerra dos Emboabas: balanço histórico, In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ementa, s/data;

\_\_\_\_\_ “Paulistas e Emboabas no Coração das Minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII”, B. H., Ed. UFMG, 2.008;

## **Agradecimentos**

Aos confrades que me ajudaram a escolher a temática do patrono da Cadeira 02, em especial aos confrades José Alberto e Lucia Guimarães, suportadores nas horas difíceis, orientadores na pesquisa e contribuidores documentais;

Ao confrade Antônio Gaio Sobrinho que mui prestativamente me permitiu acesso ao vol II da Revista do IHG;

Ao Presidente José Cláudio e a Secretária Ana Cintra que me apoiaram nas questões da definição da minha temática e pelos trâmites administrativos da sua realização;

A Prof. Maria de Lourdes Rasmunssen, amiga e apoiadora de toda hora, que me auxiliou no entendimento da questão Emboaba, com pesquisa e explicações do embate na cidade de Ouro Preto (“Cabecas” e “Antônio Dias”).

A Rodrigo Mateus pelo apoio técnico de informática nas várias etapas deste estudo e preparação do evento.

Com todos compartilho os méritos do trabalho e a satisfação de ter feito o estudo ora apresentado. Entretanto, quaisquer erros e equívocos no estudo ou na apresentação são da minha inteira responsabilidade.

## O INCONFIDENTE ESQUECIDO: ENSAIO SOBRE O QUINTO IMPÉRIO NO BRASIL

Paulo Roberto Furtado de Azevedo Varejão<sup>2</sup>  
*parovar@uol.com.br*

Pedro de Rates Hanequim (ou Henequim) nasceu em Lisboa no último quartel do século XVII. Era filho bastardo do cônsul holandês Francisco Hanequim, natural de Rotterdam, e de mulher portuguesa de baixa extração social. Cresceu como agregado na casa paterna mas foi educado como católico por um certo Frei Rodolfo. Quando o pai retornou à Holanda em 1702, Pedro de Rates embarcou para as recém-descobertas em Minas, a fim de tentar a sorte por lá.

Fixou residência na região de Caeté e Sabará e foi bem-sucedido como minerador. Desde cedo tomou parte nas querelas políticas da região e afirmou posição, ao lado da parcialidade emboaba, durante a Guerra dos Emboabas de 1709 a 1710. Foi premiado com um cargo, na ocasião, pelo governo rebelde de Manoel Nunes Viana.

Muito embora "emboaba", nem por isso Hanequim permaneceria intransigentemente português e pró-Metrópole. Ele era, antes de mais nada, um mestiço étnico, social e cultural. Era filho de germânico com latina. Residindo na condição insegura de agregado em lar protestante, foi criado como católico. Tudo isso o predispunha à tentação da marginalidade. Do convívio com o diferente. Tal tendência se evidenciou durante sua longa permanência nas Minas Gerais.

Note-se que Hanequim recebeu, ainda em Portugal, esmerada educação formal sob a égide jesuítica, tendo estado em menos de dois anos para graduar-se em Teologia, quando de seu embarque para o Brasil. Aqui chegou inebriado pelo misticismo sebastianista que empolgava boa parte da Companhia de Jesus.

---

<sup>2</sup> Paulo Roberto Furtado de Azevedo Varejão, Historiador e membro do IHG, é Professor Adjunto IV no Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de São João del - Rei ( UFSJ).

Hanequim não tardou a vincular-se, em território mineiro, a grupos de estudo constituídos por cripto judeus de origem lusa (cristãos novos) dedicados a penetrar nos mistérios da Cabala Hebraica. A marginalidade e o oculto o atraíam. Frequentava essas reuniões clandestinas, que possivelmente revolveram o terreno para que, mais tarde, nele se fixassem os alicerces das primeiras Lojas Maçônicas em Minas, de cujo papel na Inconfidência de 1789 existem indícios.

A presença da mística judaica no Brasil remonta aos primeiros séculos coloniais, e dentre os cristãos novos aqui estabelecidos era unânime a percepção de que ao nosso país estava reservada uma missão singular na História da Humanidade. Já no século XVII, na Paraíba, o judeu Brandônio - Ambrósio Fernandes Brandão - afirmava em seu "Diálogo das Grandezas" que as frotas do Rei Salomão teriam atingido o Brasil cerca de um milênio antes de Cristo e que o porto bíblico de Ofir se situaria nas proximidades da Fortaleza africana de São Jorge da Mina, na época administrada diretamente da Bahia.

Esse caldo de cultura hebraico que ensopava o Brasil Colonial não era estranho à Ordem Jesuítica. Sabe-se que o grande Padre António Vieira era um filosemita convicto, cultivando a amizade do notável e erudito Rabino de Amsterdam, por nome Manassés Ben - Israel. Seria a partir de suas conversas com o Rabino Manassés que, influenciado pelo messianismo judeu, Vieira se animaria a escrever seu portentoso livro intitulado "História do Futuro".

O escopo do referido escrito vieirista está lastrado na tradição milenarista portuguesa presente no nacionalismo popular sebastianista e nas trovas - escritas por volta de 1545 - do sapateiro cristão-novo Gonçalo Eanes Bandarra, o " Nostradamus Português". Em versos enigmáticos, o Bandarra teria profetizado a Restauração portuguesa de 1640, ocasião em que Dom Sebastião encarnaria no Duque de Bragança, o futuro Rei D. João IV. Teria continuidade assim, na nova dinastia, a missão histórica da Casa de Avis, que implementada pelo Infante Dom Henrique, teria como objetivo a implantação da Era do Divino Espírito Santo na face da Terra. Note-se que Avis é um nome anagramático, pois lido às avessas resulta em

Siva, Terceira Pessoa da Trimurti Hindu, e que corresponde ao Espírito Santo cristão. Desse sonho se originaram as Festas do Divino ainda tão presentes em Minas.

Na sua "*História do Futuro*" o Padre António Vieira atualizaria tanto a mística sebastianista quanto a profecia da Era do Espírito Santo, traduzindo-as sob a perspectiva do Antigo Testamento hebraico e assumindo o formato de uma próxima ascensão de um Quinto Império sob cetro português.

O que Vieira fez foi reinterpretar de um ponto de vista português o relato bíblico de um sonho de Nabucodonosor, devidamente decodificado pelo Profeta Daniel. Em linhas gerais, o que o velho jesuíta luso-baiano escreveu foi o seguinte: o mundo teria conhecido, até o momento em que redigia a sua obra, quatro grandes impérios. Seriam eles o Assírio Babilônico de Nabucodonosor, o Persa de Ciro, o Grego de Alexandre e o Romano dos Césares. O Quinto Império seria o Português, cujo início aconteceria com a chegada do Imperador Encoberto que unificaria definitivamente o planeta, dando origem ao milênio universal.

Ora, o notório filossematismo de Vieira lhe trouxe muitos problemas com a Inquisição, os quais resultariam inclusive numa interdição de seus escritos. Sua "*História do Futuro*" somente viria a ser impressa em Lisboa em 1718, vinte anos após a sua morte. No entanto, desde o início do século, cópias manuscritas clandestinas dos textos proféticos de Vieira começaram a circular na região mineradora, introduzidos pelo vigário de Ouro Branco, Padre Manuel Lopes de Carvalho, e encontraram franca acolhida nos centros de estudos cabalistas mineiros. Foi ali que o nosso Pedro de Rates os leu e começaria a fermentar em sua cabeça planos grandiosos para o Brasil.

À maneira de Vieira, Hanequim reinterpretaria criativamente as profecias de Daniel relacionadas ao Quinto Império, porém de uma perspectiva do colonizado. Do Brasileiro. Enquanto Vieira colocava a sede do Quinto Império em Lisboa, Hanequim a situaria em meio às serras de Minas Gerais, que ele tinha como sendo a região mais opulenta do globo. Estava a um passo da Inconfidência aberta.



Abeberando-se de fontes cristãs-novas da terra brasileira, Hanequim encontraria justificados motivos para conceder ao Brasil a palma da quinta monarquia. Aqui se realizava uma fusão racial sem precedentes. Tanto o já citado Brandônio quanto o licenciado Antônio de Leon Pinelo, filho de marranos portugueses, sustentavam que os índios brasileiros descendiam das tribos perdidas de Israel. Sua cor avermelhada remetia ao nosso primeiro pai Adão (eventualmente significando "vermelho" em hebraico), o qual teria nascido no Brasil e se passado de pé enxuto a Jerusalém, abrindo-se para isso as águas do Atlântico, à semelhança do que ocorreria mais tarde com Moisés no mar Vermelho.

O próprio Paraíso Terrestre teria existido entre as serras de Minas, tendo sido o inteiro Brasil poupado do Dilúvio Universal, visto que na ocasião teria sido posto a flutuar sobre quatro rodas nas águas da enchente, como no animal fantástico de Ezequiel e da nave Mercabah. A fruta da perdição também foi nacionalizada: seria não a maçã, mas a banana ou o maracujá. Sérgio Buarque esclarece que Hanequim sincretiza as místicas cristã e judaica. O Adão que rompe o oceano parece uma versão do Mito do Sumé, o São Tomé cristão, que teria vindo em tempos remotos evangelizar os nativos da terra e, sendo por eles repellido, voaria sobre o Atlântico vindo a aterrizar em Meliapor, na Índia Portuguesa, onde terminaria a sua vida.

A nossa antiga Comarca do Rio das Mortes guardaria em seu seio sinais da passagem do apóstolo São Tomé pelo Brasil. A historiadora Adriana Romeiro assinala que o Padre José Mascarenhas, jesuíta contemporâneo de Hanequim, foi o primeiro que registrou, a partir da então chamada "Serra das Letras", caracteres hebraicos que supostamente denunciavam a passagem de São Tomé por terras então pertencentes a São João del-Rei.

Na cabeça de Pedro de Rates Hanequim, todo esse conjunto de circunstâncias reais e imaginárias apontavam para a excelência da terra brasileira, segundo ele detentora de um mandato divino para sediar, nas Minas, uma Quinta Monarquia Universal. Ele retornaria para Portugal em 1722, mas sem renunciar aos seus planos de fazer do Brasil, mais do que um país independente, o centro de um Império mundial. Sem prejuízo do papel histórico de um Felipe dos Santos,

em 1720, e principalmente de um Tiradentes em 1789, Hanequim também faz por merecer o seu lugar no panteão dos patriotas mineiros. Foi talvez o mais visionário dentre eles, mas ainda não reconhecido pela História Pátria.

Ao retornar para Portugal, politiquero como era, Pedro de Rates passaria a tramar a independência do Brasil. As fontes de que dispomos não são conclusivas, mas indicam que ao longo de vários anos ele logrou, pacientemente, construir vínculos com membros esclarecidos da alta aristocracia, tendo em vista aclamar Rei do Brasil ao Infante Dom Manoel, irmão mais novo do Rei D. João V de Portugal. Se bem logrado, esse plano anteciparia de uns bons 80 anos a nossa independência política. Foi, porém, denunciado e preso por ordem do próprio Rei em 1741. Como, porém, o seu processo por inconfidência passou a envolver figurões da nobreza, em particular um dos irmãos do monarca, resolveu-se abafar o caso, e por isso pouco dele sabemos. E ao invés de ser julgado pela Justiça de Estado como inconfidente, Hanequim foi relaxado à Justiça eclesiástica a fim de responder perante à Inquisição pelos crimes de heresia e apostasia. Pagou com a vida o seu atrevimento em 1744, sendo executado no garrote vil, tendo depois o corpo queimado e suas cinzas espalhadas.

É interessante se notar que a temática da Quinta Monarquia encontra ressonância no conceito maçônico de Quintessência, em sua representação no Pentagrama que está bordado nos paralelepípedos fronteiros à igreja de São Francisco, também no postulado teosófico de que a Humanidade se encontra, agora, no limiar da realização final de sua Quinta Raça-Raiz. Ao intelectual mineiro Luiz Gonzaga de Souza Lima cabe o mérito de, nesse sentido e em livro recente, haver resgatado da obscuridade em que se encontrava o advogado e teósofo mexicano José Vasconcelos Calderón, antigo Ministro da Educação em seu país.

Em seu livro "La Raza Cósmica", publicado em 1925, José Vasconcelos defende que a História do Mundo Ocidental, desde a queda de Roma no ano 476 de nossa era até os nossos dias, está atravessada por uma luta sem tréguas entre a Latinidade e o Germanismo, este principalmente em sua vertente anglo-saxônica. Segundo ele, apenas a Latinidade Mestiça que está se forjando em

nosso continente, e principalmente no Brasil, estaria em condições de promover a união final de todos os povos da Humanidade. Acabar com o imperialismo e as guerras. Readaptando criativamente as ideias teosóficas que professava, Vasconcelos sublinhava que a Humanidade havia passado já por quatro estágios raciais: os negros lemurianos, os vermelhos e amarelos atlantes e os brancos arianos. A Quinta Raça, que ele chamava de Raça Cósmica, estaria em passo acelerado de constituição no Brasil através da mestiçagem envolvendo as quatro precedentes, as quais coabitam em nosso território. Findo esse processo a nossa Latinidade Afro-Ameríndia suplantaria o Anglo-Saxão, campeão do Branco Puro, e ergueria o Quinto Império da Quinta Raça, que Darcy Ribeiro traduziu em termos da ereção de uma Nova Roma, fraterna e Tropical. Dar a Hanequim e a Vasconcelos o seu devido lugar em nossa História é resgatar a capacidade de fazer o Brasileiro, mais uma vez, sonhar.

## Referências

- ADRIÃO, Vitor Manuel. *Mistérios Iniciáticos do Rei do Mundo*, São Paulo: Madras, 2002.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo das Grandezas do Brasil*, Recife: CEPE, 2019.
- CHACON, Vamireh. *Deus é Brasileiro: o imaginário do messianismo político no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- GOMES, Plínio Freire. *Um herege vai ao paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Sousa. *A refundação do Brasil: rumo a sociedade biocentrada*, São Carlos: Rima, 2011.
- MORAES, Wesley Aragão de. *Alma brasileira, alma sul-americana: antropogeografia oculta*, São Paulo: Barany, 2014.
- PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. *História secreta do Brasil: o millenium e o homem universal*, São Paulo: Proton, 2016.
- PENNA, José Osvaldo de Meira. *Utopia brasileira*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROMEIRO, Adriana. *Um Visionário na Corte de D. João V: revolta e milenarismo nas Minas Gerais*, Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- SANTOS, Miguel. *O Outro Lado do Tempo: a gnose do extremo ocidente e o futuro da humanidade*, Funchal: Pico Vermelho, 2016.
- SCHWENNHAGEN, Ludwig. *Antiga História do Brasil*, Rio de Janeiro: Cátedra, 1970.
- VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica*, Cidade do México: Porrúa, 2010.
- VIEIRA, António: *História do futuro: esperanças de Portugal, quinto império do mundo*, Brasília: UnB, 2005.

## **FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO: UMA TRISTE PARTE DA SAGA BOTÂNICA BRASILEIRA**

Wanderley Mario Guilherme (Wanguí)  
Titular da Cadeira 16  
*wanguisjdelreiguilherme@hotmail.com*

Apresento o resultado dos meus estudos sobre essa figura reconhecida entre os naturalistas brasileiros como aquela que mais se empenhou no estudo de nossa flora. Homenageio, pois, o Frei José Mariano da Conceição Vellozo, que ocupa lugar de destaque pela sua obra monumental, especialmente a intitulada “Flora Fluminensis”, terminada em 1790. Espero com esse esforço ter me tornado uma pessoa melhor e mais feliz por compartilhar isso com os confrades desse sodalício.

Frei Veloso nasceu em 1741, na então Província de Minas Gerais, Comarca do Rio das Mortes, na freguesia de Santo Antônio da Vila de São José del-Rey, Bispado de Mariana. Filho de José Vellozo da Câmara e de Rita de Jesus Xavier, por isso primo de Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes.

Bem jovem se sentiu atraído ao estudo das ciências naturais, principalmente uma forte predileção pela Botânica. Fala-se que mais do que qualquer outro tipo de leitura gostava Frei Veloso do “livro da natureza”, fazendo muitas vezes, com seus companheiros, excursões botânicas, entranhando-se nos bosques a procura de flores, a fim de pesquisar-lhes os nomes e as diferenças morfológicas. Apesar de nunca ter tido mestre, conseguiu em pouco tempo aprender muito sobre as principais plantas do lugar em que nasceu.

Em 1761, portanto aos 20 anos, tornou-se franciscano no Convento de São Boaventura, em Macacu, tendo sido ordenado no Convento de Santo Antônio, do Rio de Janeiro, onde estudou Filosofia e Teologia.

Foi nomeado pregador em 1768 e em 1771 já era professor de Geometria, Retórica e História Natural no Convento de São Paulo. Das ciências que lecionou, nenhuma lhe agradava tanto como a História Natural, já que, naturalista por vocação, transformou “seu

claustro em um museu herbário, cultivando sua dedicação aos estudos botânicos”.

No ano de 1779 veio governar o Brasil, na qualidade de vice-rei, um português distinto, chamado Luiz de Vasconcellos e Souza. Tendo notícias da predileção e do raro talento de Frei Veloso pelas Ciências Naturais, principalmente pela Botânica, pediu ao então provincial Frei José dos Anjos Passos para que Frei Veloso fizesse excursões em toda a Capitania do Rio de Janeiro e reunisse o resultado de suas pesquisas numa obra conjunta.

Surge então a fase mais importante da vida do ilustre frade naturalista. Durante oito anos consecutivos vemos o incansável pesquisador subir as serras mais altas, descer aos mais profundos vales, e emaranhar-se nos vastos e inextrincáveis bosques. Percorreu as matas e praias do Rio de Janeiro em todas as direções, subiu a serra de Paranapiapaba e Parati, visitou as quinze ilhas do Rio Paraíba do Sul, conseguiu levar a cabo suas investigações, reunindo o fruto de suas pesquisas em trabalhos magníficos, alentados em tamanho e de imenso valor científico, por ele intitulados “*Alographia dos Alkalis Fixos Vegetal ou Potassa, Mineral ou Soda e dos seus Nitratos*” e “*Flora Fluminensis*”.

Em 1790 foi a Lisboa, quando começou a classificar espécies da flora e fauna, enquanto trabalhava no Real Museu e Jardim da Ajuda e na Academia Real das Ciências de Lisboa.

A sua produção científica é bem representada, pois, pelas suas três principais obras:

- *Alographia dos Alkalis Fixos Vegetal ou Potassa, Mineral ou Soda e dos seus Nitratos (as melhores memórias estrangeiras);*
- *Flora Fluminensis;*
- *O Fazendeiro do Brasil.*

A de maior repercussão é a segunda e cito do texto da Professora Elisabete Barbero Bonfim “a obra gigantesca, trazendo as descrições e figuras de 1.640 vegetais brasileiros, incluindo também inúmeras indicações ecológicas, representa um esforço notável para aquela época, pois foi terminada em 1790. Infelizmente só 35 anos

mais tarde, ou 14 anos após a morte de Frei Veloso, é que se deu início a sua publicação.

Consta a *Flora Fluminensis* de onze volumes em fôlio, com suas estampas originais executadas a tinta, juntamente com dois volumes manuscritos do texto. Depois de terminada a obra, seu autor foi apresentá-la à Corte de Lisboa. Provocou a admiração de todos.

De 1799 a 1801 tornou-se diretor da Oficina Typographia Chalcographica, Typoplastica e Literária do Arco do Cego, em Lisboa onde produziu a sua célebre obra “Flora Fluminensis”.

Em 1809, Frei Veloso retorna ao Brasil, trazendo consigo os originais dos manuscritos e das estampas da “Flora Fluminensis”. A partida de Lisboa foi motivada pela marcha progressiva do exército francês, na Península Ibérica. Dom João VI veio refugiar-se na Terra de Santa Cruz, e Frei Veloso seguiu os passos do seu benfeitor, recolhendo-se no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde veio a falecer a 13 de junho de 1811, sem ter tido a satisfação de ver publicada a sua grande obra.

Todos os manuscritos e impressos pertencentes ao espólio de Frei Veloso foram oferecidos ao Príncipe Regente pelo então Vigário Provincial dos Franciscanos do Rio de Janeiro. A oferta foi aceita, segundo consta no volume III do “Tombo Geral da Província” (manuscrito), à página 208. Os livros e manuscritos de Frei Veloso deram entrada na Real Biblioteca em 13 de novembro de 1811. Entre eles se achavam todos os originais da “Flora Fluminensis”.

Muito tempo se passou e a obra caiu no esquecimento geral. Os manuscritos da *Flora Fluminensis* “foram descobertos em 1825 na Biblioteca Imperial pelo então bibliotecário Frei Antônio de Arrabida” que “em carta solene enviada a Dom Pedro I, descreve a emoção que sentiu ao encontrar os manuscritos da Flora Fluminensis e solicita ao Imperador a publicação do texto aqui no Brasil, oferecendo-se para as devidas correções de impressão. Foram enviados a Paris os desenhos para serem ali litograficamente estampados, pois não havia ainda no Brasil técnicas adequadas a esse tipo de trabalho”.

Em 1825, efetuou-se na Tipografia Nacional do Rio de Janeiro a impressão quase total da Flora Fluminensis. O volume, que

hoje é uma raridade bibliográfica, abrange 352 páginas e versa sobre 309 gêneros. A impressão das 1.640 estampas, começada em 1827 em Paris, levou quatro anos e quatro meses para ser terminada. Quando os últimos fascículos já estavam em fase de impressão, ocorreu a abdicação de Dom Pedro I, em 1831”.

A autora cita que no livro “Fitografia ou Botânica Brasileira”, de Melo Morais (1881), “consta um capítulo sobre a História da Flora Fluminensis, que se refere ao triste destino que tiveram os exemplares dos 11 volumes das estampas. Diz ele: “Acabada a obra, consta-me que se mandaram para o Rio de Janeiro 500 exemplares; ficando em Paris 1.500, os quais, não sendo reclamados, foram entregues não sei a quem, e dos quais salvaram-se algumas coleções; e por fim, se reconhecendo que essas estampas não eram mais procuradas, foram vendidas ou dadas ao chapeleiro que fornecia barretinas (chapéu) para o exército francês, o qual forrou com as estampas as barretinas que estava fazendo para os soldados do exército. Os 500 exemplares que vieram para o Rio de Janeiro foram parar no saguão da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça (em frente ao Passeio Público), onde permaneceram apodrecendo, pela umidade”.

E mais adiante diz o mesmo autor: “No dia 14 de janeiro de 1861, a Tipografia Nacional anunciou a venda em leilão de 2.950 arrobas de impressos, indo entre eles alguns exemplares da Flora Fluminense”. E termina dizendo: “É digno de reparo, e contrista o coração dizer-se, que no Brasil se vende como papel velho, o produto da inteligência e da arte, adquirido com tantas fadigas e trabalhos, com o qual o Estado gastou muito dinheiro, para com ele fazer-se papel de embrulho”!

Sobre seu livro “*O Fazendeiro no Brasil*” pouca informação foi encontrada. Nele o autor sistematizou, de forma precursora, os conhecimentos técnico-científicos que, se seguidos, poderiam melhorar a produção e a produtividade da agricultura nacional o que, como podemos apreciar com o sucesso atual do agronegócio, tornou-se realidade.

Os tristes caminhos da Ciência no Brasil Colônia: em suas conclusões, a escritora já citada afirma que “cumpre dizer que a Flora



Fluminensis, cuja história, em parte, foi uma verdadeira tragédia, representa uma obra monumental, que não apenas suscita interesse histórico, mas tem também alto valor científico. Frei Veloso foi um dos grandes pioneiros da botânica brasileira. Seu nome figura sempre com brilho ao lado dos maiores botânicos que o Brasil possui.

Essa apresentação ocorre no contexto mais amplo das comemorações dos 300 anos de fundação de São José del-Rei, atualmente Tiradentes, terra natal do patrono aqui homenageado, cidade-irmã de São João del-Rei. Ambas se irmanaram, lá no Século XVIII, na luta pela formação da província das Minas Gerais, contribuindo para a construção do sentimento de mineiridade, cujo melhor representante é o patrono nesse Instituto, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, de quem o nosso homenageado é primo.

## **Referências**

José Mariano da Conceição Veloso – Wikipedia; “Quinografia Portugueza (1799)”.

BONFIM, Elisabete Barbero, *Frei José Mariano da Conceição Vellozo – 1741/1811*, Wikipédia;

MELO MORAIS, *Fitografia ou Botanica Brasileira*. 1881.

## JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER: RECORTE BIOGRÁFICO E REPERCUSSÕES HISTÓRICAS

Wainer de Carvalho Ávila  
Titular da Cadeira 5  
*wainer.avila@yahoo.com.br*

Nesta manhã ensolarada de 08 de abril de 2.018, diante deste Plenário do IHG-SJDR, contemplo uma sociedade brasileira conturbada por tantos e tão tristes acontecimentos, onde forças sociais se digladiam quanto e contra um projeto de nação para o Brasil. Nenhuma novidade, então, já que vou me referir aqui aos esforços históricos que desde a Colônia buscou-se quebrar os grilhões que ataram e atam o desenvolvimento socioeconômico deste país. Desde ser colônia do reinado Português até se inserir ainda hoje como provedor de *raw materials* num mundo globalizado e dominado pelas grandes potencias, quase imperiais, em uma economia de mercado imperfeito, capitalista.

O olhar aqui se volta para o Brasil do Século XVIII e peço licença para usar essa tribuna para fazer um louvor ao Patrono da Cadeira 05 para a qual fui eleito. Para saudar a memória de um lutador pela liberdade, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, conforme exponho a seguir.

No dia 12 de novembro do ano de 1746, ungido pelas águas do Rio das Mortes, filho de Antônia da Encarnação, das terras de São José del-Rey, e protegido pelo braço forte do pai luso Domingos, vem à luz a história de uma criança, igual a todas as outras crianças, mas que balbuciava LIBERDADE, depois pronunciava LIBERDADE, e já prenunciava a liberdade da então colônia escravizada. Peço-vos licença e vênha para elevar em alta voz nesta sessão solene deste magno Instituto, sob a batuta do preclaro presidente Paulo Roberto Sousa Lima, em uníssonno brado de civismo, a toda a nação brasileira, a mensagem da Fazenda do Pombal do Rio Abaixo.

Uso para tanto o único documento que nos restou da pilhagem, da selvageria da gente europeia e que atesta a existência do

Alferes Tiradentes, já que não temos sua identidade civil de um nacional, condição que só é conferida ao cidadão de um país laico, pelo ato registral civil. Dou-vos, eminentes confrades e insignes convidados, o inteiro teor de seu assento de batismo, em livro sacro da Comarca do Rio das Mortes, hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pois vendido que foi em 1936 sem objeção de nossas autoridades, muito particularmente as eclesiásticas, que estão caladas há mais de 80 anos:

Paróquia da Catedral da Basílica de N. S. do Pilar de São João dell-Rey – Diocese de São João D’El-Rey. Livro para servir de assentos dos batizados da freguesia de N. S. do Pilar da Villa de SJ. D’El-Rey, 1742ª 1749, folha 151: “Aos 12 dias do mês de novembro de 1746 annos, na Capella de S. Sebastião do Rio Abaixo, o revendo Pe. João Gonçalves Chaves, Capellão da dita Capella, baptizou e poz os santos óleos a Joaquim, filho legítimo de Domingos da Silva Santos e de Antonia da Encarnação Xavier; forão padrinhos Sebastião Ferreira Leitão e não teve madrinha, do que fiz este assento, o coadj. Jeronymo da Fonseca Alvarez.<sup>3</sup>

É este documento, certamente o mais importante de nosso acervo histórico, uma mensagem de confiança no futuro do país e que brota na voz, outrora abafada pelo algóz europeu, em um rincão vilipendiado pela crueldade régia do invasor, mensagem do mago e do herói, do mártir e do líder redivivo, mensagem do Alferes de Cavalaria Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Importante repetir que no Segundo Império era palavra de ordem escamotear os grandiloquentes atos sediciosos de Vila Rica, São José D’el-Rey e São João D’el-Rey e pouco temos feito para anular a campanha sistemática contra Minas e seu filho maior, o Alferes Xavier. Os famigerados “Autos da Devassa” só foram localizados 80 anos depois da sentença de degredo e morte juntamente com a “Constituição (Americana) em Francês”, livro de bolso do injustiçado Alferes, em

---

<sup>3</sup> Transcrição do registro em inteiro teor conforme consta, em frangalhos, no livro Sacro adquirido e mantido na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

surrados sacos de linhagem, informa Mello Moraes, do Arquivo Público. Mais oito décadas se passaram até cair o manto de silêncio que encobria os processos dos réus padres e, graças aos Deuses, o Banco do Brasil os arrematou em Casa de Leilão de Londres em meados do Século XX.

Belas palavras vêm sendo ditas e páginas pungentes escritas, todavia *nihil novi sub sole* e resta-nos apenas dizer, como o faço neste ato solene e magno, Senhor Presidente, em quem depositamos esperanças de um IHG corajoso e altruísta, que Tiradentes, não um policial, mas um militar profissional do Exército, é o injustiçado do continente americano e a Fazenda do Pombal um sítio abandonado pelos poderes da República, como o é a “Capela de São Sebastião” descrita no assento de batizado, que ninguém jamais soube onde fica, a exemplo do “Capão da Traição” dos Emboabas, primeira manifestação de soberania nacional e jamais pesquisado por este Instituto”. É possível existir sentimento de pátria em tão esdrúxula situação? Eis a pergunta que não quer se calar, Senhores Confrades e Senhor Presidente.

É neste ato de calor cívico que parece-nos ouvir, como se nos fosse concedida a faculdade de retrotrair no tempo, o riso da criança embalada no regaço materno e o tossido tísico do jovem libertário na masmorra do Rio de Janeiro. Feliz o povo que pode doar-se em reverência a fatos históricos grandiosos, heróis e árcades, santos e estetas que se doaram em favor de valores tão expressivos de patriotismo. Pois Joaquim José, o Alferes Libertário Xavier, foi um destes e, hoje, com emoção cívica, estamos a fazer-lhe a justiça que, por quase três séculos, lhe foi negada. Somos nós, seus irmãos de nascimento, com dignidade e força espiritual, todos os herdeiros deste legado imensurável, que é a pujança da brasilidade a impor-se no cenário internacional político, social e econômico.

Tiradentes foi um daqueles homens que, segundo seus confessores Freis Raimundo Penaforte e José Maria do Desterro, estão acima dos humanos comuns e além do que o *homo medius* representa. A revolução da Nova Inglaterra e a derrama se irmanam em valores e os motivos da sedição são os mesmos. Incorreto, porém, é usar o termo ou o vocabulário “imposto” é o que sentimos hoje

neste infeliz país, pois entregamos a corruptos mandatários mais do dobro do que nos assaltava a “derrama” do algoz invasor e conquistador europeu.

A rebeldia não se restringia à capitania e nossos bens e nossa honra eram conspurcados em nome do absolutismo. Nossa história, pouco analisada, diz que dos Emboabas aos Conjurados há uma ponte muito forte de ideias e ideais. Nunes Vianna<sup>4</sup> (2) foi o primeiro governador aclamado da América, quiçá no mundo, à época, e entre ele e Tiradentes medeiam oito décadas de amargura, roubo, e escravidão em que se conservou vivo o sentimento de liberdade sendo poético lembrar que Minas não teve infância e como capitania não foi hereditária. Seus segredos, muitos, morreram com líderes maçons, ou com padres maçons e não poderia ser de outra sorte, pois o movimento é o mesmo da revolução francesa. Os cognomes de Joaquim eram “o Gramaticão, o Corta-vento, o República”. O grande libertário não é só mineiro. É muito maior. Talvez nem só brasileiro, mas o prolongamento espiritual de uma saga que abrangia todo o mundo ocidental. Pensadores franceses estavam em nossas bibliotecas que sustentam viagem do brasileiro, com toda segurança, basta ler a correspondência de Jefferson a John Jay, o primeiro em Versailhes, o segundo em Catonah, lugar que visitei há pouco, nas cercanias de Manhattan, na John Jay Homestead, e pude medir o que se tramava entre dois mundos, o velho e o novo, tudo igual ao Brasil. Em Nova Iorque conversei a este respeito com o estadunidense Hamilton Fish, descendente do herói da independência das 13 colônias, parceiro e confidente de Jefferson e Washington, o Secretário John Jay.

Waldemar de Almeida Barbosa, que orna e honra este recinto de estudos e pesquisas históricas, em prefácio ao livro “Tiradentes Face a Face” da extraordinária historiadora Isolde Helena Brans (2003), diz textualmente que existem dois Tiradentes: um criado pelo culto e talentoso Joaquim Norberto, em face do medo do Clube

---

<sup>4</sup> Sobre Nunes Vianna, ver SOUSA LIMA, Paulo R. “O Papel do Português e Emboaba José Matol nas origens de São João del-Rei”, defesa de patrono da Cadeira 02, IHG-SJDR, neste volume.

Revolucionário, semente de várias outras manifestações nacionais, criado no Rio de Janeiro por volta de 1970.<sup>5</sup> Teve Manifesto firmado por 58 expressivos líderes e pretendeu erguer ali uma estátua a Tiradentes como mártir do ideal republicano. Outro. Construído pelo Imperador que tinha prestígio internacional e a campanha de desmoralização do líder do Pombal do Rio Abaixo surtiu efeito devastador e até hoje autores de nomeada o seguem, a exemplo de Kenneth Maxwell (1978), em a “Devassa da Devassa”, que, porém, adverte que o Brasil precisa respeitar o Tiradentes pois não dispõe de outros líderes de sua envergadura. Reputo isso um tapa de luva no rosto de autores pouco respeitosos a exemplo de Eduardo Frieiro, Afrânio Peixoto, Capistrano, Afonso Arinos, Pedro Calmon e Gilberto Alencar.

Mas é nossa obrigação como contrerrâneos do herói e mártir do Pombal assumir sua defesa, ao lado de Rodrigues Lapa, Camilo Castelo Branco e de nossa confrreira Isolde Brans que sustentam viagem do brasileiro a Lisboa e sul da França em encontro com o libertador e embaixador Thomas Jefferson. Diz Almeida Barbosa “o Brasil é o único país da América em que existe, há mais de um século, uma campanha sistemática de desmoralização do precursor da Independência”. Exorto, neste ato cívico, que ainda é tempo de conhecer o verdadeiro Tiradentes e sustentar seu alto valor, já que sem ele o Brasil, permita-me o lamento em lágrimas fica a dever a história universal a existência de um verdadeiro líder. Não fomos feitos para nossa incúria e acomodação. O Pombal continua espoliado, hoje com uma malsinada e entreguista ferrovia do aço, que nos deixa buracos e doa a potências hegemônicas nosso subsolo. Aqueles trilhos e suas imensas composições ferroviárias passam em

---

<sup>5</sup> Foi publicado em Revista do IHG-SJDR, vol. VII, 1992, Edição comemorativa dos dois séculos da execução de Tiradentes, com artigos de Sebastião Oliveira Cintra (cita estudos de Basílio de Magalhães e Eduardo Canabrava Barreiros); Antônio Gaio Sobrinho, Waldemar de Almeida Barbosa, José Alberto Ferreira, Yves G. F. Alves, Geraldo Guimarães, Maria do Rosário de Pompéia, Luiz de Melo Alvarenga, Lucia Casas de Pilla e José Claudio Henriques.

viaduto por cima a fazenda onde nasceu Tiradentes. A exemplo disto esta casa, confrades, precisa reagir contra a doação da Escola de Comércio Tiradentes (para uma instituição educacional privada de...) Barbacena; a venda do livro de batizado de Tiradentes que está aos pedaços na Biblioteca Nacional; as folhas arrancadas grosseiramente, no Arquivo Público Mineiro de nossa ata de elevação a Vila; o registro civil de Tiradentes que o poder judiciário nos sonega; o “Capão da Traição” apenas visto como lenda; a data correta da nossa fundação pelo Guarda-Mor Portes D’el-Rey e o que me parece ser o cume do (des)respeito à história: a (não) edificação do Memorial da Liberdade em projeto da lavra de Oscar Niemeyer; a venda criminosa do templo de Matosinhos, do Século XVIII a banqueiro paulista, denunciada ao Ministério Público por este IHG em 2003 e até hoje engavetado na Justiça.

Senhor Presidente, com a presença do Prefeito da respeitada e veneranda Tiradentes, autora, neste ano, da Comenda *Libertas et Civittas*, que em 2011 propus criar, digo que V. Exa. tem missão assaz difícil, porém, a se cumprir, merecerá estátua em praça pública. Parceria com São José D’el-Rey e Ritópolis foram um grande avanço, porque não somarmos com todos os municípios sócios da Associação dos Municípios dos Campos das Vertentes em grande cruzada contra a decadência que parece rondar nosso futuro, eis a questão. Nossa cidade tem sido espoliada e perdido muito de seu acervo e sua história, cabe-nos assumir o grande compromisso com a História, recuperar, manter e preservar nosso patrimônio, que não dá duas safras.

## Referências

- BRANS (VENTURELLI), Isolde H. *Tiradentes Face a Face*. Campinas: UNICAMP. 2003.
- MAXWELL, Kenneth. *A Devassa da Devassa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

## **JOSÉ ANTÔNIO RODRIGUES E A IMPRENSA DE SÃO JOÃO DEL-REI**

Alex Lombello Amaral  
Titular da Cadeira 12  
*lombelloamaral@yahoo.com.br*

José Antônio Rodrigues teria nascido em 1791, em São João del-Rei, onde faleceu em 1887. Se a data de seu nascimento não é a de um homônimo, ele deu seu primeiro passo conhecido na política aos 51 anos, quando participou da Revolta de 1842. Teria se retirado do jornalismo aos 86 anos, escrito seu último livro aos 93 anos e falecido aos 96. Não é impossível, mas essa era uma idade incomum para a época.

Os adversários, em tom de mofina, nos informaram em seus jornais que ele trabalhou como caixeiro, depois tornou-se negociante (O ARAUTO DE MINAS, 22/1/1881). Advogou, sem diploma. Era capitão da Guarda Nacional quando aconteceu a Revolta de 1842. Em 1857 foi eleito vereador (CINTRA, 1982, p. 272-273). Em 1878 era Promotor, o que então se dava por indicação política (O ARAUTO DE MINAS, 1/12/1878). Teve o título de Comendador, ou seja, chegou a ser nobre. Mais nobreza, contudo, se revela em ter recusado dois empregos públicos, oferecidos por seus correligionários: Diretor do Externato e Inspetor da Instrução Pública.

Foi enterrado na Igreja São Francisco de Assis, mas também foi membro da Mesa da Misericórdia, da Mesa da Irmandade do Sacramento, e pertenceu à Irmandade dos Passos. Quando faleceu não era pobre, mas estava longe de estar entre as maiores fortunas da cidade. Deixou 12 contos e 600 mil réis, mas dívidas de 5 contos 435 mil réis. Morou na rua General Osório (O ARAUTO DE MINAS, 9/12/1880). Tinha cinco escravos, no valor de 2 contos e 300 mil réis, aos quais não alforriou nem em testamento, embora o movimento abolicionista já estivesse no seu auge e empolgasse a maioria do Partido Liberal em São João del-Rei.

Em 1842 não foi enquadrado como cabeça de rebelião, e portanto não foi punido pela revolta, como aconteceu com vários



outros importantes Liberais de São João del-Rei. Seus adversários políticos, indignados, arranjaram contra ele e vários de seus correligionários um processo, caso que ficou conhecido como Sedição da Procissão do Senhor dos Passos. Nos jornais do século XIX pode-se constatar que as Mesas dessa Irmandade eram sempre compostas por políticos do Partido Liberal em São João del-Rei. O vigário Pe. Dr. Luiz Dias Custódio era um antiLiberal ferrenho e militante. Entre a Mesa da Irmandade e o vigário se estabeleceu uma discordância a respeito do trajeto que deveria seguir a procissão dos Passos. Na justiça venceu a Irmandade, mas a Revolta tinha terminado poucos meses antes, as tropas ainda estavam mobilizadas e o Padre, governista, tinha influência sobre elas. No local onde havia a dúvida sobre o trajeto da procissão, a tropa barrou o caminho escolhido pela Irmandade. Houve então troca de insultos, algum início de confusão, e só. Mas os governistas aproveitaram para processar por sedição vários Liberais, todos rebeldes de 1842. O capitão Rodrigues foi um dos processados e por isso tornou-se personagem do livro do Cônego Marinho sobre a Revolta de 1842.

Ter sido rebelde de 1842 passou a dar prestígio entre os Liberais, e José Antônio Rodrigues logo se tornou uma das principais lideranças desse lado político em São João del-Rei. Já em 1843 foi correspondente d'*O Itacolomy*, folha de Ouro Preto ligada aos rebeldes de 1842. Depois foi correspondente d'*O Itamontano*, que era considerada uma folha dos veteranos de 1842. Em 1854 comprou uma tipografia, sita na rua do Tejuco. Provavelmente era a tipografia do Pimentel, e que antes fora a tipografia do *Astro de Minas*, porque o endereço é o mesmo. Note-se a relação entre imprensa e política – já em 1857 ele era vereador. Em 1859, nessa tipografia, ele imprimiu o primeiro dos seus livros conhecidos: *Apontamentos da População, Topografia e Notícias Cronológicas do Município da Cidade de São João del-Rei*. É como um almanaque, ou como um relatório estatístico. Traz dados em geral, ruas, praças, pessoas livres e escravas, economia etc. e portanto de enorme valor historiográfico.

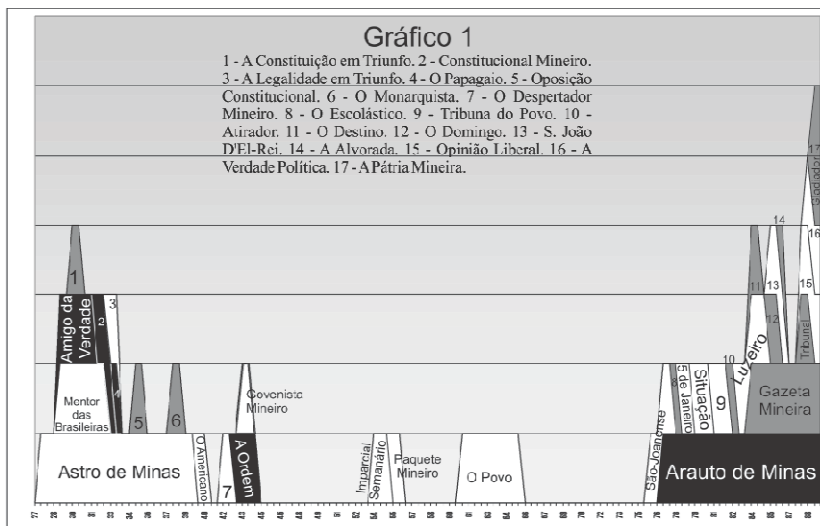
Por ter sido chefe Liberal sofreu diversos ataques de seus adversários, incluindo acusações e apelidos. Ele era o José Capitão, o Zé do Telhado (nome de um bandido famoso de então), Zé Macaco

(o fato de ele ter escolhido um negro para padrinho indignou o jornal Conservador, *Arauto de Minas*) e Zé Cabeleira (outro bandido famoso). Ainda segundo os Conservadores ele teria, como promotor, facilitado uma fuga de presos em 1878. Seria corrupto, doido e maltrapilho. Teria uma amante do Muxinga e teria gosto em repetir que todos os crimes têm origem em um rabo de saia (O ARAUTO DE MINAS, 28/7/1877, 28/3/1879, 1/6/1880, 20/2/1879, 17/12/1880).

Se os jornais Conservadores o atacavam, ele tinha começado. A imprensa de São João del-Rei teve um período fértil nos anos 1820 e 1830, e três décadas de baixa entre meados das décadas de 1840 e de 1870 (Ver gráfico 1). José Antônio Rodrigues lutava por revitalizar a imprensa. Em 1855 ele publicou o *Imparcial Semanário*, do qual só se tem acesso hoje a um número. Note-se que ele tinha acabado de adquirir a tipografia. O *Imparcial Semanário* destoa do que até então tinha sido a imprensa de São João del-Rei, e do que ela voltaria a ser sob a direção do próprio Rodrigues. Tomando por base o único número disponível, não era uma folha de polêmicas político-partidárias. Coisa rara, tratava de assuntos locais. Talvez por isso não tenha provocado o surgimento de adversários. Não deve ter durado muito, porque já em 1856 a mesma tipografia publicava o *Paquete Mineiro*, testemunho da decadência da imprensa uma vez que era publicado em “*dias incertos*”, ou seja, não conseguia manter periodicidade (CINTRA, 1982, p.109). Entre 1861 e 1865 José Antônio Rodrigues rodou em sua tipografia *O Povo*, já retomando as polêmicas, mas não ao ponto de gerar folhas inimigas (O POVO, 15/7/1861).

Em 1876 surgiu *O São-Joanense*, que durou até 1878 (O SÃO-JOANENSE, 19/7/1876). Dessa vez o Partido Conservador reagiu. Primeiro, tentou calar o São-Joanense com dois processos em 1876, sem resultados. Criou então sua própria folha, em 1877, *O Arauto de Minas*, fonte dos ataques que vimos acima contra o Capitão Rodrigues. Renascia em São João del-Rei a guerra de folhas, que não acontecia há cerca de 30 anos. Quando *O São-Joanense* terminou, em 1878, o Arauto continuou existindo, e o Partido Liberal foi obrigado a manter suas próprias folhas para combatê-lo. Ainda na

tipografia de José Antônio Rodrigues foram impressos o *Cinco de Janeiro* (1878-1879) e a *Situação* (1879-1880), ambos sob a redação de Francisco de Paula Pinheiro (O CINCO DE JANEIRO, 4/2/1879; O ARAUTO DE MINAS, 27/8/1880). O Capitão Rodrigues teve, portanto, papel importante no renascimento da imprensa de São João del-Rei.



Merece destaque que a tipografia do Capitão Rodrigues imprimiu *O Escolástico*, folha de um Club dos Estudantes, primeiro periódico estudantil de São João del-Rei (O ESCOLÁSTICO, 18/5/1878). Segundo Sacramento Blake ele também imprimiu uma folha chamada *O Clarim*, cuja data desconhecemos. É muito possível que ele tenha dado luz a mais periódicos, porque o tempo em que esteve à frente da tipografia foi grande, e os arquivos são lacunares.

Quando o Capitão José Antônio Rodrigues publicou *O Casamento do Padre Pontes*, em 1884, provavelmente não tinha mais tipografia, porque o publicou na tipografia da *Gazeta Mineira*. *O Casamento do Padre Pontes* é hoje o que chamamos de obra baseada em fatos reais. Realmente existiu um padre Pontes, um casamento em 1799, um processo movido pela Inquisição etc., mas a obra de

Rodrigues é um romance.<sup>6</sup> Leitura muito prazerosa, revela também qual era a versão que circulava em São João del-Rei quase cem anos após os fatos.

José Antônio Rodrigues foi um dos mais importantes jornalistas da história de São João del-Rei, um escritor de talento, e personagem dos lendários episódios de 1842. É merecidamente o patrono da cadeira 12 do Instituto Histórico e Geográfico dessa cidade mineira.

## Referências

AMARAL, Alex Lombello. *Cascudos e Chimangos: Imprensa e Política em São João del-Rei (1867-1884)*. Dissertação de Mestrado em História. PPG-História UFJF. 2008.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. Volume I. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1982.

*Imparcial Semanário*, São João del-Rei, 1855.

*O Povo*, São João del-Rei, 1861-1865.

*O São-Joanense*, São João del-Rei, 1876-78.

*O Cinco de Janeiro*, São João del-Rei, 1878-1879.

*O Escolástico*, São João del-Rei, 1878.

*O Arauto de Minas*, São João del-Rei, 1877-1889.

---

<sup>6</sup> Quem quiser mais informações sobre o Padre Pontes vide JANUÁRIO, Mayara Amanda. “*Dos clérigos que se casam, tendo ordens sacras*”: *O Santo Ofício Português e os padres bígamos no Brasil Setecentista*. Dissertação de Mestrado. UFSJ. 2013.

## PEQUENA HOMENAGEM A SEVERIANO NUNES CARDOSO DE RESENDE

Evandro de Almeida Coelho  
Titular da Cadeira 17

Aos 11 dias do mês de dezembro de 1847, na matriz de N. S. do Pilar, cidade de São João del-Rei, o Revmo. Coadjutor Bernardino de Souza Caldas batizou solenemente e pôs os Santos Óleos a Severiano, branco, filho legítimo de José Nunes Cardoso e D<sup>a</sup> Albina Joaquina de Jesus, nascido há um mês. Foram padrinhos o Coronel Alexandre José da Silveira e sua mulher D<sup>a</sup> Policena Maria da Silveira, moradores nesta freguesia. E para constar mandei fazer este assento, que assinei. O Vigário Luiz J.(osé) Dias Custódio. (Livro de registro de batizados, de 1846 a 1854, pág. 179, verso).

Este batistério é de Severiano Nunes Cardoso de Resende, nascido em 8 de novembro de 1847 e falecido, como veremos a 13 de maio de 1920.

Filho de José Nunes Cardoso e D<sup>a</sup> Albina Joaquina de Jesus da Silva Resende, ela nascida em Passa Tempo de Oliveira a 16 de janeiro de 1815 e falecida em Ouro Preto a 14 de setembro de 1879. Severiano teve cinco irmãos, o Padre José Nunes Cardoso de Resende; Teófilo Nunes Cardoso de Resende, que se casou com Inês Augusta de Castro; Malvina Nunes de Resende, que se casou com Pedro Pinto de Resende; Manoel Nunes Cardoso, que se casou com Cândida Gonçalves de Resende e Amélia Nunes Cardoso, que se casou com João Gonçalves.

Severiano Nunes Cardoso de Resende se casou com Custódia de Melo Resende, com a qual teve um casal de filhos. O Padre José Severiano de Resende, nascido em Mariana a 23 de janeiro de 1871. Foi padre, poeta e jornalista. Largou a batina e faleceu em Paris, como jornalista, em 11 de fevereiro de 1931. Seu livro sobre os santos católicos, "*Flos Sanctorum*" foi prefaciado pelo Visconde de São Boaventura; as poesias foram estudadas e magnificamente

comentadas por Monsenhor Almir de Aquino e pelo Acadêmico Erik Ponty. E a filha Alice de Resende Sanzio, que se casou com Carlos Sanzio de Oliveira Brotero, professor e jornalista polêmico, que brigou com o clero da cidade, que praticamente o expulsou e foi para o Rio de Janeiro, onde faleceu e deixou viúva.

Severiano também teve uma filha com Rita Pimenta, reconhecida pelo pai, Celina Amélia de Resende Viegas, que se casou com o dentista e teatrólogo José das Chagas Viegas, nascida a 21 de outubro de 1890 e falecida a 22 de fevereiro de 2000, com intensa e valiosa vida profissional no magistério.

Severiano estudou Humanidades no célebre Colégio do Caraça. Em 1871, quando nasceu seu filho José Severiano, estava em Mariana.

Em 1 de janeiro de 1880 foi encenada “*A Virgem de Santarém*”, de sua autoria, com músicas de Ribeiro Bastos. Esta peça foi encenada com sucesso também em Ouro Preto, que era capital da província.

No Externato fundado em 1883 aparece como lente de português. Logo depois, na Escola Normal, de 1884, também lecionou português.

O Clube Dramático Juvenil, no dia 1º de agosto de 1884 encenou “*Os últimos momentos de Santa Iria*”, quadro de Severiano, repetido dia 17 com espetáculo para meninos, onde apareceu José Severiano, seu filho. Presidiu a Sociedade Dramática Filhos de Melpomene, fundada a 26 de janeiro de 1885.

Dia 20 de janeiro de 1889 foram distribuídos versos de Severiano em homenagem a Marion André, artista que nos visitou à época (GUERRA, 1968, p. 67).

Nesta época foi advogado provisionado, atuando na comarca da cidade e de cidades vizinhas. Em 8 de março de 1877 fundou e manteve o jornal *O Arauto de Minas*, com orientação política do Partido Conservador, periódico que circulou até dezembro de 1889. A Biblioteca Municipal Baptista Caetano, o arquivo do IPHAN em São João del-Rei e a Biblioteca Nacional têm coleções desse jornal, que pode ser encontrado digitalizado na Internet. É fonte inesgotável da história municipal do período.

Foi Deputado Provincial por várias legislaturas. Participou da Constituinte Estadual após a proclamação da República em 1889. Voltando a sua terra, foi Vereador à Câmara Municipal e a 10 de abril de 1895 foi eleito seu Presidente. Foi notável sua atividade política, trabalhando pelo abastecimento de água da cidade. Apresentou projeto para demolir o aqueduto Tamandaré, mandando fazer o cais entre as pontes de pedra, na margem esquerda do córrego do Lenheiro. Foi também importante seu projeto pedindo hasta pública para o serviço de iluminação pública de eletricidade, no lugar dos lampiões a querosene. Foi aprovado e feita a nova iluminação.

Em 20 de junho de 1905 presidiu comissão organizada para erigir o monumento ao Cristo Redentor nos altos do morro do Senhor dos Montes.

Dia 3 de novembro de 1906 aconteceu a primeira apresentação da peça-revista “*A princesa de Minas*”, de Severiano. Foi homenageado e muito aplaudido nas outras quatro apresentações. Consta de um prólogo e três atos representando a história de São João del-Rei na colônia, no Império e na República.

A 10 de agosto de 1911 foi nomeado (contratado?) como segundo escriturário da Estrada de Ferro Oeste de Minas, no escritório do setor de tráfego (página 32 do *Almanack do pessoal da EFOM* em 1917 – Imprensa Nacional – Rio de Janeiro – 1918).

Severiano faleceu no dia 13 de maio de 1920, óbito registrado na página 177v e 178 do livro 20 do Registro de óbitos, no cartório da cidade:

Em 14 de maio de 1920, declaração de Alberto do Amaral Bastos, com atestado de óbito pelo Dr. Guilherme Milward, que faleceu ontem, às 23 horas, em sua residência à rua Marechal Bittencourt, Severiano Nunes Cardoso de Rezende, funcionário da Estrada de Ferro Oeste de Minas, viúvo de Custódia Augusta de Rezende, com dois filhos maiores, José e Alice. Fez testamento. Causa: lesão orgânica do coração. Vai ser enterrado no cemitério do Carmo. O escrivão, Dermeval.

Seus bens foram inventariados em 7 de julho de 1921 pela inventariante Alice de Rezende Sanzio, viúva, moradora no Rio de Janeiro. Avaliados em seis contos de réis.

## **Referências**

GUERRA, Antônio. *Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del-Rei*. Juiz de Fora: Sociedade Propagadora Esdeva. 1968.

VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: 1953.



## ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO: DO MITO À REALIDADE

Maria Lúcia Monteiro Guimarães  
Titular da Cadeira 16  
*lucinha.ufsj@gmail.com*

O presente artigo se dá em motivo da defesa da “patronesse” da Cadeira 16, Alexina de Magalhães Pinto, por meio de apresentação de fontes de pesquisas realizadas ao longo de minha trajetória acadêmica e junto ao Instituto Histórico e Geográfico de São Joao del-Rei do qual sou sócia efetiva, desde 1984.

Conheci essa autora por meio do livro da honorável Alaíde Lisboa de Oliveira, Professora Emérita da UFMG e Diretora do então Departamento de Educação, que citava um texto do folclore brasileiro denominado “O Beija Flor”, recolhido por Alexina Pinto. Trabalhava eu na Escola Parque, na cidade do Rio de Janeiro, com alunos da 3ª série do então Ensino Primário, quando utilizei esse texto e, para minha surpresa, encontrei uma referência bibliográfica feita em trabalho de Henriqueta Lisboa no qual Alexina era citada como tendo nascido em São João del-Rei, em 1870, e falecido em Correias, no estado do Rio de Janeiro, em 1921.

Nessa referência também eram citadas as obras da autora e um resumo biográfico na qual se indicava que Alexina estudou na Escola Normal do Rio de Janeiro, onde, depois de formada, exerceu o magistério. Além disso, informava ser ela “*ilustrada, viajada, tendo percorrido a Europa na mocidade. É um dos pioneiros de estudos de folclore do Brasil – seu livro As nossas histórias, data de 1907. Cantigas da Criança e do Povo que revela a preocupação pedagógica da autora*”.

Curiosa com esse achado sobre uma professora, formadora de professoras e professores, dada como nascida em minha cidade natal, fato que desconhecia, trouxe esses dados para os membros desse sodalício na primeira oportunidade de vir a São João. Colhi informações de Sebastião Cintra, que seriam posteriormente publicadas, e de outros informantes sobre a história dessa mulher e

professora, que desde o início me maravilharam. Verifiquei que muitas delas eram equivocadas, com desencontros sobre sua vida pessoal e profissional. Havia muita perplexidade acadêmica em classificar e entender o trabalho didático e pedagógico dessa revolucionária da Educação, num período fervilhante da vida do país, denominado de Velha República (1889-1930).

Minha curiosidade aguçou-se com a leitura de um artigo publicado na Revista Veja, em 05 de agosto de 1970, na Seção Comportamento, sob o título “*A Mineira Ruidosa*”, e no qual Alexina Pinto era classificada como “*a primeira mulher de uma conservadora família mineira a se insurgir contra os rígidos costumes de sua terra e de sua época...*” (p. 58).

O referido texto alerta que ela foi “criticada, atacada e até mesmo odiada pela população de São João del-Rei, no fim do século passado...”. E que “a professora Alexina M Pinto (...) foi redescoberta pelo sociólogo Saul Martins, Professor da UFMG e os quatro livros que escreveu sobre folclore publicado em Portugal e na França, levaram a Universidade a comemorar, oficialmente (...) o centenário do seu nascimento”.

Ela se tornara uma fascinação para mim e procurei me cercar de todo tipo de informação que pudesse ter sobre ela. Na década de 1980 ganhei de presente de uma prima, a pesquisadora Esther Caldas Bertoletti, encadernações xerografadas de vários dos seus livros, cujas edições já eram consideradas raras, esgotadas ou de difícil acesso, devido ao reduzido número ou ausência de exemplares nas bibliotecas, como a Biblioteca Nacional. A partir de todas as leituras feitas, estava claro para mim, que Alexina Pinto não era só uma contestadora de costumes, mas uma verdadeira revolucionária pedagógica da Velha República.

Consciente da importância do material que acumulei e, ao mesmo tempo, preocupada com as imensas lacunas bibliográficas e históricas sobre essa personagem, nunca me recusei a compartilhar essa riqueza com os professores e pesquisadores que sobre a vida e obra dela se debruçaram. Nas últimas décadas vi surgirem dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que dissertavam sobre esta personagem direta ou indiretamente, devido à sua importância

histórica, social e pedagógica. Por todos estes motivos, além dos já citados, muito me orgulhei desta singela produção bibliográfica da patronesse da cadeira a qual ocupo nesse Instituto e de ter contribuído indiretamente através do estímulo e empréstimo do acervo que até então adquirei a outros educadores, pesquisadores e interessados no tema.

Diante de toda confiança na importância e riqueza da obra de Alexina M. Pinto, dediquei-me a este artigo, que na oportunidade, serviu para cumprir uma finalidade estatutária do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei e compartilhar com meus confrades da riqueza humana e profissional dessa figura insigne.

### **Pequena biografia**

Nessa pesquisa me foi permitido mapear muito sobre a vida pessoal e a trajetória profissional de Alexina Pinto, e encontrei alguns equívocos, lacunas e contradições que pretendo expor ao debate e, quem sabe, esclarecer. A leitura de diferentes autores ainda não nos permite ter uma clareza absoluta sobre o cotidiano dessa figura humana tão complexa no que se refere a sua vida pessoal e a sua profícua produção intelectual. De um lado porque na falta de acesso adequado à boa e válida informação, alguns autores intuíram situações e agregaram essa intuição à vida da nossa pesquisada.

Tudo começa no seu nascimento. O eminente confrade Francisco de Vasconcellos, por exemplo, em texto publicado no volume 09 da Revista desse Instituto a descreve, já na primeira linha, como “uma dessas são-joanenses esquecidas”. Aqui ele não se iguala à citação no trabalho da Prof<sup>ª</sup>. Alaíde Lisboa que, ao publicar um dos seus textos, cita na referência ter ela nascido em São João del-Rei, em 1870. A mim me parece que isto ocorre pelo fato de o nosso confrade Vasconcellos ter tido a lucidez de encontrar e citar o batistério no qual se indica que ela nasceu “a 4 de julho de 1869 foi a mesma batizada pelo padre José Maria Xavier, músico e compositor de talento e o termo de seu batistério encontra-se às fls. 73V<sup>s</sup> do livro número 8, arquivado na Secretaria da Catedral de Nossa Senhora do Pilar” (p. 142).

Já nosso confrade Sebastião de Oliveira Cintra, em seu luminar texto sobre a educadora Alexina de M. Pinto, assegura ser a data do seu nascimento que, “por informação do Dr. Bruno de Almeida Magalhães” ela de fato “nasceu na fazenda de Ouro Fino, município de Além Paraíba, Minas Gerais (p. 12)” em 04 de julho de 1870. A primeira grande dúvida que aqui se suscita é: como ela poderia ter nascido em julho de 1870 quando o batizado se deu em julho de 1869? O que é certo é que ela é filha do são-joanense Dr. Eduardo de Almeida Magalhães, em primeiras núpcias, e de Dona Virginia Vidal Leite Carneiro, falecida na data de 28 de novembro de 1874.

Em pesquisa que realizei recentemente junto aos arquivos da Secretaria da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, ficou constatado que Alexina de fato nasceu em São João del-Rei no dia 4 de julho de 1869 e foi batizada solenemente em 09 de setembro de 1869 com a unção dos Santos Óleos pelo Padre José Maria Xavier, figura célebre da cidade em questão. O batizado ocorreu na Igreja Nossa Senhora do Pilar, tendo sido Joaquim Vidal Leite Ribeiro seu padrinho, representado por Custódio d’Almeida Magalhães, seu procurador. Também estava presente, D. Mariana Carolina d’Almeida, avó paterna de Alexina, todas as informações supracitadas conforme consta nos autos do batistério à folha 73 do livro número 8, verso. Portanto esta informação pontua precisamente os dados de seu nascimento, não restando, portanto, dúvidas.

A respeito de seus pais, eis as informações sabidas. O pai de Alexina Pinto, enquanto engenheiro civil, a despeito de seus afazeres profissionais demandarem deslocamentos para outras cidades e até outros estados, mantinha residência em Além Paraíba, onde era grande fazendeiro de café. Em qual local Alexina passou a sua infância e fez as primeiras letras? Não consegui ainda resolver esta questão. No entanto, são encontradas referências da sua trajetória como professora, aqui em São João del-Rei, na extinta Escola Normal Oficial.

Viajou sozinha para a Europa aos 22 anos, trazendo de Paris vários estudos feitos na área da pedagogia e didática, além de uma bicicleta e roupas de ciclismo, o que possivelmente trouxe algum

espanto para a sociedade são-joanense. Porém, outros pesquisadores, como Cintra, afirmam que o hábito da prática do ciclismo na cidade foi desenvolvido havendo inclusive atividades ativas de corrida de bicicleta no Velo Clube São Joanense em 1898, conforme nos aponta Cintra (p.13).

Em 1883, foi aprovada em concurso e nomeada como professora para a Cátedra de Desenho e Caligrafia, na Escola Normal. Outro confrade, o mestre Antônio Gaio, em texto escoreito em seu livro “História da Educação em São João del-Rei” (2.000), afirma, sobre o quadro de professores da Escola Normal, em seus escritos, que:

entre seus mestres, merece hoje, pela admiração que nos causa, a professora de desenho e caligrafia Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921), natural de Além Paraíba. Sua importância não está na duração do seu magistério na Escola Normal, de apenas três anos, mas, sobretudo, pela sua independência feminina e por ter sido como lá diz o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo: *a primeira brasileira a valorizar a cultura tradicional do seu povo, divulgando-a em livros popularíssimos nas primeiras décadas do século XX* (apud CINTRA, 1994, p. 13).

Em 1886, teve seu pedido de exoneração do cargo de Professora da cadeira de desenho e caligrafia na antiga Escola Normal de São João del-Rei aceito, e matriculou-se, posteriormente, na Escola Normal do Rio de Janeiro, onde foi convidada a exercer o magistério como professora adjunta após o término de seus estudos. Alexina exerceu este cargo por mais de vinte anos, vindo a se transformar pioneira em problemas educacionais e do folclore que lhe imprime merecido renome na história da educação no Brasil.

Segundo Cintra, Alexina Pinto se casou em 15 de maio de 1898 com seu primo, o médico Dr. Floriano Leite Pinto. Todavia, seu casamento durou pouco devido ao falecimento prematuro de seu marido, vítima de implacável moléstia.

Coincidentemente ou não, sabe-se ao certo que Alexina veio a dedicar-se à educação infantil, sua maior paixão, deixando publicados

trabalhos de grande mérito, dentre eles: *As Nossas Histórias* (1907); *Nossos Brinquedos* (1909); *Cantigas das Crianças e Povo e Danças Populares* (1916), dos quais irei falar mais à frente.

Alexina faleceu no início do ano de 1921, aos 51 anos no distrito de Correias, pertencente ao município de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, em um acidente ferroviário. Há a possibilidade de o acidente ter ocorrido em decorrência/consequência de sua surdez, ocasionando em grande perda para nossa educação brasileira. Pelo fato de não ter deixado herdeiros, até hoje não se sabe ao certo notícias de sua biblioteca e arquivo pessoal, bem como de seus trabalhos inacabados e não publicados.

A Câmara Municipal de São João del-Rei pela Lei Municipal nº 436 de 26/02/1924, distinguiu, com justiça, a educadora Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921), pioneira em estudos de questões educacionais e folclore tendo dado seu nome à parte da Rua do Recreio. Mesmo após sua morte, o reconhecimento de seu trabalho pedagógico e intelectual se deu tardiamente. Mais precisamente, 49 anos depois da sua morte, Alexina Pinto entrou para a respeitável galeria das tradições estaduais (revista *Veja*, 1970, p.58).

### **Trajatória escolar e formação profissional**

Pouco se sabe de sua formação acadêmica, de seus primeiros anos de contato com o mundo da escrita e do letramento. As crianças de seu ambiente social geralmente, conforme cita Sandroni em sua obra *De Lobato a Bojunga*, eram habituadas ao bilinguismo em várias famílias e ambientes escolares.

Recolhi em meus estudos, registros do Cintra, que traz, em sua *Galeria das personalidades notáveis de São João del-Rei*, Alexina como pessoa “Dotada de grande inteligência, cultura e personalidade”, que em sua viagem sozinha à Europa veio a visitar e estudar nos centros culturais de países como a França, Itália, Espanha e Portugal, onde de certo vem sua preocupação com a construção de uma identidade nacional brasileira e sua metodologia de ensino baseada na aprendizagem global, a frente da aprendizagem intuitiva, utilizada na época. Trava contato com as ideias preconizadas por

alguns educadores como Pestalozzi, Froebel que apregoavam metodologias ativas, baseadas no princípio da observação, ao estímulo da experiência direta, do ensino intuitivo, da vida social e moral.

Na busca de superar o caráter intelectualista da escola tradicional, ela utiliza como recursos jogos, brincadeiras, brinquedos, as práticas de exercícios corporais que estimulam as mais diversas formas de linguagem e do desenvolvimento humano de forma individual e coletiva, mediados pela oralidade das crianças e dos adultos advindos da zona rural de negros ou de índios.

Além de folclorista, Alexina, foi, professora primária em São João del-Rei e no Rio de Janeiro. Em sua atuação como professora destacou-se pelo fato de ir contra os métodos de memorização maquinal utilizados pelos professores no processo de alfabetização das crianças de sua época, métodos esses totalmente desvinculados da experiência cotidiana. Foi a primeira professora a substituir a palmatória por cantigas de roda e os castigos por exercícios de memória e dicção. Começa a criar diferentes formas criativas de tentar ouvir seus alunos começando inicialmente por dar-lhes mais alegria ao realizar verdadeiros atos de escuta através da oralidade e na recolha de jogos e brinquedos e brincadeiras que utilizava também como elementos mediadores entre as crianças e o registro escrito cauteloso que realizava posteriormente.

Segundo o pesquisador e folclorista Saul Martins (1970), uma das singularidades de seu trabalho pedagógico como alfabetizadora:

ela certa vez, segundo apuramos, levou para a sala de aula de uma turma de novato um gatinho fechado num cesto, provido de tampa. Ao abri-lo diante dos alunos, foi aquela agitação! Cessado o tumulto, ela se dirigiu ao quadro-negro, dizendo: “não preciso de trazer o animal nem mesmo desenhá-lo”, E apanhando o giz, escreveu a palavra *gato*, bem legível e com letras graúdas (p.225).

Comprovando seu papel de pesquisadora, em sua trajetória, Alexina, deixa evidente a função de intelectual ao fornecer um

material cheio de seiva nacional aos, então, homens de gabinete, cultores da arte e da ciência de sua época:

Como sabemos, a arte primitiva é hoje objeto de ciência; a ciência toda experimental; a grande arte filha da natureza. Ora, tudo o que tenda a facilitar o contato dos homens de gabinete com os seus objetos de estudo, dos artistas com os modelos vivos, cheios de seiva nacional, pode aproveitar à ciência e à arte (...) (PINTO, 1916, p.6).

Para compor ainda o destaque de sua trajetória profissional, Alexina fez um uso muito particular dos chamados brinquedos infantis, mesmo esses estando ligados na época ao prazer e totalmente desligados do mundo educacional, a folclorista, justificava o seu uso, afirmando que, o ócio quando bem orientado, educa, sana e une. Colaborou com assiduidade no *Almanaque Brasileiro Garnier*, dirigido por João Ribeiro. Um texto da oralidade recolhido através de uma menina é a inesquecível fábula O Rato do Campo e o Rato da Cidade.

Alexina demonstra mais uma vez estar à frente do seu tempo, ao fazer verdadeiras exortações, em Construções Froebelianas, inseridas em sua obra *Os Nossos Brinquedos*, trazendo o que considerava como um ideal para a vida familiar evidenciada na harmonia construída entre as crianças e seus pares, processo esse, de interação social que ainda não se via utilizado nas instituições escolares e também no interior de nossos lares, como é reconhecido e praticado nos dias de hoje.

Portanto hoje, ainda que apresentada como figura quase obscura e esquecida nos estudos de folclore no Brasil, é nossa tarefa divulgar a sua figura precursora e até mesmo inovadora que acreditou no potencial educativo da cultura popular, ao realizar várias pesquisas especialmente sobre recolhas de histórias, brinquedos, brincadeiras e jogos infantis e registros musicais no tempo de sua atuação profissional. Sua grande inovação foi utilizar-se desse material folclórico para compor livros destinados à biblioteca infantil, tendo como prova de sua importância, a adoção do livro *Provérbios*,



*Máximas e observações usuais* para ensino nas escolas públicas mineiras.

Sendo também musicista, Alexina traz enriquecimento com as partituras das partes cantadas, os contos recolhidos por suas obras, comuns nas narrativas populares. Em suma, Laura Sandroni coloca Alexina entre os mais importantes fundadores de nossa literatura infantil, em função da seriedade de todo seu trabalho e do amor dedicado às crianças em vida e toda sua obra. Examinando suas obras, essa autora assim comenta (1987):

Em *Os Nossos Brinquedos*, a música ocupa parte muito importante e à autora se deve o registro de muitos temas populares recriados mais tarde por Villa-Lobos. Outro aspecto interessante do livro são as adivinhas, charadas e provérbios por longo tempo usados nos entretenimentos de salão. *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares* trazem na dedicatória inicial “Às Crianças”: “Entoa direitinho essas cantigas. E se de outras tão simples como essas souberdes os versinhos, mandai-os com vosso endereço, o endereço de quem as aprendestes, a quem trabalha por versos cada dia mais alegres, mais fortes, mais nobres pelo sentimento e pelo saber...”. Em seguida uma “Nota Justificativa aos estudiosos e aos educadores”, que é na realidade um ensaio (seis páginas) sobre o trabalho que desenvolvia com a descrição pormenorizada dos métodos que empregava. O livro é dividido em cantigas, cantigas de pretos, cantigas e danças, coretos, coretos de mesa, coretos de bando de rua, cantigas jocosas, cantigas históricas, regionais e patrióticas. Todos com a informação do lugar de onde provêm. Há ainda um apêndice com nota preliminar onde se lê: “Aproveitarmos essa idade para firmar a criança, primeiro nos nossos sentimentos, depois, nas próprias pernas, que antes de andar sabe sentir a criança”... (p.40-41)

## **Produção literária e repercussão das obras**

Alexina é considerada a primeira mulher a publicar no Brasil uma coletânea de contos de tradição oral. Seu trabalho também é

reconhecido por inaugurar o uso desses contos em textos didáticos, em função da precariedade de materiais existentes sua época.

Em suas publicações podemos destacar *As nossas histórias: contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil*, publicado em 1907 pela tipografia Eyméoud, de Paris, que apresenta um apêndice constituído de notas em que a autora registrou algumas informações sobre os contadores de histórias.

Além desse livro, Alexina de Magalhães Pinto publicou *Os Nossos Brinquedos*, em 1909, voltando-se para o público infantil a fim de reintegrá-lo na verdade da terra e sua cultura oriunda da confraternização do português como o índio e com o negro. Essa obra traz a música ocupando importante espaço, além de adivinhas, charadas e provérbios, destacando-se na história da literatura infantil brasileira pela exclusividade de seu público e por trazer temas de nossa formação cultural.

Já em *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*, lançado em 1916, traz uma dedicatória inicial “Às crianças” e em seguida uma “Nota justificativa aos estudiosos e aos educadores” que nada mais é do que uma descrição de sua metodologia.

Em *Provérbios populares, máximas e observações usuais*, lançado no ano de 1917, tem destaque o texto “Esboço provisório de uma biblioteca infantil” em que Alexina traz uma relação mínima de livros que considerava adequado às crianças e dá ênfase a sua atenção a importância do hábito do ato de ler.

Em função dessas publicações o Conselho Superior de Instrução Pública de Minas Gerais sugere:

O Conselho Superior de Instrução Pública, tendo examinado os três trabalhos de D. Alexina de Magalhães Pinto, intitulados ‘Provérbios Populares’, ‘Plano de uma Biblioteca para professores primários’ e ‘Tradução do programa da liga de instrução moral inglesa’ verificou que o primeiro é um repertório onde o professor pode encontrar matéria ou assuntos para as suas lições de moral, que o segundo tem a utilidade de informar ao professor dos compêndios que existem no mercado e que lhes podem, mais ou menos, servir de guia nas várias disciplinas do curso primário: e que o

terceiro é uma publicação que prestará ao professor reais serviços, pois que lhe fornece metódica e sistematicamente os vários pontos do ensino de moral, higiene, urbanidade, etc que devem ser tratados na escola durante os quatro anos de curso, resolve, portanto aprová-los, recomendado a publicação do último deles para a distribuição dos professores do Estado (p.124).

## **A lista de bons livros e sua importância na literatura infantil juvenil**

Já no período de transição entre o Império e a República, em virtude das novas orientações na pedagogia nacional, Alexina percebe a escassez de livros que despertassem o interesse da criança pela leitura.

Os temas tratados por Alexina Pinto são impressionantemente brasileiros, em seus livros traz um rico inventário de valores brasileiros, bem como a comprovação da nossa deficiência em vários setores da educação escolar. Em 1907 já lamentava que nossos editores não davam para as nossas crianças livros bastante ilustrados.

Reforça sua importância no contexto histórico da literatura infantil brasileira ao lembrarmos que foi ela a primeira autora a indicar uma Biblioteca Para a Infância no Brasil, procurando proporcionar uma literatura adequada a idade. O seu projeto de uma biblioteca infantil considerava uma série de livros, por volta de 1917, que vale a pena conhecer, não só pelo seu valor histórico. De acordo com Arroyo (1968):

Os “primeiros livros ilustrados para audição e análise de imagens”, como classificou Alexina de Magalhães Pinto, eram os seguintes: *João Felpudo*, *O Menino Verde*, *Viagem numa Casquinha de Noz*, *Aves do Brasil*, *Mamíferos do Brasil*, *Aventuras de Hilário*, *Cristovão Colombo*, *Ride Comigo*, *O Anjo da Guarda*, *João Patusco*, *O que Vem Agora*, *Chapéu Preto*, *Para Todos e Eu Sei Ler*, ambos de Lothar Megendorf, *Os Irmão de Pedro Ouriçado*, *A Baratinha*, *Álbum de Gravuras*, de Romão Puigari, *Juca e*

*Chico e Alfabeto Ilustrado*. Esses livros, cujos autores em sua maioria não pudemos identificar, constituíam o que Alexina de Magalhães Pinto considerava a *Coleção Infantil*. (...) No gênero poesia indicava mais os seguintes títulos: *Poesias Infantis* de Olavo Bilac; *O Livro das Crianças*, de Zalina Rolim, e *Musa das Escolas de Pinheiro*.

Teríamos ainda os *Contos Infantis*, de Julia Lopes de Almeida e Adelina Vieira; *Teatro Infantil*, de Olavo Bilac e Coelho Neto; *A Queda de um Anjo*, de Figueiredo Pimentel; *As Férias*, de Max Fleiuss; *Histórias do Reino Encantado*; *Contos Para os Nossos Filhos*, de M. Amália e G. Crêspo; *Contos para Crianças*, de M. Pinto Rodrigues; *Contos para Crianças*, de Guerra Junqueiro, *Contos*, de Ana de Castro Osório, e *Amiguinho de Nhonhô*, de Meneses Vieira (p.183).

Rodrigues de Oliveira (2014) traz ainda, em sua dissertação, que:

Para complementar o seu “esboço” de biblioteca infantil, Pinto (1917) indica livros de viagens, livros sobre história do Brasil e livros sobre história da civilização. Os livros de viagens por ela indicados são: *Em Minas*, de Carlos de Laet; e *História do Brasil*, de João Ribeiro. Além desses, recomenda outros dois livros, que apenas informa os nomes dos autores: Virgílio Mello Franco; e Joaquim Nogueira Paranaçuá. Os livros sobre história do Brasil por ela indicados são: *Compêndio de história antiga*, de Moreira de Azevedo; e *A retirada da Laguna*, de Alfredo d’Escragolle Taunay, o Visconde de Taunay. E os livros sobre história da civilização por ela indicados são: *Cartas a Luisa*, *Mulheres e crianças* e *O reino da mulher*, de Maria Amélia Vaz de Carvalho (p.56).

## **A primeira folclorista brasileira**

Assim, analisando o material deixado por ela, rico em notas e observações podemos perceber de que forma Alexina envolve-se

nessa tarefa de recuperar e preservar a cultura popular e dar a ela condições de integrar às tradições nacionais. Além da preocupação em garantir máxima fidelidade na certeza de estar atingindo os padrões científicos para uma área de estudo que pretendia firmar-se enquanto saber científico, dono de metodologia própria podemos perceber no discurso da folclorista de que forma ela apropria-se da cultura popular e com quais objetivos. Fazia parte dessa apropriação à elaboração de uma literatura didática voltada ao uso das crianças nas escolas e também o uso pelas crianças em casa sob a supervisão e participação ativa dos pais (especialmente as mães).

Alexina se dedicou, sobretudo, à coleta do folclore, em especial o ligado ao universo infantil, seus contos, cantos e brincadeiras o que tornava o discurso dos folcloristas, aparentemente incoerente com relação aos registros efetivados pela folclorista mineira, por exemplo, quanto à cultura popular mediado pelo discurso educacional, pois Alexina enquanto fazia um registro singular em suas obras, pretendia na recolha dos materiais orais, musicais e folclóricos registrá-los e organizá-los. Segundo Carnevali não fugiu às preocupações eruditas, mas fez uma junção entre a norma culta da língua portuguesa erudita e da norma popular (p.399). Havia muito mais do que uma preocupação em trazer com esse material condições para que, posteriormente, se pudessem propor estratégias de transposição ou entre uma norma e outra.

Com isso estabeleciam-se possibilidades de se ampliar o domínio da língua na sua norma culta e a popular, pois Alexina sempre tecia comentários, além de respeitar o universo e o espaço local onde fora feita a pesquisa. Além do mais é visível sua preocupação com a ludicidade e o desenvolvimento das crianças e a interação entre os pares através do incentivo de jogos e brincadeiras tão preconizados até os dias atuais.

Paralelo a esse trabalho havia o tão desejado plano de se constituir uma verdadeira unidade nacional e o quanto essas propostas são importantes para a construção e o desenvolvimento das crianças e sua formação enquanto cidadãos e naquele tempo, no sonho de tantos brasileiros em fazer “o Brasil dentro do Brasil”, conforme afirma Carnevali (2011):

(...)“Não há dúvida que esse projeto, esse desejo, começou a ser construído por esses intelectuais em fins do século XIX e de que Alexina teve papel importante nesse processo. Ele será em parte retomado nos anos 30 tendo na linha de frente músicos, memorialistas e historiadores não acadêmicos que irão buscar no folclore e na música popular urbana elementos para a construção da identidade musical brasileira. Retomemos, por exemplo, o papel que Heitor Villa-Lobos assumirá nos anos 30 e seu projeto de implementação do Canto Orfeônico nas escolas através da criação do SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística) criado em 1931. A figura do músico naquele instante representava o papel do intelectual, do erudito, ao fazer a intermediação necessária para transformar a música popular folclórica em música nacional (p.399).

Contraditoriamente, agora a cultura popular está presente nas grandes cidades, em livros didáticos, transformada por uma série de mediações. Eles são mediadores que dão novo sentido à cultura popular evidenciando como esse conceito é historicamente construído e que ele pode mudar de significado dependendo do uso que se faz dele, assim como o próprio conceito de nação.

### **À guisa de conclusão**

Ao analisar a maneira como a folclorista Alexina maneja a cultura popular, seja “corrigindo” a fala do povo, ou a métrica das canções, valorizando os aspectos morais dos provérbios, criando e recriando contos populares, enfim, fazendo uso desse material para educar física, moral e intelectualmente as crianças, percebemos como esses “usos” utilizados por ela por mais que fossem pioneiros devido a sua utilização como literatura didática e voltada ao público infantil, estavam em consonância com aquela missão civilizatória que a elite letrada atribuía para si.

Alexina sempre preconizava na escrita de suas obras princípios educativos e sociais advindos da valorização dos brinquedos, brincadeiras e audição de histórias. Como consequência

as crianças poderiam desenvolver-se individualmente e criar um sentimento de coletividade. Ao perceber a lacuna de livros dedicados à infância e preocupada com a formação de leitores, inicia em 1906 um levantamento do que considera e chama Lista dos Bons Livros. Esta teve início ao fazer uma pesquisa dentre os “imortais” da Academia Brasileira de Letras perguntando-lhes: - Que livros dariam aos seus filhos de idade entre 7 e 11 anos? Tal fato não obteve sucesso e ela recorre então aos catálogos de editoras existentes naquela época. Essa lista continha livros distribuídos para diferentes faixas etárias e destinavam-se também à formação de pais e professores.

Quanto à introdução da oralidade e de seu uso no cotidiano escolar faz um rompimento da tradição acadêmica com essa metodologia pedagógica considerada pouco ortodoxa para os padrões vigentes. Quebra paradigmas e ao mesmo tempo instaura um novo tempo ao introduzir uma conversão pedagógica que inscreve, deixa marcas nas páginas de nossa história da educação, e quiçá de uma nação com esse novo olhar sobre o ato de alfabetizar. Traz novas perspectivas, valores e crenças de um ideário libertador materializado em suas ações. Os estudiosos em Literatura Infantil são unânimes em reconhecer o valor dessa são-joanense dada à sua preocupação com a valorização do Letramento e Alfabetização e mais recentemente em trabalhos de pesquisa que surgem nos meios acadêmicos.

Como educadora e pesquisadora do folclore a partir das recolhidas do material oral faz o registro com o cuidado de deixar explícitos a origem do mesmo e o respeito pela fonte. Busca também vivenciá-los com as crianças e tece comentários em suas obras das comunidades onde faz as pesquisas, para que as situações registradas não se percam na memória e na história. Sempre atenta às ideias transformadoras dedica-se com entusiasmo às tarefas que realiza.

Para concluir, Alexina não se coloca como elemento neutro e puramente coletor, como queria Sílvio Romero ao sistematizar o trabalho do folclorista, ela se revela uma interventora na busca de estabelecer novos paradigmas enquanto mulher, educadora e pessoa que deixava marcas e termino dizendo que possui muito orgulho por

conviver com ela e ousou falar baixinho: *tal como a batatinha quando nasce ainda deita ramas por meu coração!*

## Referências

- ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. *História da Sociedade Brasileira*. Ao Livro Técnico, 14ª ed., 1994.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de; et al. *História das sociedades: mudar a história da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1968.
- Boletim da Comissão Mineira do Folclore*. Edição nº 15, SESC/MG, 1993.
- CARNEVALI, Flávia Guia. *A Mineira Ruidosa: cultura popular e brasilidade*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Música popular, memória e história em Alexina de Magalhães Pinto*. Caderno de Pesquisa - Cdhis - Uberlândia, v. 24, nº 2, jul/dez 2011.
- CASCUDO, Luiz Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Ed. Global, 2.000.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Galeria das Personalidades notáveis de São João Del-Rei*, Fapec, Educadora Alexina de Magalhães Pinto, Pag. 12-15, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- DANTAS, Carolina V.; ABREU, Martha. Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920. In: José Murilo de Carvalho (org.). *Nação e cidadania no império: Novos horizontes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
- GAIO SOBRINHO, Antônio. *História da Educação em São João del-Rei*. Editora, local, 2000.
- HARDMAN, Francisco Foot. “Antigos Modernistas”. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães; GONÇALVES, Irlen Antônio; DE FARIA FILHO, Luciano Mendes; XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Legitimação das Escolas Normais*, p.263-264, Belo Horizonte, FCH/FUMEC – 2002.



MARTINS, Saul. *A mineira ruidosa*. Revista Veja, Seção Comportamento, edição de 5/08/1970.

\_\_\_\_\_. Vida e obra de Alexina. *Revista Brasileira de Folclore*, v.10, n.28, Brasília, set/dez, 1970, p.225-227.

NASCIMENTO, Jaqueline Dean Possa. *Nacionalismo e folclore na obra de Alexina de Magalhães Pinto*. Monografia de pós-graduação no Curso de Pós-graduação em Letras, FUNREI, 2001.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *História do ensino da Literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Estado de São Paulo, (1947-2003)*. Dissertação de Mestrado.

PINTO, Alexina de Magalhães. *As nossas histórias: contribuição do folclore brasileiro para a bibliotheca infantil*. Paris: Eyméoud. 1907.

\_\_\_\_\_. *Os Nossos Brinquedos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1909. Coleção Icks. Série B.

\_\_\_\_\_. *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1911. Coleção Icks. Série A.

\_\_\_\_\_. *Provérbios, Máximas e observações usuais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917. Série F.

SANDRONI, Laura Constância. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 2011.

SILVEIRA, Francisca Amélia. *Ludismo e pragmatismo na literatura para crianças no início do século XX: Uma análise das obras de Alexina Magalhães Pinto e de Ana de Castro Osório*. Dissertação (mestrado em literatura portuguesa) – FFLCH-USP, Dat. Def: 10/06/96. São Paulo.

VASCONCELLOS, Francisco de. Onde, Quando e Como Faleceu Alexina de Magalhães Pinto. In: *Revista do IHG de São João del-Rei* - Edição Comemorativa do Trigésimo aniversário do IHG e dos 500 anos do Descobrimento do Brasil - São João Del-Rei, Vol. 9, Pag. 142-144, Ano 2000.

## **ANTÔNIO GUERRA, UM BALUARTE DO TEATRO AMADOR NO INTERIOR DO BRASIL**

Neudon Bosco Barbosa  
Titular da Cadeira 28  
*donbarbosa53@gmail.com*

Antônio Manoel de Souza Guerra nasceu em 11 de agosto de 1892 em São João del-Rei, filho de Manoel de Souza Guerra e Maria do Carmo Mendes Guerra. Carinhosamente chamado de Nequinha ou Niquinha.

Casou-se em primeiras núpcias com a pianista Carmélia Giovanini Guerra, advindo os filhos Sônia, Danilo e Lúcia. Falecendo Carmélia, desposou Ilza Trindade Guerra, nascendo Duílio, Fernando e Antônio.

Desde cedo mostrou pendores para a arte teatral, fundando em 28 de agosto de 1905 o Grupo Dramático 15 de Novembro, junto com Marcondes Neves, Alberto Nogueira e Altamiro Neves. O Grupo, constituído de elementos infantis, é o marco inicial do Clube Teatral Artur Azevedo, que marcou a vida cultural da cidade por longos anos. Guerra estava com 13 anos.

Com a instalação da Estrada de Ferro Oeste de Minas em 28 de agosto de 1881 e sua sede de 1878 a 1886 e de 1903 a 1920, São João del-Rei teve incremento em sua atividade mercantil, proporcionando grande fluxo de passageiros nas localidades atendidas, facilitando acesso às escolas locais, indústria e serviços variados.

Sede de um Teatro Municipal, havia uma vida cultural com apresentações de Companhias nacionais e estrangeiras.

O Clube Teatral Artur Azevedo teve Antônio Guerra na presidência de 1906 a 1913, 1923 a 1927, 1938, e de 1948 a 1967, possibilitando a apresentação de espetáculos com artistas amadores locais e de grupos renomados do Rio de Janeiro, São Paulo e do exterior.

Foram dezenas de peças levadas aos palcos são-joanenses e outras localidades que tiveram sua participação como amador e

ensaiador, em quase todo o repertório do grupo. Fundou e foi ensaiador de sociedades nas cidades de Barbacena, Divinópolis, Lavras, Juiz de Fora e Belo Horizonte.

O termo ensaiador foi utilizado pelo próprio Guerra em seu livro “Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João Del-Rei 1717 a 1967”, editado em 1968, com prefácio de Fábio Guimarães, idealizador e fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, do qual Nequinha participou como sócio fundador.

Exerceu o cargo de gerente das lojas Renner na cidade e foi representante da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais desde 1934, sócio da Casa dos Artistas desde 1942, delegado do Sindicato dos Atores e Cenotécnicos de São Paulo, representante da União Brasileira e Compositores e procurador da Sociedade Mantenedora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Nanci Assis Sade participou de inúmeros espetáculos e recorda a dedicação, o entusiasmo e o detalhismo de Guerra, que explicava cada gesto a ser feito, como a ação deveria transcorrer. Muito correto, íntegro, em quem as famílias confiavam. Era um gentleman. Ela iniciou no teatro no Colégio Nossa Senhora das Dores, incentivada pela irmã Maria José que admirava sua dicção na leitura dos textos em francês durante as aulas e participou de peça encenada por ela. Dali colaborou nas apresentações de Pe. Almir de Resende Aquino na Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, sendo convidada a ingressar no Clube Teatral Artur Azevedo. A peça “A Morgadinha de Val-Flor”, de Manuel Pinheiro Chagas, drama em cinco atos, foi o seu maior sucesso como protagonista. Cita os atores Lauro Novais, Rubens Moreira, Iruan Peixoto como destaques do grupo, entre outros muito talentosos.

O confrade Abgar Antônio Campos Tirado, musicista e escritor, tem boas recordações do Clube Artur Azevedo, frequentava os espetáculos dos quais participava seu primo Inácio Ferraz, muito elogiado pelas atuações.

Abgar destaca que Guerra prestigiava os músicos e os atores e era também um grande ator. Conversavam bastante, revelando-lhe

que pretendia lançar segunda edição do livro no qual iria incluir uma foto do confrade, muito elogiado pelas suas apresentações musicais.

Aluízio Antônio de Barros, professor universitário aposentado, confrade da Academia de Letras, participava com Luiz Dangelo no Teatro do Estudante e chegou a fazer pontas em peças do Guerra, tendo tido ótima convivência com ele.

Barros ressalta que o pessoal do teatro era muito culto e estimulava os rapazes a almejar sempre algo a mais. O teatro daqui era muito respeitado em virtude da liderança do Nequinha. Quando chamava o grupo já distribuía os textos para cada um. Entre os atores ele se recorda de Marcondes Neves, Samuel Santiago e José Viegas. Outra recordação quanto à simpatia de Nequinha era a de sempre deixar os rapazes, que estavam próximos à entrada do Artur Azevedo, entrarem para assistir aos filmes quando a idade permitia.

São João del-Rei possuía um variado comércio, inclusive com lojas de um alemão que vendia maquinário para laticínios e de um inglês com produtos diversificados, grandes lojas.

Outro aspecto interessante detalha Aluízio é que durante a gripe espanhola os espetáculos continuaram normalmente, recebendo grupos de fora. Em 25 de outubro de 1918 ocorreu apresentação da opereta “A Viúva Alegre”, apresentado depois em filme, quando foi constituído o Cine Artur Azevedo.

Nequinha Guerra ocupou a presidência do Clube Teatral Artur Azevedo por muitos anos, mas, personalidades da cidade também estiveram à frente, como presidentes ou diretores, colaborando para a manutenção das atividades.

## **O teatro próprio**

Inicialmente, o Clube não possuía sede própria e atuava em palcos diversos além do Teatro Municipal de São João del-Rei, então considerado o mais belo teatro de Minas Gerais, inaugurado em 1893 e remodelado pela administração de Basílio de Magalhães, em 1925

Fruto da liderança de Antônio Guerra e de diversas pessoas da diretoria, que empenharam-se na busca de recursos para construir a

sede própria, visto que apresentavam os espetáculos em locais cedidos.

No dia 13 de setembro de 1951 ocorreu a inauguração com equipamentos modernos, inclusive projetores RCA Victor para iniciar atividades de exibição de filmes.

Foi uma festa que veio consagrar a dedicação pelo teatro amador, através do Clube Teatral Artur Azevedo, seja pelos idealizadores, diretores, como pelos atores, técnicos colaboradores, doadores e o povo que sempre prestigiou os espetáculos.

Betânia Monteiro Guimarães, professora universitária aposentada e também duplamente confeitira recorda que Antônio Guerra era muito amigo de seu marido Fábio Nelson Guimarães, que prefaciou e revisou o livro lançado em 1968.

Simpático e afável gostava que Fábio o acompanhasse na degustação de capeleti aos domingos, na Cantina Calabresa.

## **Conclusão**

Minhas lembranças do Sr. Nequinha Guerra remontam ao Clube Teatral e ao Cinema. Aos domingos, eu e amigos, meninos ainda, íamos às matinês assistir aos diversos seriados que depois serviam de inspiração para nossas brincadeiras na rua. Chegávamos mais cedo para efetuar troca de figurinhas para nossos álbuns, ou por divertimento, sempre jogando o “bafo”, quando com a palma da mão tentávamos virar a figurinha e ganhar o jogo.

Seu livro é fruto de dedicada e disciplinada coleta de informações e o recolhimento de programas sobre apresentações artísticas, formam um valioso acervo, hoje confiado à Universidade Federal de São João del-Rei, para conhecimento do legado proporcionado por homens e mulheres apaixonados pela Arte Teatral.

A exuberância das atividades de Antônio Guerra demanda ainda mais pesquisas e não se encerra nessa homenagem em que reverencio a memória de um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei e patrono da cadeira 29, por mim ocupada.

## **Referência**

GUERRA, Antônio. Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del-Rei 1717 a 1967. Juiz de Fora: Esdeva, 1968. (Edição própria)

**EDUARDO CANABRAVA BARREIROS,  
UM HOMEM DE PERSONALIDADE<sup>7</sup>**

Paulo Chaves Filho  
Titular da Cadeira 34  
*pchavesfilho@gmail.com*

*“Ninguém mata sua própria personalidade, a não ser  
epidermicamente.*

*No fundo, bem no âmago de cada um de nós, assentado, de pé,  
ou mesmo de cócoras, estará o homem que somos.”*

Eduardo Canabrava Barreiros

Semicírculo: Recordações quase Memórias

O nome que motivou o título deste trabalho é o patrono da cadeira nº 34, que hoje ocupo no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. Ao defender meu patrono neste Sodalício, em 05 de agosto de 2012, notei um total interesse dos confrades, confreriras, visitantes e convidados sobre a vida de Eduardo Canabrava Barreiros. Percebi que muitos ouvintes conheciam meu patrono de nome, mas não tinham noção de suas obras nem das provações vitais que Eduardo passou antes que a glória o coroasse, já na plenitude da vida, com os louros do triunfo. Desde o início de minhas pesquisas já tinha observado que meu trabalho não seria simples, mas de grande fôlego e que precisava perseverar na busca de documentos incontestáveis.

Motivado por meu trabalho de defesa de patrono e pelas unânimes manifestações de interesse pelo meu homenageado por parte de todos os presentes, resolvi escrever meu primeiro artigo e trazer a lume a minha pesquisa.

---

<sup>7</sup> Artigo publicado no *Jornal de Minas* – São João del-Rei/MG, ano XII, 24 a 30/08/2012, p. 4, nº 188, por ocasião da minha defesa de patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei/MG. Artigo publicado no *Jornal Curvelo Notícias* – Curvelo/MG, ano 54, Julho/Agosto/2012, p. 18, nº 433, por ocasião da minha defesa de patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei/MG.

Eduardo Canabrava Barreiros nasceu em Curvelo, cidade do sertão mineiro, em 11 de julho de 1908. Filho de João Barreiros e Etelvina Canabrava Barreiros. Perdeu o pai aos 2 anos de idade e viveu momentos difíceis ao lado de sua mãe e dos seus irmãos. Concluiu apenas a 4ª série do grupo escolar e mais tarde, em épocas intercaladas, estudou com as professoras Elisa Octaviano e Maria Hermenegilda de Souza, dona Nhanhá de Souza. A pouca frequência ao ensino sistemático não o impediu, no entanto, de se tornar um intelectual brilhante, a exemplo de outros sem diploma de curso ginásial, como Machado de Assis. Desde a infância se mostrou habilidoso, inteligente por excelência e já desenhava as mais diversas figuras. Era um menino alto, franzino, astênico, diferente de seus irmãos e demais meninos de sua época. Também sofria de uma anemia congênita que, às vezes, o deixava amarelo e pálido.

A vocação para desenho e a perspectiva, entretanto, manifestou-se desde cedo. Estudou com o engenheiro e desenhista Paulo Metre, especializou-se em topografia, com o engenheiro Arlindo Araújo. Além de desenho, estudou pintura com Delfino, em Belo Horizonte, durante os anos de 1928 e 1929. Assim foi crescendo nas artes plásticas e pintura. Pintou a igreja-matriz de Curvelo e também a igreja de Buenópolis. Até por volta de seus trinta anos aventurou-se em diversas atividades como a garimpagem na Serra do Cabral, no Rio das Velhas, nas proximidades de sua foz, no Rio São Francisco e no alto Rio Jucu/ES. Dispôs-se a participar, como voluntário, da Revolução de 1930, também alcunhada de “Liberal”, conforme ele escreve em uma de suas obras.

Um dia, para o pesar da família e dos amigos, Eduardo deixou a sua cidade natal e foi em busca de fama e fortuna. Depois de muito viajar, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1935. Ao invés de fama e fortuna, sofreu de tudo, padecendo todas as penúrias imagináveis. Passou fome, foi catador de papel como ele próprio tragicamente nos relata em seus contos e crônicas. Uma verdadeira vida de trapeiro...

Envergonhado e decepcionado com o seu estado lastimável, Eduardo decidiu se isolar da família e dos conterrâneos. Com isso, a família e os amigos perderam totalmente o contato com ele. Foi então que a família resolveu pedir ao quase irmão e amigo Alfredo



Marques Vianna de Góes, conhecido como Fiduca, que fosse ao Rio de Janeiro em busca de notícias sobre o seu amigo. Alfredo dirigiu-se ao último endereço de correspondência de Eduardo onde, indagando pelo paradeiro dele, obteve notícia que o amigo teria sido visto por diversas vezes na Rua Sachet, onde se encontravam muitos mendigos e catadores de papel. Alfredo partiu imediatamente para o local e, depois de muito tempo aguardando, avistou uma pessoa alta, franzina e desengonçada que se assemelhava ao seu amigo.

O encontro lhes trouxe muitas emoções. Ao velho amigo, amado como o melhor dos irmãos, Eduardo confidenciou as suas privações. Alfredo, espantado e ao mesmo tempo feliz com o encontro, levou Eduardo ao restaurante mais próximo para matar-lhe a fome, coisa que o amigo não fazia decentemente há muitos dias. Durante o almoço Eduardo comenta que para alugar um fundo de loja, instalar uma prancheta para trabalhar e aguardar os primeiros fregueses, necessitaria de uma quantia inacessível para ele. Antes mesmo de Eduardo terminar a fala, Alfredo emprestava-lhe a quantia solicitada.

A partir deste momento, a vida de Eduardo toma o rumo há muito tempo almejado e ele começa a trabalhar, consegue os primeiros clientes, aceitando trabalhos de última hora, sujeitos a prazos exíguos.

Em 1940 criou o Instituto Cartográfico Canabrava Barreiros, onde se consagrou como artista e técnico em cartografia. Ficou conhecido por seus levantamentos cartográficos de grandes cidades, portos marítimos, bases militares, ilhas estratégicas e caminhos históricos de nosso País.

Casou-se em 1942 com Maria da Conceição Cabral de Vasconcellos. Seu sucesso viria com a influência da inspirada esposa, admirável Ceicinha, sua Musa, sua luz e sua fortuna. Foi ela quem disciplinou os passos de Eduardo e assinalou os rumos de sua vida. Não tiveram filhos.

Conquistou grandes e célebres amigos frequentando as reuniões de Fábio Doyle, batizadas de “Sabadoyles”, onde se juntava a nata dos escritores brasileiros: poetas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, romancistas como Rachel de Queiroz e

Lygia Fagundes Telles, o memorialista Pedro Nava e dezenas de outros escritores e intelectuais em geral.

Quando a Livraria “José Olympio” Editora que passou a editar e lançar seus livros, estreou como escritor de ficção em 1967, com “O Segredo de Sinhá Ernestina”, obra prefaciada por Guimarães Rosa, A TÍTULO EXCEPCIONALÍSSIMO. Conquistou o **Prêmio Afonso Arinos** da Academia Brasileira de Letras. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Também foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, sócio correspondente da Academia de Letras de São João del-Rei. Em São João del-Rei, conquistou a amizade pessoal de Sebastião de Oliveira Cintra, Fábio Guimarães, Altivo Sette entre outros.

Eduardo sempre participou dos eventos curvelanos, mesmo morando fora. Retornou à cidade natal em 1975 para as festividades dos cem anos de elevação do distrito-sede à categoria de cidade. Lançou o “Ligeiro ensaio referente a aspectos históricos e geográficos do Curvelo aos 100 anos de sua elevação à cidade (1875-1975)”. Ajudou a divulgar Sinhá Reginalda, a “santa mendiga”, da qual fez o bico de pena estampado em edição especial do jornal CN – Curvelo Notícias. Lançou campanha que se notabilizou contra a incorporação de Tomás Gonzaga a outro município, guiado pelo bom senso de historiador. Participou também do programa “Mineiros Frente a Frente” defendendo Curvelo na TV Itacolomi (1971), em Belo Horizonte, no quadro “Eu conto a verdade” no qual com muita simpatia ganhou ponto para a equipe curvelana contra a cidade de Itaúna, contando o caso da velha escrava assassinada pelo próprio filho, que não a reconheceu. Para engrandecer minha defesa de patrono, convidei o casal Dr. Lúcio Flávio Baioneta e Dona Vilma Canabrava Baioneta, parentes de Eduardo Canabrava Barreiros, para assistirem a minha apresentação e darem seu testemunho com uma grande riqueza de detalhes sobre a preciosa personalidade do meu patrono e relatarem alguns casos, principalmente enfocando o caso que se passou com Eduardo no programa “Mineiros Frente a Frente” que se encontra no livro Semicírculo: Recordações quase Memórias,

às páginas 42 e 43, fazendo com que os ouvintes se emocionassem, como foi no dia do referido programa.

Entre suas obras mais importantes estão “O SEGREDO DE SINHÁ ERNESTINA (1967)”, “ATLAS DA EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DE 1565-1965 (1967)”, “ITINERÁRIO DA INDEPENDÊNCIA (1972)”, “D. PEDRO - JORNADA A MINAS GERAIS EM 1822 (1973)”, “SEMICÍRCULO: RECORDAÇÕES QUASE MEMÓRIAS (1977)”, “DAS BUSCAS E DESCOBERTAS (1980)”, “EPISÓDIOS DA GUERRA DOS EMBOABAS E SUA GEOGRAFIA (1984)”. Entre seus principais trabalhos cartográficos estão: “MAPA ETNOGRÁFICO DO BRASIL (1940)”, “ENSAIO ETNOGRÁFICO DO BRASIL (1941)”, “MAPA RODOVIÁRIO DO BRASIL (1942)”, “Redução e ajuste cartográfico de centenas de folhas topográficas, de estudos e projetos rodoviários e ferroviários, para os departamentos especializados (1943)”, “MAPA POSTAL TELEGRÁFICO DO BRASIL (1944)”, “ATLAS DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES DA 3a. ZONA AÉREA (1944)”, “MAPA OROGRÁFICO DO BRASIL (1945)”, “MAPA HIDROGRÁFICO DO BRASIL (1945)”.

Ainda cabe mencionar que, a convite da nobre vereadora são-joanense Alba Lombardi, trabalhou diligentemente no levantamento topográfico e cartográfico da região do Rio das Mortes com a atenção voltada para a definição dos limites entre São José del-Rei e São João del-Rei, na data do batizado de Tiradentes, ou seja, 12 de novembro de 1946. Não satisfeito com o testemunho do próprio Tiradentes sobre a sua naturalidade são-joanense nos Autos da Devassa, ele se pôs a pesquisar todos os elementos de que dispunha para esclarecimento de sua dúvida. **Seria Tiradentes realmente são-joanense?** O livro “AS VILAS DEL-REI E A CIDADANIA DE TIRADENTES” veio confirmar, agora cientificamente, o testemunho que Tiradentes deu nos Autos da Devassa.

Eduardo Canabrava Barreiros alcançou o merecido reconhecimento. Críticos abalizados, como Guimarães Rosa, Michel Vovelle, Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe e Altivo Sette, entre outros, enaltecera-lhe a fluência verbal e a sólida erudição.

Infelizmente, em 1981, Eduardo Canabrava Barreiros faleceu de complicações de uma cirurgia para retirar cálculos biliares da vesícula. Teve uma septicemia no pós-operatório.

Por fim, gostaria de reconhecer aqui a contribuição recebida de vários estudiosos da obra de Canabrava Barreiros dando especial destaque ao casal Dr. Lúcio Flávio Baioneta e Dona Vilma Canabrava Baioneta, parentes de Eduardo Canabrava Barreiros, que se dispuseram a dar sua participação emocionada sobre a relação amistosa que desenvolveram com o meu patrono durante décadas no Rio de Janeiro, ao Sr. Raimundo Martins dos Santos (Diquinho), diretor proprietário do jornal Curvelo Notícias que me concedeu acesso ao acervo desse prestigioso periódico. Também agradeço a minha esposa, Sarah Barbosa Chaves, e a meus amigos, em especial, ao Prof. Artur Cláudio da Costa Moreira, presidente do IHG de São João del-Rei, à Professora Betânia Maria Monteiro Guimarães, a Francisco José dos Santos Braga, historiador que utilizou as conclusões de Canabrava Barreiros para fundamentar o seu artigo “São João del-Rei: a terra natal de Tiradentes” de 1992, e a Luiz Antônio do S. Miranda, que me apoiaram e incentivaram na realização desta pesquisa.

## ANTÔNIO TIRADO LOPES À GUISA DE PEQUENA BIOGRAFIA.

Artur Cláudio da Costa Moreira  
Titular da Cadeira 29  
*arcturusclaudius@gmail.com*

A escolha de uma cadeira e seu patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei IHG, obedece às disposições Estatutárias. Quando de meu ingresso nessa instituição, optei pela cadeira de número 29, cujo patrono é Augusto das Chagas Viegas. Ao findarem-se meus períodos como presidente do IHG, solicitei, via ofício, afastamento por tempo indeterminado, ao presidente José Cláudio Henriques, alçado à minha sucessão. Foram anos exaustivos aqueles seis, passados entre 2009 - 2011 e 2012-2014. Passados esses anos, em 2019, o presidente atual, Paulo Roberto de Souza Lima e numerosos confrades, pediram-me que retornasse às fileiras de sócio efetivo da honrosa casa. Aceito o pedido, encaminhei solicitação escrita ao senhor presidente do sodalício, por meu retorno. Em assembleia do IHG, meu nome foi colocado em pauta para a decisão de meu retorno, ou não, votado pelos doutos confrades. Minha volta foi aceita. Na mesma assembleia, solicitei a troca de patrono. Pedi ao senhor presidente Paulo que, havendo vacância, gostaria de ter como patrono o senhor Antônio Tirado Lopes. O móvel principal da petição: “seu” Antônio” é pai de meu ex-professor, amigo, o admirável professor Abgar Antônio Campos Tirado<sup>8</sup>. Além deste fundamento, há outros: tive o prazer de conhecer, pessoalmente e frequentar a casa de meu patrono, tendo minha família, através de minha mãe, Haydée da Costa Moreira, amiga íntima de uma das filhas de “seu” Tirado, irmã de Abgar, Adair Maria Campos Tirado, que posteriormente se tornou madrinha de batismo de meu irmão Fernando Antônio da Costa Moreira.

Para esta breve biografia, recorri ao livro “Nas Asas do Passado, escrito por Antônio Tirado Lopes, em 1987, impresso na

---

<sup>8</sup> Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei

Gráfica da ESG, em 1988. Ao que me parece, é exemplar único, pois consta na página de título, a observação, feita à mão “Pertence à família de Antônio Tirado Lopes”, pela conhecida letra de meu eterno mestre e amigo, Abgar, a quem devo muito do que aconteceu em minha vida. Devo? Amigos, creio eu, não devem nada, pois o outro fez algo a nosso favor, por nos amar.

A edição é alentada, contendo 321 páginas, em letra de corpo 8 ou 9 e 132 capítulos. Nesta obra, o autor conta toda a sua história até o ano de sua publicação. O livro é fascinante, com seus capítulos curtos – indo cada capítulo até ao máximo de três páginas.

Na página que precede o índice, o autor adverte, através do *“Meu Recado ao leitor”*: *Este eventual trabalho a que dei o título - “NAS ASAS DO PASSADO”, pela simplicidade inócua do seu contexto, não pede e nem admite prefácio. Sua apresentação se restringe à justificação de seu aparecimento, que teve origem no ato de haver passado pela mente de meu filhos, a exemplo do que às vezes se dá com outros pais, a extravagante ideia de que eu deveria “escrever alguma coisa, fosse lá o que fosse, mas o fizesse, dotando o “escrito”, de algum sentido autobiográfico. – Ora, “escrever” ... palavra fácil de pronunciar; mas, grafá-la no papel, dar-lhe expressão ou sentido literário, é tarefa própria de escritor, qualidade de mim bastante distanciada.”*

Passear pelas páginas da única obra escrita por Antônio Tirado vem mostrar que o autor se engana, muito, quando escreve *“Ora, “escrever” ... palavra fácil de pronunciar; mas, grafá-la no papel, dar-lhe expressão ou sentido literário, é tarefa própria de escritor, qualidade de mim bastante distanciada.”* Fica claríssimo que ele tem o dom da escrita. É ágil, envolvente, empolgante, pois o escritor, além de fazer um passeio pela história de sua infância, vida e família, leva-nos ao passado da vetusta São João del-Rei, em capítulos intitulados, como se segue: *O Cometa Halley, A locomotiva nº 28 de E. F. Oeste de Minas, O trenzinho de Ferro e o Lago de Águas Santas, O aterro, A Locomotiva nº 38, O Primeiro Avião visto em São João del-Rei, O Automóvel Número UM, Estabelecimentos de Fins Econômicos em São João del-Rei – Os Serviços de Água e Esgoto, A Tromba d'água, O Hotel Oeste de Minas, O Condutor de*

*Coche do Hotel Oeste de Minas, A Influenza Espanhola, O Pavilhão de Matozinhos, Uma greve em 1920, A Vida Religiosa em São João del-Rei, O progresso Automobilístico em São João del-Rei, O cinema Sonoro em São João del-Rei, O Garimpo em São João del-Rei, A Fábrica de Cerveja Marchetti, O Liceu de Artes e Ofícios, Campanha Eleitoral, Coisas da Política, As Associações Religiosas de São João del-Rei, A enchente, Magdalena Tagliaferro* (LOPES, 1988) dentre outros. Estes, além de outros, servem de início de pesquisas aos historiadores de nossa região. Mas nem só de coisas extremamente sérias tratou, “seu” Tirado, em sua obra. Há relatos engraçados de sua infância, bem como aqueles cuja tristeza turvou-lhe o coração.

## Sua origem

Ao começar o capítulo I, o autor informa “*Minha vida, qual a de outro qualquer ser humano vive e se move entre a multidão, nada tem de extraordinário ou de peculiar que a caracterize.*” O autor deste pequeno opúsculo discorda, totalmente, de Antônio Tirado Lopes, visto que, embora pessoa sisuda, de uma interessante simplicidade e excepcional educação moral em atenção às pessoas, tal como mostra o livro, o que o leva ao rol das pessoas muito interessantes, que participaram ativamente da vida na cidade de São João del-Rei. *Da convivência com o saudoso Antônio Tirado Lopes (Nazareno, 1901-São João del-Rei, 1992), pai de Abgar, que exerceu o mandato de vice-prefeito de São João del-Rei, de 1948 a 1951, recordo-me especialmente da gentileza e cortesia com que eu era recebido, sempre esbanjando cordialidade pela minha presença. De sua extrema bondade e hospitalidade franciscana fala Abgar no seu poema “A meu pai”. O poema faz parte do seu livro “Raízes e Coração”.* (Braga, 2008).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> TIRADO, A. C. Raízes e Coração, A Voz do Lenheiro Editora, São João del-Rei, 2ª edição, 1997. Conforme Eric Ponty assinalou na Apresentação ao referido livro de Abgar, “quem já leu seus poemas sabe que sua veia clássica transparece nos versos livres e metrificados, com a maestria de

A família Tirado é de nacionalidade espanhola. Baltazar Tirado Matheos e Maria Torres Delgado – avós paternos – e Diego Lopes Lozano e Ana Garcia Candiles, - avós maternos, casaram-se na localidade de Manilva (Wikipédia, 2020). O pai de Antônio Tirado Lopes (28/04/1901-01/03/1992), Francisco Tirado Torres (n. 12/11/1847, Espanha, e f. 29/07/1918 em SJDR) e sua mãe Ana Lopes Garcia (5/02/1859, Espanha–07/04/1941 SJDR). casaram-se a 30/10/1879. Seu pai era natural de Manilva e sua mãe, natural de San Roque, Provincia de Cádiz Antônio tinha três irmãos e duas irmãs, todos falecidos à época da redação do capítulo I). Irmãos de Antônio Tirado Lopes: Baltazar (1880-1897), Diogo (n. 06/01/1883 f. 20/03/1939, , Ana (n. 05/02/1885 f. 20/01/1971) Francisco Tirado Lopes (Frasquito) (n. 17/07/1888 f. 2411/1915 Isabel (n. 04/01/1895 f. 08/04/1975). A família teve de se mudar da Espanha, devido à circunstância especial, ocorrida em 1896. Cuba, nessa época, pertencia à Espanha. Por não quererem ser colônia espanhola, rebelaram-se os cubanos, buscando sua independência. Guerra é sempre algo desastroso para os dois lados, embora um sempre acabe perdendo mais. Neste caso, os soldados espanhóis estavam sendo dizimados e buscava a Espanha novos membros para seu exército, já convocando adolescentes. Diante do horror de ter em seu caminho a convocação de Baltazar, então com 16 anos, abandonaram o solo onde nasceram. O chefe da família, proprietário de uma olaria e um terreno, vendeu a primeira e deixou o segundo em confiança de amigos, partindo rumo ao Brasil, em 16 de agosto de 1886, a bordo do vapor “Europa”, levando 23 dias de viagem até aportar no Rio de Janeiro. Embora tivessem a opção de ir para a Argentina, escolheram nossa pátria e, por informações que obtiveram, optaram pelo Estado

---

*quem dedilha a língua como as teclas de um piano, ou seja, a virtuosidade de sempre." (Extrato do Artigo "Maestro" e literato Abgar Campos Tirado, glória de São João del-Rei - Terça-feira, 29 de março de 2011 – Francisco José dos Santos Braga. Artigo publicado na Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, ano V, nº 5, 2011, p. 77-94, editada pela UFSJ-Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei –*



de Minas Gerais. Lucramos nós, brasileiros e, especialmente, os são-joanenses, pois a intelectualidade da família Tirado Lopes em muito enriqueceu e enriquece culturalmente esta cidade.

O primeiro destino foi a cidade de Pitangui. Nessa cidade veio a falecer o irmão de Antônio, de nome Baltazar – morreram dois companheiros, juntamente - em um trabalho de construção, no auge de seus 16 anos de idade “*sob o peso de tremenda avalanche de terra*.” (LOPES, 1988). Baltazar era o filho que, justamente, fez a família emigrar. Quando chega a derradeira hora, nada se pode fazer. O pai de “seu” Tirado, adoeceu e viveu com a saúde abalada e a mãe sempre chorava, desde a partida inesperada do filho amado.

Depois de outra cidade, transferiram-se para o distrito de Nazaré, hoje, Nazareno. Nessa localidade, no local denominado “Coqueiros”, veio à luz terrena Antônio Tirado Lopes, em 28 de abril de 1901. Foi batizado pelo Cônego Heitor Augusto da Trindade, vigário do distrito, tendo como padrinho seu irmão Diogo e madrinha a senhora Mariana Eleutéria de Resende, baronesa de Ponte Nova.<sup>10</sup>

Aos três anos de idade de Tirado Lopes, muda-se novamente a família, em 1904. Daí, foram mais três locais de residência: Carmo da Mata, Cláudio - até meados de 1910 – e, finalmente, São João del-Rei. Esta última, escolhida - em função de Antônio Tirado Lopes - por possuir melhores recursos educacionais.

## **O trabalho e as profissões**

O primeiro emprego de meu patrono foi na Tipografia e Papelaria São José, da firma de Antônio Coelho dos Santos (vulgo Ninico) e Alberto de Carvalho. Situava-se na Rua Marechal Deodoro, que anteriormente chamava-se Marechal Bittencourt. Ali aprendeu o ofício de tipógrafo e encadernador. O ano era 1916.

Como o emprego era pouco promissor em termos de aprendizado – algo buscado por Tirado com muita ânsia – foi

---

<sup>10</sup> A Baronesa de Ponte Nova, Mariana Eleutéria, é neta do Marquês de Valença e bisneta do meu 6º avô, Caetano de Carvalho Duarte.

trabalhar na Companhia Têxtil São-joanense, hoje Fiação e Tecelagem. A data, 8 de março de 1917, com a função de auxiliar de escritório. Neste cargo, respondeu pela chefia da “Sala de Pano”!, a seção de acabamento e expedição de produtos fabricados. *“Nesse emprego, folgo dizer, passei a maior parte de minha existência.”* (LOPES, 1988). Concomitantemente, nos primeiros anos de trabalho nessa empresa “seu” Tirado estudava no tempo disponível, Contabilidade *“... ciência para a qual tive pendores e nela procurei me aprofundar, adquirindo, ao mesmo tempo, sólidos conhecimentos práticos, com os profissionais abalizados.”* (LOPES, 1988). Antes, estudara também, por algum tempo, no Ginásio Danto Antônio.

Em 1923, procurado pelo senhor José Simões Baeta, sócio-gerente da Fábrica Brasil, hoje Fiação e Tecelagem João Lombardi, para esta foi cedido pelo diretor-gerente, Pedro Barcellos Pessoa, com a missão de atualizar o serviço contábil que se encontrava paralisado havia mais de seis meses. Trabalhou, ao mesmo tempo nas duas fábricas. Vê-se, por aí, a capacidade intelectual de nosso ilustre patrono.

Corria o ano de 1924. Nesse ano, foi exonerado do serviço de auxiliar de contabilidade de Companhia Têxtil São-joanense, sendo promovido e assumindo, por completo, a responsabilidade pelos serviços contábeis, até meados do ano de 1929, quando assumiu provisoriamente a gerência da Fábrica. Com a chegada do novo gerente, respondeu pela chefia do escritório, simultaneamente com a função de subgerente. Tais atribuições forçaram-no a estudar mais para plenificar-se, ao máximo, no conhecimento técnico *“...desde a elaboração da matéria-prima até o acabamento...”* (LOPES, 1988).

Em 1949, Antônio Ottoni Sobrinho (que empresta seu nome ao Centro Esportivo do Athletic Club) exonerou-se do cargo e Antônio Tirado reassumiu a gerência geral, até o ano de 1954. Com uma nova mudança de direção da Fábrica, Tirado foi exonerado da função, permanecendo sem cargo definido. Nesse ano, a Companhia decidiu mudar a sede para o Rio de Janeiro e a fábrica local se tornou filial. Havendo necessidade de reunir-se a documentação necessária para a transferência desde a sua fundação em 5 de fevereiro de 1891 – não havia documentos no arquivo, desse período. A Junta

Comercial da capital tinha os livros, mas sem catalogação, Em fevereiro de 1955 “seu” Tirado foi designado para tratar do assunto. “... *passsei quase uma semana, compulsando livros, rebuscando alfarrábios descatalogados e amarelecidos pelo tempo, alguns perfeitos, outros meio esfacelados.*” (LOPES, 1988). Enfim o trabalho foi concluído com a localização dos registros e as certidões solicitadas.

Em 1957, nova mudança de diretoria da filial. Retorna ao posto de chefe de escritório e substituto do diretor, até 31 de janeiro de 1966, quando se desligou em definitivo da empresa, visto que, nos últimos quatro anos, já usufruía de sua aposentadoria.

Após sua saída da Companhia Têxtil São-joanense, trabalhou na Mineração Ômega S. A., com sede em Tiradentes e escritório em São João del-Rei. Ali ficou de fevereiro de 1966 a novembro de 1977.

Antes, em 8 de fevereiro de 1932, após provas de habilitação, foi-lhe conferido o título de Contador provisionado, levando-o a registrar-se no Conselho Regional de Contabilidade.<sup>11</sup>

No ano de 1934 houve a regulamentação da profissão de Engenheiro. Nessa época, por estar em cargo correspondente na Companhia Têxtil São-joanense, inscreveu-se no Conselho Nacional de Engenharia e Arquitetura, de Belo Horizonte.

O ilustre patrono prestou, em horários fora do período de trabalho, serviços de contador a entidade interessadas. Utilizando seus largos conhecimentos dessa ciência, o presidente da Câmara Municipal de São João del-Rei, o vereador Célio Boucherville (pai) o convidou para periciar as contas da administração de Dr. Milton Resende Viegas, que terminara seu mandato no ano anterior. Os advogados Nilo Brasiel do Vale e Álvaro de Castro Teixeira, pela perícia do senhor Antônio, chegaram à conclusão da perfeita regularidade da prestação de contas, respaldando a lisura do digno ocupante da cadeira de prefeito.

---

<sup>11</sup> Decreto nº 21.033 de 08 de fevereiro de 1932. Título conferido pela Superintendência De Ensino Comercial.

## A política

Após o período ditatorial imposto por Getúlio Dornelles Vargas, reorganizou-se o Congresso Nacional, Assembleias Legislativas Estaduais e, como consequência, também, foram marcadas as eleições para o Executivo e Legislativo Municipais, no ano de 1947. Em São João del-Rei os cinco partidos locais recompuseram-se: PSD, UDN, PR, PRP e PTB fizeram as coligações de praxe, na eleições: PSD e PTB de um lado e UDN, PR e PRP do outro.

A campanha eleitoral revestiu-se de sensacionalismo. Nos comícios, os partidos apresentavam suas plataformas de governo, que, no final das contas, eram uma coisa só: "... *o progresso do município e o bem-estar da coletividade.*" (LOPES, 1988). Cá entre nós: as plataformas de cada governo em quase nada mudaram até os dias de hoje.

Antônio Tirado Lopes pertencia ao PR que, como afirmado acima, coligou-se com a UDN e o PR. O candidato a prefeito pelo PSD e PTB foi o Padre Osvaldo da Fonseca Torga. Tirado Lopes foi o candidato a vice-prefeito pela UDN, PR e PRP. Naquela época, prefeito e vice-prefeito eram votados separadamente, podendo pertencer a partido diverso. Bom seria se, hoje, pudéssemos voltar a esta fórmula, sem que fôssemos obrigados a votar em uma chapa única, uma vez que podemos "gostar" do candidato a prefeito e não gostar do vice, ou, sem trocadilho, vice-versa. Seria mais democrático. Padre Osvaldo venceu como prefeito e Antônio Tirado Lopes, como vice-prefeito.. Todavia, por impugnação de uma urna do distrito de Arcângelo, o caso foi parar no Tribunal Superior Eleitoral. Divulgada a decisão através da "Hora do Brasil", manteve-se o resultado oficial. Como "seu" Tirado encontrava-se em casa, nada sabia. Ouviu grande alarido do lado de fora. Sem pedir licença, adentraram em sua casa e o conduziram ao Largo do Rosário, entrando na casa do doutor Cristovam de Abreu Braga, presidente do PR, através de quem Tirado conheceu, sendo a ele apresentado, o ex-Presidente da República, o grande chefe do PR, Artur da Silva Bernardes. "...*Grande massa popular concentrava-se na praça. ... em*

*ligeiro improviso, agradei a todos , dizendo que não iria desapontá-los, na confiança que em mim depositavam. (LOPES, 1988).*

No ano de 1948, “...ao romper da manhã do dia da posse, a Banda Musical Santa Cecília, postada à frente de nossa casa, colheu-nos de surpresa, com um dobrado. Às nove horas, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, houve portentosa missa campal, ficando a praça literalmente tomada pelos assistentes.” (LOPES, 1988).

*À tarde, na frente da Companhia Têxtil Sanjoanense, onde eu trabalhava, houve grande concentração de operários... local onde recebi, pelas mãos de uma formosa operária, uma chuva de pétalas.” (LOPES, 1988).*

Após os festejos no local acima dito, dirigiram-se para a posse, que teve começo às 19 horas, na sede do governo municipal. Além do povo, partidários, a natureza se manifestou derramando uma chuva torrencial, com os relâmpagos e trovões costumeiros, competindo com o foguetório. O vice-prefeito adentrou no salão da Câmara Municipal ao lado de sua amada esposa Águeda, que recebeu das damas da sociedade um corbéia de flores naturais.

### **Considerações finais**

Notadamente, há muito mais que se escrever sobre o nobilíssimo senhor Antônio Tirado e sua família que será lembrado por quem o teve como pai, tio, avô, amigo, como homem probo, de honestidade ilibada e sem máculas, justo, bondoso, caridoso, sendo uma luz, para todos nós.

### **Anexo – A família**

**Antônio (Antoñito)**, nascido em 05/01/1930, formou-se técnico em Mineralogia e Metalurgia, pela Escola Técnica Federal de Ouro Preto – 1949 – Bacharel em Direito, pela faculdade Cândido Mendes, Rio de Janeiro - 1972). Também dedicava-se à música, à poesia e à pintura. Foi sócio do IHGSJDR. Casou-se com Maria de Lourdes Filgueiras Tirado, falecida, em 2012. Antônio faleceu em 05/02/2014.

**Airton Francisco**, nascido em 23/08/1932. Coronel Reformado do Exército Brasileiro. Foi professor e integrante do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG), Rio de Janeiro, e é também diplomado em Comunicação Social e Administração de Empresa. É, igualmente, violinista dileitante. Casou-se com Zenilda Francia Tirado, falecida em 2017.

**Adair Maria** nasceu a 09/02/1935 e faleceu em 05/01/1918. Coursou ginásial no Colégio Imaculada Conceição, em Barbacena. No dia de sua formatura, ocorria a visita a São João del-Rei do presidente da República, o Doutor Getúlio Vargas. Estudou também na Escola Técnica de Comércio Tiradentes e no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, em nossa cidade. Exerceu, por algum tempo, a função de professora substituta no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier. Trabalhou como secretária no escritório de advocacia da extinta Companhia Telefônica Sanjoanense. Muito prendada nas atividades domésticas, dedicou-se inteiramente ao lar.

**Almeno Carlos** nasceu em 07-09-1936. Engenheiro-Arquiteto e Urbanista, pela Escola de Engenharia e Arquitetura de Belo Horizonte – 1966. Foi Diretor Geral da Justiça do Trabalho, cargo em que se aposentou. Diretor presidente da construtora Almeno Tirado, ex-presidente do Rotary Clube. Casou-se com a professora Aída de Resende Costa, pentaneta do conjurado José de Resende Costa, falecida em 2019.

**Abgar Antônio Campos Tirado**, nasceu em 31/10/1938. (Curso científico no Colégio Arquidiocesano, em Ouro Preto, concluindo-o no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte. Curso de Letras, pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, formando-se em Letras Anglo-Germânicas, tendo também estudado no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier. Com pendores para o magistério, exercendo o ofício em escolas particulares, submeteu-se a dois concursos promovidos pelo Governo do Estado de Minas Gerais, um na matéria de Português e o outro em Inglês, classificado em primeiro lugar em ambos. Foi, então, nomeado para lecionar no Colégio Estadual Cônego Osvaldo Lustosa, hoje Escola Estadual Cônego Osvaldo Lustosa. Fui aluno de Abgar nos dois conteúdos curriculares citados, no Colégio Estadual. Abgar, foi diretor do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier, onde, através de suas mãos, iniciei minha carreira no magistério, no ano de 1978. Exerceu a função de acompanhante oficial da Sociedade de Concertos Sinfônicos. Orador Sacro da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Compositor, tendo parte de seu vasto repertório composicional

editado em livro pelo IHG. Leciona Latim e Música no Seminário Diocesano São Tiago. Enfim, escrever sobre Abgar, resultará em um livro. Digna de nota é a adoção, por parte de Abgar, de sua sobrinha Ana Carolina, filha de sua falecida irmã, Ângela Maria.

**Aline Maria** – nasceu em 24/06/1940, estudou e concluiu o Curso Básico Comercial na Escola de Comércio Tiradentes, estudando também no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier. Trabalhou na Companhia Têxtil Sanjoanense. Fundou, dirigiu e lecionou na Escola de Ballet “Aline Academia”. Por vários anos, tive o prazer em servi-la como sonoplasta das apresentações da Companhia. Casou-se com Vicente Viegas, falecido em 2019.

**Ana Maria** – nasceu em 20/09/1943 e faleceu em 10 de março de 1951, aos sete anos de idade. Menina de cabelos muito negros e longos cílios. cursava a segunda série do 1º grau, no Externato Santa Terezinha, dirigido por sua madrinha D. Maria do Carmo Assis (D. Carmita). Certo dia, brincava com seu irmão Abgar, em frente à casa onde morávamos, à rua Padre José Pedro, 212. Andava de velocípede e numa guinada de guidão, o veículo tombou. Sofreu um pequeno corte no queixo. Foi levada ao consultório do doutor Antônio de Andrade Reis, que recomendou à dona Águeda que Ana Maria tomasse, por precaução, uma vacina antitetânica. Foi aplicado o medicamento. Após a aplicação, Ana Maria sentiu-se muito aflita. Tal aflição acentuou-se, ao ponto de ela dizer à sua mãe: *Mamãe, reza pra mim, porque vou morrer!* É de impressionar tal frase saída dos lábios de uma criança. O tom de pele de Ana Maria foi ficando arroxeadado. Foi chamado o médico, dr. Antônio, mas, como este não estivesse sentindo-se bem, substituiu-o seu irmão Dr. Ivan, que, alertado para a gravidade do caso, veio à casa da paciente e, colocando-a em seu próprio carro, procurou levá-la à Santa Casa. Mas, no caminho, Ana Maria, sentada no colo da carinhosa babá Bilia, desfalece. “Seu Tirado estava em seu local de trabalho, quando chamado foi. Ainda conseguiu chegar a tempo de ver os esforços médicos em fazer sua filha sobreviver. A injeção causou-lhe um choque anafilático. Tentaram a respiração artificial, mas sem resultado. A menina já falecera. *Mal sabia a senhora Águeda que, também ela, mesmo sem injeção antitetânica ou qualquer outra, viria a falecer em circunstâncias praticamente semelhantes às de nossa filhinha que ela tanto pranteava.* (LOPES, 1988)

*Antoñito, que tinha natural estro poético, dedicou a sua irmã, logo após sua morte, o soneto abaixo transcrito.*

## *À minha irmã Ana Maria*

*Tombaste na rua e não viste na esquina  
Que a morte sinistra, calada te olhou  
E vendo-te alegre, tão pura menina,  
Com pena, estou certo, algum tempo esperou!*

*Mas tudo, no mundo, por ordem Divina  
É feito, de modo que a luta cessou  
Só quando, cumprindo tão lúgubre sina,  
A morte, por fim, lá no céu te entregou!*

*E assim tu partiste! Deixaste os folguedos!  
Cessaram teus risos, teu choro, brinquedos!  
Ficando teus manos e pais a sofrer!*

*Porém, cá no ouvido, ficaram gravadas  
As tuas palavras em dor expressadas:  
Mamãe, reza, reza, porque vou morrer...”*

**Aloísio** nasceu em 17/05/1945 Desenhista Industrial, pela Fundação Universitária Mineira de Arte – Fuma – 13-12-1975, em Belo Horizonte. Além de seus dotes como desenhista, formado em curso superior na área, é também musicista. Casou-se com Maria Rita Bizzato Tirado.

**Ângela Maria** nasceu em 01/12/1948. Começou o curso Ginásial no Colégio Nossa Senhora das Dores, e o concluiu no Ginásio da Escola Tiradentes. Revelou-se excelente cantora lírica. Faleceu em 11/07/1989, vítima de um tumor cerebral, sendo seu corpo inumado no Cemitério de Nossa Senhora das Mercês. Casou-se com José Eustáquio dos Santos, falecido.

**Áurea Maria** nasceu em 07/12/1950 Começou o curso ginásial no Colégio Nossa Senhora das Dores e o concluiu no Ginásio da Escola Tiradentes. Formou-se em Contabilidade. Casou-se com Paulo Nogueira, falecido em 2019.

Em 27 de fevereiro de 1996, Sebastião de Oliveira Cintra, publica no jornal “A Tribuna Sanjoanense (aqui grafado conforme o nome do jornal), um grande artigo intitulado “Padrão de virtudes Cívicas, familiares e cristãs”, com um breve apanhado da vida de Antônio Tirado Lopes donde retiramos breve história de seu namoro e casamento com Dona Águeda de Oliveira



Campos, embora toda a história dos dois esteja relatada no livro. “*Faremos, a seguir, referência ao seu campo afetivo. Ainda na casa dos vinte anos, enamorou-se da Professora e pianista Águeda de Oliveira Campos (1903-1962), filha do professor Antônio Augusto Ribeiro Campos (1880-1917) e da veneranda professora Olívia de Oliveira Campos (1879-1973). Sobre o professor Ribeiro Campos, publiquei, no extinto Diário do Comércio, edição de 20/05/1962, extenso registro biográfico. São irmãos de D. Águeda: General Carlos de Oliveira Ribeiro Campos e a professora Maria da Conceição de Oliveira Campos. Antônio e Águeda contraíram matrimônio na igreja de São Francisco de Assis, dia 08/12/1928. Águeda formara-se normalista pelo Colégio Nossa Senhora das Dores, em 1921, sendo considerada professora exigente e competente. Dentre os alunos notáveis que se formaram em sua classe sejam citados o Padre Lourival de Salvo Rios e o Monsenhor Sebastião Raimundo Paiva, pároco da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Na qualidade de aluno de D. Águeda (o articulista Cintra), recebi o diploma do Curso Primário com a classificação “Distinção e Louvor”. Sinto-me orgulhoso de ter sido aluno nas duas últimas séries do “João dos Santos”, da acatada mestra, que ajudou Antônio Tirado Lopes tornar-se vulto altamente qualificado, sob todos os pontos de vista, na história de São João del-Rei. D. Águeda, desde tenra idade, dedicou-se também ao estudo de piano e, já aos 14 anos lecionava particularmente este instrumento, sendo mais tarde pianista da Orquestra do Sr. Juca Hilário, nas sessões de cinema mudo em nosso Teatro Municipal e no extinto Pavilhão. Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, formou-se em Enfermagem como voluntária Socorrista, colocando-se à disposição da pátria. Profundamente religiosa, pertenceu à Ordem Terceira da Penitência, chegando a mestra de noviças. Foi esposa e mãe exemplar, dedicada a tudo e a todos, sempre pronta a atender, principalmente no campo da enfermagem, a todas as pessoas que dela precisassem, sem jamais pensar em qualquer retribuição. Culta, tinha vastos conhecimentos em áreas diversas, conhecendo bastante, também o francês e o espanhol. Faleceu subitamente de edema pulmonar agudo (como acontecera com sua filha Ana Maria) quando, com seu esposo, fazia visita ao médico e amigo Dr. Manoel Esteves dos Santos - que convalescia de uma intervenção cirúrgica - no dia 11/08/1962, aos 58 anos, 9 meses e 21 dias ... suas últimas palavras: “Vou morrer! Meus filhos!”*”

*Acometido de alguns problemas de saúde, foi-se debilitando meu querido amigo Antônio Tirado Lopes. Vítima de erisipela, que prejudicava sua movimentação, teve uma atrofia em músculos da perna que não lhe*

*permitia mais, caminhar. Nos últimos meses de vida, ficou confinado à cama ou à poltrona; manteve-se constante, até que uma leve pneumonia o levou no dia 01/03//1992, pouco mais de uma mês antes de completar 91 anos de idade, confortado pelos sacramentos da Santa Igreja, que tanto amou. O Velório se deu no salão próprio da Igreja de São Francisco de Assis e os funerais se realizaram com Missa de Corpo Presente, concelebrada por Frei Seráfico Schluter (nascido em 11/10/1921 e que veio a falecer em 26/08/1992 – pouco mais de cinco meses da celebração fúnebre de “seu” Tirado) e Frei Justino Burcers (nascido em 26/05/1932 e falecido em 28/01/2016), na igreja de Nossa Senhora do Rosário e inumação no cemitério da mesma Confraria, à qual ele servia em vários cargos, inclusive de “Rei”. As outras irmandades a que pertenceu e às quais serviu em cargos – Boa Morte e Passos – também ofereceram missa em sufrágio de sua alma.” (CINTRA, 1996). Mui justamente, em 21/03/1994, a Lei Municipal 3.025, dá a denominação de Rua Antônio Tirado Lopes, à antiga rua Guatemala, na Vila Marchetti.*

## **Referências**

- BRAGA, F. J. (2008). *São João del-Rei Blog*. Acesso em 7 de abril de 2020, disponível em São João del-Rei Blog: <http://saojoadelrei.blogspot.com/>
- CINTRA, S. O. Antônio Tirado Lopes: Padrão de virtudes cívicas, familiares e cristãs. *Tribuna Sanjoanense*, (27 de fevereiro de 1996). p. 1. Fundação Getúlio Vargas. (2009). <https://cpdoc.fgv.br/>. Acesso em 7 de abril de 2020, disponível em FGV CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/>
- LOPES, A. T. *Nas Asas do Passado*, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil, 1988.
- Wikipédia. (06/04/2020 de abril de 2020). Manilva. Manilva, Andaluzia, Espanha.

## ALTIVO DE LEMOS SETTE CÂMARA

Betânia Maria Monteiro Guimarães  
Titular da Cadeira nº 26  
*bgbetaguima951@gmail.com*

### Origens da família Rodrigues Sette e Câmara

De acordo com *Genealogia Paulistana*, de S. Leme, à página 273 do volume 6, Altivo de Lemos Sette Câmara é o filho mais novo do segundo matrimônio de Sebastião Rodrigues Sette e Câmara com D. Elisa de Lemos.

Em suas primeiras núpcias, Sebastião Sette (1844-1921) casou-se com D. Teresa Machado da Fonseca Marinho. Tiveram três filhos, sendo que o terceiro recebeu o nome de Altivo Rodrigues de Sette Câmara, (1870-1906). Foi este Altivo com Basílio de Magalhães, o mais dedicado auxiliar de seu pai, trabalhando nas oficinas do jornal *Pátria Mineira*, considerado um dos melhores órgãos brasileiros de propaganda republicana, que circulou no interior do país de 1889 a 1894. Foi também um dos fundadores do *Locomotiva*, um pequeno jornal semanal com pretensões literárias e republicanas. Destacou-se também ardoroso seguidor de seu pai na cruzada política em prol da República. Faleceu em plena mocidade, aos 36 anos

Os dois Altivos, filhos de Sebastião Sette, ambos jornalistas, como o pai, não tinham apenas o primeiro nome igual. O nome todo era idêntico: Altivo Rodrigues Sette Câmara. No entanto, o segundo, meu patrono nesta Casa, que me proponho a escrever sobre ele neste texto, para que não houvesse grandes confusões com os nomes, trocou seu Rodrigues por Lemos, sobrenome de sua mãe D. Elisa de Lemos, ficando, assim, Altivo de Lemos Sette Câmara.

A igualdade nos nomes, segundo seus familiares, era algo que o incomodava. De acordo com os parentes do escritor, Altivo às vezes era alvo de chacotas por ter seu nome gravado em um túmulo e, ele, no entanto, permanecer vivo. Essa curiosidade dos nomes iguais se explica pelo fato de Sebastião Sette, seu pai, ter se casado duas

vezes, e cada um dos Altivos foi fruto de um dos casamentos. Quando o segundo Altivo nasceu, o primeiro já havia falecido há aproximadamente dois anos.

### **Altivo de Lemos Sette Câmara**

Altivo de Lemos Sette Câmara nasceu em São João del-Rei em quatro de junho de 1908, morou fora de sua cidade por algum tempo. Em 1950 voltou definitivamente a sua terra natal e nela permaneceu até sua morte. O que foi publicado de sua autoria antes dessa época era enviado de Belo Horizonte ou do Rio de Janeiro, lugares em que o escritor morou, ou trazidos pelo próprio Altivo quando vinha de passeio a São João del-Rei – o que era constante, já que ele era apaixonado pela cidade e suas tradições, segundo afirmação de seus parentes.

Os poemas de Altivo Sette começam a ser publicados no *Diário do Comércio* em 1938, ano em que o jornal entra em circulação, e aparecem pelas páginas desse diário até o ano de 1964. Semanalmente publicava em uma coluna neste diário um poema seu. Tais poemas versavam sobre os mais variados assuntos, sendo que há uma recorrência daqueles relacionados à cidade de São João del-Rei, à guerra e à pequenez do homem diante dos acontecimentos mundiais, sua angústia diante do tempo que parece se esvaír com maior rapidez. Neste mesmo jornal, muitas vezes em primeira página, Altivo Sette assina alguns artigos, cuja temática se volta sempre para o aspecto social: política, economia, cultura, tanto em âmbito local quanto nacional e até mesmo internacional. Seu apelo à democracia, à liberdade de expressão, à justiça social, às necessidades locais e nacionais, seu apoio ou rejeição a determinados políticos demonstram sua posição crítica e política.

Altivo Sette foi um homem de atuações em diferentes áreas: formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, foi Inspetor Escolar do Ministério da Educação, um dos fundadores do Centro Artístico Cultural de São João del-Rei (CAC), também um dos fundadores, vice-presidente e secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, além de ter sido membro do

Instituto Brasileiro de Estudos Sociais. Segundo Martins de Oliveira (1963), Altivo Sette foi revolucionário em 1930, foi piloto da aviação civil, dedicou-se à pintura moderna, chegando a ganhar prêmios em exposições no CAC. Além de todas essas atividades, destaca-se sobretudo como poeta, jornalista e crítico angustiado de seu tempo.

Altivo Sette casou-se com Solange Ribeiro de Oliveira, professora titular de Língua e Literatura Inglesa da Faculdade de Letras da UFMG, também autora de livros didáticos muito recomendados, devido a variados recursos para o ensino da língua inglesa com maior eficiência. Tiveram seu único filho, Antônio de Oliveira Sette Câmara, que sempre morou em Belo Horizonte.

Segundo Moreira (2006) “muito pouco ficou registrado sobre a vida do multifacetado Altivo Sette. A maioria das informações a ele relacionadas foi conseguida a partir de conversas com seus familiares, moradores em São João del-Rei”. Seu filho, Toninho, como o chamava, residente em Belo Horizonte, também comentou o fato de não possuir muitos dados certos a respeito da vida profissional de Altivo Sette. Segundo o filho, o próprio pai não era uma pessoa que estimulava uma divulgação maior de seu trabalho, o que pode ter contribuído para que a família também não se preocupasse com isso. No entanto, o filho afirma que seu contato com o escritor era intenso, apesar de não haver preocupação de se fazerem registros que pudessem vir a despertar maiores interesses.

## **Publicações**

Altivo Sette publicou através do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei e em companhia de Fábio Nelson Guimarães e Waldemar de Almeida Barbosa, um livro intitulado *O Tiradentes* (1972). Nele, os autores contam uma parte da vida do mártir; tentam provar sua naturalidade são-joanense e discutem a falsa imagem que temos de Tiradentes, pois sua época não permitia que um Alferes tivesse cabelos longos e barba comprida.

Logo em seguida, em 1973, Altivo publica *Árvores* - em que discute uma das questões que mais o incomodavam e que é recorrente em seu trabalho em prosa: o desmatamento. Publica, ainda neste ano,

uma separata da Revista do Instituto, a respeito de seu pai, intitulado *Da Caravela de Zarco à Redação da “Pátria Mineira”*.

Em 1974, Altivo Sette publicou, na forma de outro livro, o prefácio que Basílio de Magalhães escreveu para a tradução que Sebastião Sette fez ao *The Siege of Corinth* (O Cerco de Corinto), de Lord Byron, e que fora publicada no jornal *Pátria Mineira* em 1893.

No ano seguinte, 1975, publica *Encomendação de Almas*, outro livro de poemas cuja temática é a cidade de São João del-Rei, sua cultura e tradições.

Já em 1976, publica *O nome na saga daquelas marinhagens – apontamentos sobre as origens da família Rodrigues Sette e Câmara*. Altivo Sette conta a origem da família Rodrigues Sette e da família Câmara, que mais tarde se uniriam por matrimônio. Ambas as famílias são de origem portuguesa e tiveram participações importantes nas grandes navegações.

Em 1977, é lançado o livro de poemas *Rosa de Bronze*, editado na oficina do jornal *Ponte da Cadeia*. Essa publicação se constitui de dezoito poemas de temática variada: como a morte de Karil Chessmann - o bandido da luz vermelha, condenado à morte, nos EUA, por abusar sexualmente de muitas mulheres: o caso teve repercussão mundial e o bandido, que jurou sua inocência até a morte, além de ter sido condenado à execução, ficou preso por aproximadamente doze anos à espera do cumprimento da sentença. A morte de Patrice Lumumba, em 1961, também está registrada nesse livro. Lumumba foi um dos homens que lutaram pela independência do Congo, motivo que o levou à prisão. A história conta que depois de assassinado na prisão, seu corpo foi dissolvido em ácido clorídrico. O livro traz ainda: a morte do escritor Boris Pasternak; poemas sobre Natal, virada de ano, entre outros. Há também poemas cuja temática não tem esse comprometimento com o social; há poema de temática romântica como, o pequeníssimo *Olhos nos Olhos: Eu te amo com / saudade de não seres minha* (SETTE-CÂMARA, 1977, p. 23),

Todas essas obras a que nos referimos constituem-se publicações precárias - poemas datilografados e xerocados - e de poucas páginas. Sabemos que Altivo teve oportunidade de publicar pela Livraria Editora Itatiaia, de cujo dono, Edson Moreira, era seu

amigo, mas não quis, pois não gostava de se autopromover, por isso não se preocupava em procurar editoras para publicação.

### **Os Jornais *Diário do Comércio* e *Ponte da Cadeia***

Apesar dos livros, a maior parte do trabalho de Altivo Sette encontra-se espalhada pelos jornais *Diário do Comércio* e *Ponte da Cadeia*. Inclusive grande parte do material publicado nos livros foi publicado primeiramente nesses jornais, Os poemas de Altivo Sette começam a ser publicados no *Diário do Comércio* em 1938, ano em que o jornal entra em circulação, e aparecem pelas páginas desse diário até o ano de 1964. Nesse jornal encontramos uma coluna de poemas, normalmente semanal, de sua responsabilidade. Tais poemas versam sobre os mais variados assuntos, sendo que há uma recorrência daqueles relacionados à cidade de São João del-Rei, à guerra e à pequenez do homem diante dos acontecimentos mundiais, sua angústia diante do tempo que parece se esvaír com maior rapidez.

Nesse mesmo jornal, muitas vezes em primeira página, Altivo Sette assina alguns artigos, em que a temática se volta sempre para o aspecto social: política, economia, cultura, tanto em âmbito local quanto nacional e até mesmo internacional. Seu apelo à democracia, à liberdade de expressão, à justiça social, às necessidades locais e nacionais, seu apoio ou rejeição a determinados políticos demonstram sua posição crítica e política.

A visão crítica do poeta Altivo Sette se apresenta de forma recorrente sobre a tradição são-joanense. Como um escritor moderno dialoga com essa tradição, mas não no sentido de destruí-la ou de ressignificá-la. Ele a presentifica instaurando sobre ela seu olhar crítico. A autoridade da qual Altivo Sette se utiliza para levar aos leitores do jornal a memória de sua cidade pode ser melhor compreendida quando se lê, por exemplo, o texto teórico de Hugo Achugar (2003), no qual o autor trata do *direito de memória*. Tomando-o de empréstimo a Shakespeare, Achugar usa o termo *derechos de memoria* para explicar como algumas pessoas possuem, pela posição que ocupam na sociedade, a possibilidade de manter vivas certas

histórias. Altivo Sette, no jornal, tem possibilidade de resgatar sempre que quiser a memória de sua cidade e de discutir suas tradições.

Ao dialogar com as tradições, o poeta do século XX não estaria estabelecendo um paradoxo? Silviano Santiago (2002) argumenta que, na verdade, o tema da tradição no Modernismo se faz presente desde 1924, quando os modernistas paulistas visitam a parte histórica de Minas Gerais em busca de sua Semana Santa, ou seja, de uma de suas mais fortes tradições. A partir de então, considerando que estavam em contato com uma origem nacional, eles tomam as tradições mineiras como temática para suas obras, como fizeram Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Maria Zilda Cury (1998) discute também a tradição no Modernismo, ressaltando que Altivo Sette não tematizava somente as tradições. Ele, como escritor moderno, discutia questões dessa modernidade deixando transparecer, também, um homem extremamente angustiado com seu tempo.

A modernidade do século XX se fazia gritante e inevitável. Como um raio na tempestade, a modernidade chegava, mostrava seu brilho, impunha seu barulho e deixava suas marcas. E como marcas nem sempre possuem caráter positivo, a modernidade apresentava seus paradoxos: o homem moderno desejava o progresso, mas o progresso era ameaçador; pois a modernidade que trazia o progresso era a mesma que destruía parte do passado. Assim a angústia do homem moderno é também tema frequente em Altivo Sette: angústia de ver sua cidade se descaracterizando, de sentir o tempo cada vez mais fugaz, de vivenciar um período de guerras, de perceber os aspectos contraditórios da política de seu tempo.

A vasta obra desse escritor ainda a ser devidamente conhecido revela-nos a intelectualidade de um homem avançado para sua época. Um cidadão que valorizava o que sua cidade tinha de mais tradicional, mas que também lutava, através de suas palavras, por seu progresso urbano. Alguém que não temia denunciar a frustrante política, já tão vergonhosa em seu tempo; que não se calava quando a questão era a cultura de sua cidade; que não desistia de pedir por uma conscientização ecológica; e, além disso tudo, e até mesmo por causa



de tudo isso, mostrava-se uma pessoa extremamente angustiada e melancólica, sofrendo com as contradições do século XX.

Altivo Sette era uma pessoa incompreendida, pois seus pensamentos, suas ideias, estavam além de seu tempo. Um escritor de poucos amigos, pois sua personalidade, a de um homem extremamente culto e crítico, afastava as pessoas. Não era qualquer um que conseguia conviver com ele, nem ele dava muita atenção àqueles que não conseguiam acompanhar suas ideias. Além disso, era uma pessoa insistente, gostava de investigar histórias e levá-las a fundo.

### **Altivo Sette e o IHG de São João del-Rei**

Altivo Sette participou ativamente da formação, criação do IHG de São João del-Rei. Principalmente com Fábio Nelson Guimarães e Geraldo Guimarães, muitas reuniões preliminares foram realizadas e muitas decisões foram tomadas antes da sessão solene de instalação do IHG, que se deu no salão nobre da Prefeitura Municipal, às 10 horas do dia primeiro de março de 1970.

Fez parte da primeira diretoria do Instituto como Vice-Presidente. Foi um sócio de participação efetiva em todas as reuniões do IHG. Já na primeira sessão discursou prestando merecidas homenagens ao decano dos historiadores são-joanenses Dr. Augusto das Chagas Viegas, autor de obra importante sobre a cidade intitulada *Notícia de São João del-Rei*. Destacou-o também como personalidade do mineiro insigne, homem de bem e cidadão exemplar. Também nessa sessão apresentou proposição de colocar no meio do arco da ponte do Rosário uma cruz de pedra, tendo em vista que no ato de arrematação do ano de 1800 havia esta determinação. Na Ordem do Dia falou sobre os 250 anos de Minas e o Partido Republicano, descrevendo habilmente sobre as primeiras entradas e bandeiras para o território mineiro no século XVII, mostrou sua gratidão e homenagem a um dos maiores brasileiros do passado longínquo Garcia Rodrigues de Paes, construtor do Caminho Novo por onde subiam e desciam os trens de ferro do Rio de Janeiro para as Minas.

Na segunda sessão Altivo Sette traçou o perfil humano e físico de Tiradentes, são-joanense de nascimento. Falou em nome do

IHG, sendo o orador oficial da solenidade principal do dia 21 de abril em homenagem a Tiradentes. Em reunião seguinte proferiu palestra alusiva à preservação do Patrimônio Cultural da Nação. Sua preocupação não se restringia a sua cidade natal. Essa preservação do Patrimônio Cultural é tema recorrente em quase todas as reuniões que participou.

Relembrou a passagem do aniversário de morte de Silva Jardim e sua ligeira permanência em São João del-Rei. Foram exibidos os revólveres que se encontravam em poder de seu pai Sebastião Rodrigues de Sette Câmara e uma manga de peitoral da janela, varado por tiros, no embate travado em 23 de abril de 1889. Rememorou a vinda de Silva Jardim e leu relação nominal de republicanos históricos que contribuiriam pecuniariamente para a presença de Silva Jardim na cidade.

Fez homenagem especial ao confrade Adenor Simões Coelho, recentemente falecido, lendo algumas de suas notas biográficas, em reunião que contou com a presença da família Simões Coelho. Sempre preocupado com a poluição da atmosfera falou da conveniência do plantio de árvores, a propósito da proximidade do dia da Árvore. Lembrou que há vinte e cinco anos vem tentando pelo intenso reflorestamento de locais públicos de São João del-Rei. Comunicou sobre a data de falecimento de Basílio de Magalhães, ex-agente executivo. Leu trechos da obra de Luiz Câmara Cascudo, folclorista como Basílio.

Em sessão extraordinária, realizada no salão nobre da Prefeitura Municipal, em homenagem aos 250 anos de criação da Capitania de Minas Gerais, com as presenças do sr. Prefeito Municipal, Comandante, Subcomandante, Oficiais e Sargentos do Batalhão Tiradentes, Comandante do destacamento policial, Prefeito eleito, diretores de estabelecimentos de ensino e outras autoridades, Altivo Sette homenageou São João del-Rei declamando poesias de sua autoria. Agradeceu ao então Prefeito Dr. Milton de Resende Viegas, esperando receber do Prefeito eleito Sr. Mário Lombardi o mesmo apoio prestado ao IHG. Naquela data o Prefeito Dr. Milton leu Decreto nº 621, criando a Academia Sanjoanense de Letras, hoje Academia de Letras de São João del-Rei.

Antes da reunião de sete março de 1971, o IHG promoveu a bênção da cruz da Ponte do Rosário quando se completava um ano da fundação do IHG, Altivo Sette discursou durante a bênção da cruz na ponte do Rosário, oficiada pelo cônego Sebastião Raimundo de Paiva, colocada ainda na administração do prefeito Milton de Resende Viegas. Depois na reunião realizada no salão nobre da Prefeitura, Altivo Sette solicitou o envio de aplausos ao Conselho Federal de Cultura pelo seu cuidado na defesa do patrimônio arbóreo da Nação.

O agora sócio Antônio Elias Cecílio, em reunião de agosto de 1971, solicitou um voto de louvor ao confrade Altivo de Lemos Sette Câmara por sua aposentadoria do serviço público, com quase quarenta anos dedicados ao ensino e à educação.

Em reunião do mês seguinte, na Ordem do Dia, Altivo reiterou sua preocupação pela conservação e plantio de árvores na cidade, relacionando primeiro as espécies vegetais ainda existentes em vias públicas são-joanenses. Para ilustrar, leu trechos de artigos seus que há mais de um quarto de século clamavam por essa ação. Na sessão de outubro informou aos presentes ter sido fundado no Rio de Janeiro a Associação para a defesa da Árvore, por médicos residentes, sociedade atenta à adesão de qualquer pessoa interessada em preservar árvores e a natureza. Sobre esse assunto Altivo Sette comunicou ter recebido do deputado Nelson Lombardi cópias de ofício dirigidos ao Ministro da Agricultura e ao Chefe do DCAN, referentes à preservação do que existe na fazenda do Pombal. No ano seguinte, na reunião de março, Altivo Sette apresentou magnífico trabalho relacionado à defesa de vida animal em Itutinga e Camargos. Pediu que fosse enviado um ofício ao presidente da CEMIG solicitando que fosse cumprida a Lei sobre o trânsito de peixes do Rio Grande, no ponto onde estão as represas de Itutinga e Camargos.

Calorosamente aplaudido foi quando fez interessante e inédita palestra sobre a Bandeira de Fernão Dias e aquela “raça de gigantes”. Altivo também em uma das reuniões leu o texto que Saint Hilaire escreveu após assistir à Procissão de Cinzas que o deixou meio aturdido. Finalizou com um pequeno trecho sobre o assunto de sua autoria. Altivo leu o ofício que enviou em nome do IHG à revista

Manchete, pedindo a retificação da publicação do roteiro que D. Pedro I fez em Minas, com o título “O caminho histórico da viagem de D. Pedro I a Ouro Preto”, publicado no nº 1045 daquela revista.

Durante a reunião ordinária do mês de fevereiro de 1973, Altivo Sette assumiu interinamente a presidência do IHG tendo em vista o ofício recebido do presidente Fábio Nelson Guimarães nos seguintes termos “*Devido a tratamento de saúde que se verifica fora da cidade, passo a presidência do IHG de São João del-Rei, de conformidade com os seus estatutos, ao vice-presidente confrade Altivo de Lemos Sette Câmara. São João del-Rei 28/01/1973.*” Altivo substituiu o presidente Fábio até 05/08/1973. Nesta mesma reunião falou sobre o “Porto Real” (o Porto Real da Passagem). Solicitou um voto de louvor aos que deram o nome de Porto Real, ao novo e magnífico hotel, recentemente inaugurado em nossa cidade.

Muito preocupado com o visual da cidade, Altivo Sette protestou ainda contra a pintura amarelo e vermelho, visível a quilômetros de todos os degraus de pedra da escada da igreja das Mercês. Citou dispositivos da Lei, Constituição e Código Penal que proíbem a deterioração de coisa tombada pelo seu valor histórico e artístico. Protestou também contra a pintura da escadaria de São Gonçalo e de seu antigo e antes belo paredão de pedras escurecido e enobrecido pelo tempo.

Na reunião de novembro de 1973, Altivo Sette pediu a palavra para falar sobre a preservação da natureza e protestar contra a mercantilização de barracas em pleno centro e o descaso do poder público municipal não tomando conhecimento das recomendações do IHG, lembrando que na reunião passada foi informado o envio ao prefeito municipal solicitando a criação de um Departamento Municipal de Parques e Jardins. Sua preocupação com a verdade histórica se verificava em lugares mais distantes. Haja vista um protesto seu contra a venda nas bancas de jornais de Belo Horizonte e Rio de Janeiro e de outras cidades de um conjunto de vistas de Ouro Preto, coloridas, tamanho postal e em cujo verso ou capa consta a mentirosa afirmação “Ouro Preto, terra de Aleijadinho e de Tiradentes.” Encaminhou solicitação ao IHG de Ouro Preto, no sentido de que se empenhassem para que prevalecesse ali a verdade

histórica sobre os grosseiros interesses mercantis, poluindo as fontes do verdadeiro turismo.

Em março de 1974 pediu licença por cento e oitenta dias, por motivos relacionados a sua saúde. Voltou em novembro, ainda preocupado com a destruição da natureza. Leu comentário de Burle Marx em um recorte de jornal que reclamava dos governos para que fizessem cumprir as leis que protegem o solo, as árvores e os animais, leis violadas diariamente à vista de todos. Em reunião posterior, entre outras considerações solicitou providências do governo a fim de que fosse corrigido alguns artigos do Código Florestal.

Leu também outro pronunciamento de Burle Marx no Conselho Federal de Cultura sobre estátuas e bustos nas cidades, Lamentou o que se passa em São João del-Rei e sugeriu que fosse remetido relatório àquele Conselho pelo menos quando ocorrerem agravos ao nosso patrimônio artístico e/ou tombado. Entregou aos associados Lígia Magalhães e Cid de Souza Rangel mudas de acácia, gentilmente cedidas pelo confrade Aderbal Malta.

Como presidente da Comissão de Preservação Histórica e Artística, Altivo Sette informou ter sido 1975 escolhido como o Ano de Preservação dos Monumentos do Passado e da História. Escolha feita por organismo internacional específico. Leu fundamentada comunicação sobre o grave risco que corre a igreja do Pilar em seus fundamentos, relatando que o vigário obteve promessa do diretor do IPHAN, há mais de um ano e meio, ficando de mandar um técnico para examinar o subsolo. Promessa não cumprida até o momento.

Estão aí elencados muitos exemplos da participação efetiva de Altivo de Lemos Sette Câmara nos mais variados aspectos, principalmente nos que se referem à preservação e ao cuidado com o patrimônio artístico e cultural, exigindo que se façam cumprir também as leis que protegem o solo, a fauna e flora.

### **Amizade de Altivo Sette e Fábio Guimarães**

Quando pude escolher o meu patrono no IHG, tinha certeza que minha escolha cairia no Altivo de Lemos de Sette Câmara, pela amizade que demonstrava possuir ao Fábio, ao meu filho; pelas

muitas visitas que fazia a nossa casa e pelo muito que o Fábio o admirava por sua inteligência, por suas tiradas de humor e por seu jeito original de ser. A companhia do Fábio lhe era agradável, pois ele sempre o procurava.

Tal como o amigo Fábio, era um cidadão que defendia e admirava a cultura de sua cidade, a natureza, fauna e flora. Um cidadão que valorizava o que sua cidade tinha de mais tradicional. Entretanto, seus pensamentos, suas ideias, estavam além de seu tempo. Um escritor de poucos amigos, pois sua personalidade, era de um homem extremamente culto e crítico, que muitas vezes afastava as pessoas. Não era qualquer um que conseguia conviver com ele, nem ele dava muita atenção àqueles que não conseguiam acompanhar suas ideias. Mas era um indivíduo insistente, persistente em suas investigações e convicções.

Na década de 60, 70, os meios de comunicação eram muito precários. Nem todas as pessoas possuíam telefones fixos. Ainda não existia o celular, muito menos internet, poucas residências possuíam aparelho de TV, porém teve um lado positivo: Altivo se comunicava com Fábio por meio de bilhetes. E o Fábio como um historiador guardou-os todos. Hoje podemos verificar o que apreciavam, quais eram seus dilemas, seus aborrecimentos e seus entretenimentos. Poderiam ser classificados como pessoas preocupadas com a conservação do patrimônio, com a preservação da ecologia, da fauna e fauna e, por fim, com a política e a economia. Então, qual era o contexto dessa época há mais de cinquenta anos?

Vou deixar alguns exemplos desses bilhetes, comunicados, a título de ilustração. Na verdade, caberia até um estudo mais aprofundado.

Fábio: resolvi emprestar a revista ao Rios, só aquela primeira, com o mapa. Mas não encontrei o papel escrito que estava grampeado nela. Acaso ficou junto com os papéis que você levou? Espero-o às 4h30, 15 para 5 horas. Se quiser iremos juntos ao Rios. Mas se for antes, favor dizer que a revista lhe será entregue mais tarde. Há novidade: o Boucherville quer mudar o nome de várias ruas, voltar ao nome antigo: rua da Prata, largo do Rosário etc.

Excelente. Conversaremos. Pediu ele o nosso parecer. Até já, o Sette.

Outra mensagem denunciava sua preocupação e sua emoção com o patrimônio da cidade, um quase destruído, outro em vias de destruição. Vejamos

Fábio: estive em Matosinhos hoje de manhã e assisti, com um nó na garganta, o início da derrubada da fachada da igreja, em fase de destruição que já não permite qualquer medida salvadora. Esta é para informar: sei, fiquei sabendo hoje, com máxima segurança que foram vendidos todos os quadros de “milagres”, há tempos para uma grã-fina de São Paulo. [...] talvez fosse o caso de uma reunião extraordinária da diretoria do IHG para deliberar. Deixo aqui a sugestão. Quanto ao coreto da Avenida: creio que podemos pedir ao prefeito que não o destrua. É possível que atenda. Isso também seria tratado na reunião extraordinária. [...] O coreto é assunto urgente e nossa atuação talvez o salve. A igreja, dentro de 48 horas, estará completamente destruída. Nada mais poderemos fazer, [...] Às 9h30 estarei no ponto ou depois na esquina do Banco do Brasil. Grato, o Sette.

O Banco do Brasil ficava na Av. Tiradentes. A destruição da igreja do Bom Jesus de Matosinhos merece um estudo, um trabalho à parte que não cabe no momento. Ao final de um outro bilhete escreveu

O Djalma me procurou para anotar o artigo do Código Penal. Vai apresentar queixa à Polícia contra depredadores da igreja do Carmo. Boa notícia. A partir de certo ponto não há outro remédio. Abraço do Sette.

Como já vimos, era grande sua preocupação com o visual da cidade a exemplo também do protesto contra a pintura amarelo e vermelho, visível a quilômetros de todos os degraus de pedra da escadaria da igreja das Mercês e contra a pintura da escada de São

Gonçalo e de seu antigo e antes “belo paredão de pedras escurecido e enobrecido pelo tempo”.

No prefácio de seu livro “Arvores”, denunciou “brutal, estúpida destruição da natureza, no Brasil, vem desde o primeiro século e foi registrada com revolta e veemente protesto, pelo primeiro historiador brasileiro, frei Vicente Salvador”, nascido em 1564, autor da primeira História do Brasil. Assim foi seu bilhete.

Fábio: se puder sair à noite, havendo assunto urgente, estarei em casa. Ou domingo de manhã, quando não sairei. Descobri na “Mãe d’água, em Tiradentes uma mina de mudas de quaresmeira. Veja se podemos ir lá segunda-feira a uma da tarde. Abraço do Sette.

Ainda sobre mudas e plantio das mesmas.

Vamos ao caso: o jardineiro não me apareceu. As grades não sei se estão prontas. De imediato, preciso apenas de quatro para plantar as primeiras mudas em Matosinhos. E elas estão murchando e não tenho condições de buscar outras no Pombal. Se plantadas – digamos – até quarta-feira, é possível que escapem. [...] Vou escrever um esboço de planejamento amplo para arborização e ajardinamento e entregar ao Prefeito. Compete a ele arranjar as mudas. [...] Se puder, peço descer e passar em minha casa à uma hora. Ou passarei aí de carro. Grato, o Sette.

Como é costume espalhar rosmaninho no assoalho das igrejas de São João del-Rei, na quinta-feira da Semana Santa, Altivo se preocupava em manter essa tradição. Assim ele escreveu ao Fábio em 05/04/1971.

Fábio: até quarta-feira, vou ao campo buscar rosmaninho, indispensável na quinta-feira. Se estiver com o Djalma, indague se já providenciou para as igrejas. Meu carro está à disposição. Abraço do Sette.



Muitas foram outras comunicações, a maioria sem data. Vivia preocupado com tudo o que acontecia na cidade, muitas vezes se via indignado com os acontecimentos. Vejamos.

Fábio: o Prefeito derrubou as três espatódeas que estavam à beira da praia. Precisamos nos encontrar para ver o que fazer. O que foi feito é um crime e não tenho mais palavras para exprimir neste bilhete minha indignação. Preciso falar se você assinará comigo um telegrama de protesto ao Prefeito, dentro de três dias. Mas se resolver silenciar, por ora, acatarei também. Grato, o Sette

Não sabemos se ainda era administração do mesmo prefeito citado acima. Mas encontramos o seguinte bilhete.

Fábio: uma boa notícia, que você talvez já saiba: o Prefeito foi a São Paulo e comprou cerca de mil mudas (informação do Aderbal) de quaresmeiras que estão no barracão da Prefeitura. Vou lá amanhã, ver. Diz – que são mudas já bem grandes. – se quiser ir lá amanhã, é só marcar a hora, que passarei de carro na sua casa. Mande dizer pela portadora. Grato, o Sette.

Altivo Sette vibrava e torcia por sua cidade, para o desenvolvimento cultural, artístico de seus habitantes, por uma cidade arborizada, prazerosa de nela se viver e morar.

### **Considerações finais**

Sobre Altivo de Lemos Sette Câmara ainda há muito que pesquisar e escrever. Deixo aqui registrada este elogio ao meu patrono no IHG, personalidade tão valorosa, um são-joanense dos mais cultos e inteligentes

Concluo com as últimas palavras de seu amigo, no seu sepultamento, numa terça-feira, dia 21/09/1982, aquele que com ele dialogou durante longos e últimos anos de sua vida.

Caro Altivo

Em nome de seus confrades do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, de sua terra natal, venho lhe trazer a expressão de nosso profundo pesar e o nosso comovido adeus.

Você, ilustrado confrade, ajudou a criar a Casa da Memória São-joanense, por ela lutou com idealismo, produzindo frutos e sem medir esforços. A sua pessoa se me afigura como sendo uma das mais inteligentes e cultas que já conheci. Advogado, inspetor federal de ensino, poeta, historiador, pintor, desenhista e jornalista. Você sempre me dizia, por tentar vencer as doenças e vicissitudes da vida: “Como é difícil viver”.

Contudo, viveu quase 75 anos e o seu nome já está perpetuado na História e no Tempo, o qual definiu em poema:

“Oh! Tempo, provisório inferno e recreio da Morte,  
nossa alegre miséria te saúda uma vez mais, (de profundis)”

Você não temia a morte, o que me foi revelado pessoalmente e também nestes versos:

“Quem vem lá? É a morte?  
Cada um vai calado e sem companhia.  
A estrela cai, a vela do tempo se apaga.  
Choramos ou sorrimos? Ninguém sabe  
Mas por dentro somos outro. Sonhamos.  
Esperemos mais um dia”.

Aliás, você aceitava a morte:

“Se não quiseres comigo  
Mudar de vez para a lua  
Vou eu, na hora da morte:  
Sozinho voa minha sombra  
E cai como um grão de vida  
Na lua, pátria de todos.”

Em “Encomendação de Almas”, com humildade cristã e fé, ficou expresso:

“Um dia voarei com asas de neblina e poeira

E cansado de tudo porei aos pés de Deus  
O que levar da vida no oco da mão: areia.  
“Senhor Deus, misericórdia”.

O inteligente filho do valoroso Sebastião Rodrigues Sette e Câmara, republicano pioneiro em São João del-Rei, ocupou a presidência do Instituto Histórico e Geográfico por seis meses, em 1973, quando se destacou pela preservação intransigente de nossos monumentos e principalmente pela ecologia. São de sua autoria a iniciativa do pedido, à Municipalidade, a fim de que efetuasse o plantio das quaresmeiras, hoje admiradas nas vias públicas locais, bem como a colocação de cruz na Ponte do Rosário, exemplares magníficos, também de sua herança.

Você foi um dos maiores poetas modernistas de Minas.

O seu último poema, que me disse apenas ter iniciado, constitui uma valiosa criação em dois versos, que me foi oferecida.

“Na praça de lâmpada  
quebrada a estátua dorme.”

Você morreu na véspera da chegada da Primavera, você que tanto amou as árvores e os vegetais, como que renunciando a vinda de nova vida para o seu espírito.

Pelo que você realizou pelo Instituto Histórico, pelas letras em geral e pela sua cidade que a viu nascer, a perpétua gratidão de seus pósteros e na certeza da imorredoura saudade de seus confrades.

Adeus e descanse em paz!

## Referências

ACHUGAR, Hugo. Derechos de Memoria. In: \_\_\_\_\_. (coord.) *Derechos de Memoria* - Actas, actos, voces, héroes y fechas: nación e independencia en América Latina. Montevideo: Universidad de la Republica, 2003, p. 7-58.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GUIMARÃES, Fábio Nelson. CÂMARA, Altivo de Lemos Sette. BARBOSA, Waldemar de Almeida. *O Tiradentes*, patrono cívico do Brasil. São João del-Rei: Instituto Histórico e Geográfico, 1972.

LEME, LUIZ Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana: índices genealógicos brasileiros* v.6 São Paulo: Duprat, 1905.

MOREIRA, Lílian Cristiane. *Altivo Sette: cultura e tradição de um poeta moderno*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura) Departamento de Letras, Artes e Cultura, Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2006, 158 p.

OLIVEIRA, Martins de. *História da Literatura Mineira: esquema de interpretação de notícias biobibliográficas*. 2 ed. Belo Horizonte: s/e, 1963.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no Modernismo. In: \_\_\_\_\_. *Nas Malhas da Letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 108-144.

SETTE-CÂMARA, Altivo de Lemos. *Árvores*. São João del-Rei: Instituto Histórico e Geográfico, 1973.

\_\_\_\_\_. *Da Caravela de Zarco à Redação da “Pátria Mineira”*: apontamentos para uma biografia de Sebastião Rodrigues Sette Câmara. Juiz de Fora: ESDEVA, 1973.

\_\_\_\_\_. . *Prefácio de “O Cerco de Corinto”*. Edição do autor, 1974.

\_\_\_\_\_. . Notas à margem da história antiga de São João del-Rei. In: *Revista do IHG*. São João del-Rei. v. 2, n. 2, p. 15-32, 1974-1975.

\_\_\_\_\_. Os ossos e a funda de Fernão Dias Pais retornam a São Paulo. In: *Revista do IHG*. São João del-Rei. v.2, n.2, p.75-78, 1974-1975.

\_\_\_\_\_. *Encomendação de Almas: poemas de São João del-Rei*. Edição do autor, 1975.

\_\_\_\_\_. *O Nome na Saga daquelas Marinhagens: apontamentos sobre as origens da família RODRIGUES SETTE E CÂMARA*. Edição do autor, 1976.

\_\_\_\_\_. *Rosa de Bronze*. São João del-Rei: edição do autor, 1977.

\_\_\_\_\_. Recordando os idos de 1930. In: *Revista do IHG*. São João del-Rei. Vol. III, p. 85-87, 1985.

## GENTIL PALHARES - UM NOME PARA NOSSA HISTÓRIA

José Carlos Hernández Prieto

Titular da Cadeira 27

*jcprieto@terra.com.br*

Caríssimos confrades e conreiras; ilustres convidados e pessoas que aqui comparecem; meu muito obrigado pela presença e atenção de todos.

Antes de apresentar a preleção ao meu patrono quero evocar os sócios que me precederam nesta cadeira, nomeadamente o José Augusto, do qual herdei-a ao encontrar-se licenciado por problemas de saúde, desejando que volte ao nosso convívio plenamente restabelecido.

Quero dizer também que tive a sorte de conhecer meu patrono pessoalmente. Na década de 1960, ainda garoto, costumava ler sempre o Jornal do Poste do saudoso Joanino Lobosque. Um dia, estando eu a postos na leitura das notícias do dia, aproxima-se do grupo de leitores a figura solene de um senhor. Alguém o cumprimenta pelo nome e fico sabendo que é o Palhares. Lê também e, terminada sua leitura, começa a tecer considerações e mais considerações a respeito do que tinha lido. Escutando-o com interesse, descubro então que aquele senhor estava a nos dar a oportunidade de conhecer a "notícia por trás da notícia", qualificando, detalhando e enriquecendo, com sua análise crítica, a matéria em pauta. Poucos dias depois, mais ou menos no mesmo horário, coincidimos juntos na leitura do jornal. Uma vez mais, tive a oportunidade de aprender com o conhecimento destilado em voz alta por aquele senhor simpático e afável. Daí em diante, sabedor já de seu hábito de comentar as notícias de viva voz, à hora costumeira de sua aparição diante do jornal, tratava de ir lá sempre, a essa mesma hora. E foi assim durante meses, alguns anos até.

Pois bem, às voltas com essa doce lembrança de quase 50 anos atrás, quis a deusa Fortuna conspirar a favor desta empreitada, fazendo girar sua Roda e pavimentando meu caminho da forma mais insólita possível. Comentei com amiga de longa data (que aqui me

honra com sua presença, minha cara Gina Muffato, creio que conhecida de todos e também amiga de muitos de vocês) a respeito de minha incorporação ao quadro social do IHG e da preleção que deveria fazer. Não é que, poucos dias depois, cuidando das flores que adornam seu belo jardim, para, à frente da sua casa, uma senhora, deleitada e embevecida pela imagem dela a cuidar das plantas. Começam a conversar sobre o gosto comum pela jardinagem e eis que a senhora se declara filha do Gentil Palhares! Neste momento, minha amiga Gina, entre surpresa e contente, fala-lhe sobre seu amigo José Carlos e do texto que ele precisa produzir a respeito de seu patrono - que vem a ser exatamente o pai dessa senhora!

Ela chama-se Gentil Maria e aqui honra-me com sua presença. Naquele momento, estabelece-se o melhor dos mundos: dispõe-se a, através de minha grande amiga, facilitar-me todo o material que possui a respeito de seu pai. Mais tarde, marcaríamos uma entrevista, que acabou acontecendo por telefone, já que residio - ainda - em Belo Horizonte e ela pouco fica em São João del-Rei, estando, na maior parte do tempo, em seu rancho na zona rural, ou então, em Uberlândia.

Nessas circunstâncias, com a convicção de ter acertado na loteria, passo agora a apresentar alguns traços biográficos do Tenente Gentil Palhares e a importância dele para a cultura são-joanense.

Ele era natural da cidade de Formiga, onde nasceu em 09 de março de 1909, filho de Olivério de Fontes Palhares e de Maria Clara de Melo, ela professora e ele contador e partidor<sup>12</sup> no Fórum local.

Transferiu-se para São João del-Rei aos cinco anos, onde residia seu avô materno, Antônio Rodrigues de Melo, homem de vasta cultura, professor e latinista. Estudou no Grupo Escolar João dos Santos e, posteriormente, no Ginásio Santo Antônio e no Seminário do Caraça, para onde seguiu em 1923. Voltou à sua terra natal, Formiga, para trabalhar na casa comercial de seu primo José Maria Palhares, naqueles tempos a maior casa de varejo do Oeste de Minas. Em 1930 seguiu para Araxá, onde trabalhou na Singer como viajante comercial até 1932, quando retornou a São João del-Rei para

---

<sup>12</sup> Funcionário judicial que faz o cálculo das partilhas.

ingressar no Exército como soldado. Fez carreira. Tomou parte na segunda guerra mundial como sargento, seguindo para os campos da Itália em 22 de setembro de 1944.

No seio do Exército recebeu as seguintes condecorações:

Medalha de Campanha

Medalha de Esforço de Guerra

Medalha do Pacificador

Medalha do 1º Congresso Nacional dos Veteranos de Guerra

Medalha dos 30 anos do Término da Guerra

Regressando da Itália, continuou no Exército, no 11º Regimento de Infantaria, até 1957, quando passou para a reserva como Primeiro Tenente. Já na reserva, foi nomeado Chefe do Serviço de Recrutamento na cidade de Passos, onde permaneceu até 1959, quando regressou definitivamente à nossa cidade e recebeu, muito merecidamente, o título de cidadão honorário.

Em 1937, quando servia como cabo na Escola de Aviação Militar do Rio de Janeiro, casou-se com a Sra. Elvira Coelho dos Santos, filha da referida cidade, com quem teve oito filhos: Aramis Paulo, Ângela Maria, Maria Zélia, Gentil Maria, Humberto, Mário César, Edmundo e Carlos Orlando.

Foi Assessor de Imprensa da Prefeitura de São João del-Rei, de forma graciosa, na gestão do Prefeito Dr. Milton de Resende Viegas, colaborando também, ininterruptamente, com a imprensa local, levando seu saber aos leitores através de crônicas e artigos os mais variados. Exemplo de sua mente eclética é o seguinte texto publicado no Jornal do Poste de 19 de junho de 1967, a respeito de um são-joanense que poderia ter ficado esquecido pela história não fosse sua intervenção daquele dia:

Entre as obras de autores são-joanenses - antigos e modernos: Augusto Viegas, Belini, Mourão Filho, Basílio de Magalhães, se alinham as dos amigos Cintra, Fábio, Edmundo Dantés, Lincoln de Souza e os rabiscos de Gentil Palhares. Mas, desses autores são-joanenses, lá está um

deles, poeta livre, sem a disciplina das métricas e das rimas: algo muito interessante e curioso e a sua produção em manuscrito, versos bem inspirados, conquanto sem o rigor ou nenhum rigor mesmo... dos requisitos exigidos. Trata-se do poeta Beija-flor - Aníbal Marques da Costa - que, durante muitos anos trabalhou no Café Rio de Janeiro. Homem sem os lustros da instrução, mas que, a despeito de tudo, faz versos curiosos e dignos de serem lidos. A sua Matemática em Versos deve ser conhecida de todos, de um Cintra, de um Fábio, Dr. Augusto Viegas, Adenor Simões, desse admirável Dr. Salomon, dos nossos professores, há homens de letras e de profissionais liberais, enfim, deve ser conhecido por todos que se interessam pelo que é nosso. É um manuscrito curioso, pitoresco e digno de ser difundido pelos nossos homens de culturas. Numa caligrafia muito bonita e floreada, encontramos esta produção. [...] É algo interessante a Matemática-em-Versos do Poeta Beija-Flor, vale a pena conhecer tudo aquilo!!! (JORNAL DO POSTE, 19/6/1967)

Vê-se, por esse exemplo, que foi um escritor prolífico. Seus textos versavam sobre os mais variados temas. Publicou também os seguintes títulos:

- De São João del-Rei ao Vale do Pó;
- A morte de Frei Orlando – crônicas;
- Roteiro Turístico de São João del-Rei;
- Histórico do Minas Futebol Clube;
- Frei Orlando, o Capelão que não voltou;
- São João del-Rei na Crônica;
- De Thomé Portes a Tancredo Neves.

Desses, destacam-se dois que enaltecem Frei Orlando, Capelão do 11º na Itália e que lá tombou a serviço de Deus e da Pátria. O que demonstra mais uma faceta generosa da personalidade de Gentil Palhares, pelo fato de que, sendo espírita praticante, não deixava de respeitar e reconhecer os valores pessoais daqueles que



seguiram os mais diferentes credos religiosos, exercitando seu ecumenismo por onde passava e ganhando o respeito de todos. Provas disso são: o reconhecimento que lhe prestava nosso saudoso bispo D. Delfim Ribeiro Guedes, ao referir-se a ele sempre como seu Grande Amigo Espírita; e o fato de sua esposa ser católica praticante, o que nunca foi óbice para que tivessem vivido, por toda a vida, em perfeita harmonia e comunhão.

A primeira obra sobre Frei Orlando foi lançada em Formiga, em 6 de junho de 1961, em praça pública, após um desfile cívico.

Pessoa de espírito ativo, irrequieto, pertenceu às mais diversas instituições culturais, tais como a Academia Municipalista de Minas Gerais, a Academia de Letras de São João del-Rei, a Academia de Letras de Ipatinga, Academia de Letras de Barbacena, Instituto Brasileiro de Estudos Sociais de São Paulo, Instituto Histórico de Juiz de Fora, Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

Foi Presidente da Associação dos Ex-Combatentes por duas gestões. Na primeira, participou ativamente na ereção do Monumento ao Ex-Combatente Mineiro, em conjunto com seus companheiros Major Waldemir França, Capitão José de Alencar Rigueira Cavalcanti e Major Cleto Pellegrinelli. Erigiu também o busto de Frei Orlando, na Av. Andrade Reis.

Foi também Presidente da Associação dos Subtenentes e Sargentos, membro do Conselho Fiscal do Minas Futebol Clube, Secretário da Academia de Letras de São João del-Rei e Presidente do Centro Espírita Amor e Caridade.

Pois bem; inspirado por este currículo tão profícuo quanto variado, termino por aqui, não sem antes e com imenso prazer, entregar ao nosso Presidente, para emoldurar a galeria dos próceres desta casa, a fotografia de meu patrono Gentil Palhares, que faleceu em 11 de junho de 1994 aos 85 anos, deixando-nos toda esta herança aqui exposta, da qual tentarei ser merecedor na medida em que consiga, dentro de minhas limitações, servir ao Instituto Histórico e Geográfico e, conseqüentemente, a esta nossa querida São João del-Rei.

São João del-Rei, 1º de julho de 2012

## Geraldo Guimarães

José Alberto Ferreira  
Titular da Cadeira 33

Geraldo Guimarães nasceu em 1915, em Carandaí, Minas Gerais, filho de Hermógenes Guimarães e Virginita Dorneles Guimarães, neto de um português, tropeiro. Morou na sua infância em Barbacena e na adolescência transferiu-se com sua família para São João del-Rei. Estudou no Colégio Santo Antônio e, posteriormente, foi encaminhado para o seminário de Mariana, razão pela qual recebeu o apelido de Abade. Em 1941 casou-se em Bom Sucesso com Iracema Carvalho Monteiro. Teve 8 filhos Marcelo, Marília, Maria Lúcia, Marina, Maria Luíza, Maria Beatriz, Mariângela e Márcia.

Era alto para os padrões do seu tempo, caminhava bastante ereto, levemente inclinado para trás, de cabelos longos, fumando um cachimbo curvo. O seu gosto pelo cachimbo fazia-o ser presenteado com vários, acompanhado do fumo, importado. Na ausência do cachimbo, servia-se do cigarro.

Dotado de extraordinária presença de espírito.

Num encontro na Cantina Calabresa com o promotor Luís Fernando Mendes Salomon e outros, em animada roda de amigos, bebendo cerveja, a certa altura, em calorosa discussão, disse alto e bom tom o doutor Salomon:

- Afinal! Sou o promotor da cidade.

Geraldo Guimarães retrucou de imediato:

\_\_ - E eu sou o pintor da cidade!

Com a família era de uma presença inquestionável, sem ser autoritário nem agressivo impunha sua autoridade, sempre alicerçada em princípios morais e educativos.

À mesa, quando algum filho afirmava não querer comer determinado prato, ele logo perguntava:

- Quem falou que não vai comer? Me dê o seu prato.

E acrescentava:

- Vai comer dobrado!

Certa ocasião, agendaram-lhe um emprego com um influente político local.

Na entrevista, ao tomar conhecimento de que o emprego era de guarda-fios, informou que não podia aceitá-lo por causa de sua fraqueza pulmonar: já havia contraído tuberculose. Responderam-lhe que não havia necessidade de comparecer ao trabalho.

Agradeceu, mas não aceitou.

Em casa, reuniu a família e justificou porque não pôde aceitar o emprego. Não era digno receber um salário sem trabalhar.

Mais tarde trabalhou como corretor de imóveis e prestador de serviços para firmas ligadas aos trabalhadores do município de Barroso, até sua aposentadoria.

Carnavalesco. Participou ativamente da fundação e dos desfiles da Escola de Samba Falem de Mim, no tempo em que o Carnaval de São João del-Rei foi considerado o 3º melhor carnaval do Brasil, depois do Rio de Janeiro e do Recife. E o 1º carnaval do interior do Brasil.

A Escola de Samba Falem de Mim foi criada para competir em igualdade de condições com a Escola Qualquer Nome Serve, líder incontestado do carnaval são-joanense na segunda metade do século XX.

Jota Dangelo em seu livro História do Carnaval de São João del-Rei de 1950 a 2000 dá o seguinte testemunho sobre Geraldo Guimarães:

“Era conhecido como Abade e é impossível separar sua imagem do cachimbo que fumava permanentemente. Magro, longilíneo, esguio, fazia serviço de cobrança para o INPS na região. Inteligência aguda, culto, de fina ironia mesmo nas conversas sobre assuntos banais, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, tendo deixado uma obra respeitável de pesquisa histórica sobre a cidade e a região. Mais tarde também dedicar-se-ia às artes plásticas. Corajoso nas opiniões, tinha uma conversa agradável e espirituosa. Papo firme de boteco, que frequentava com regularidade sem nunca cometer excessos alcoólicos.”

Foi Geraldo Guimarães um homem destemido, firme em seus princípios.

Durante o governo Collor em que se arrocharam os salários e confiscou-se a poupança, para protestar encheu um cesto de bananas com uma faixa com os seguintes textos:

### **ORAÇÃO DOS AFLITOS**

Deste mall pelo quall não fui culpa Da maldição e dos mallefícios

Deus me llivre, se possívell Do duplo LL

### **APOSENTADO DO INSS**

76 anos de idade e de serviços Paga por um governo de B

Com uma aposentadoria de M No fim da vida tem que vender

### **BANANAS COLLOR**

Se não vender vai dar bananas Bananas, muitas bananas

Bananas para passarinhos Para MAGRIS “ et acaterva”

Bananas para zélias Bananas também para o FMI

Acompanhei-o no protesto que começou na Avenida Tiradentes em frente a uma fila de aposentados do INPS na porta da sede do Athletic Club. Passou lentamente ao longo da fila, encarando-a, deixando que os participantes da mesma lessem o seu protesto. Depois dirigimo-nos à Avenida Presidente Tancredo Neves onde havia mais duas filas para o mesmo fim. Uma ao lado do Banco de Crédito Real e outra ao lado do Banco do Estado de Minas Gerais. Foi festivamente filmado.

Na mesma ocasião, por ocasião das comemorações do Bicentenário de TIRADENTES, aproveitando uma solenidade no adro da Igreja de São Francisco com a presença do vice-presidente Itamar Franco, do deputado federal Aécio Neves, de Risoleta Neves e do Cardeal Dom Lucas Moreira Neves fez novo protesto. Desta vez, fez um laço no pescoço, com uma corda de bacalhau, simulando corda de enforcado. Escondeu-a sob a camisa de manga comprida. Acompanhei-o. Ao iniciar-se a solenidade, ao som do Hino Nacional,

foi abrindo espaço entre a multidão e postou-se em frente às autoridades. Isto feito, desabotoou a camisa e exibiu a corda de enforcado e a faixa com os seguintes dizeres:

“EM 1792 DONA MARIA PRIMEIRA, A LOUCA, ENFORCOU TIRADENTES. EM 1992 DOM COLLOR PRIMEIRO, O TRÁGICO, ENFORCA OS APOSENTADOS.”

Causou impacto. A reação das autoridades citadas foi de virar o rosto, com exceção do Cardeal Dom Lucas Moreira Neves. Havia repórteres de vários jornais. No dia seguinte foi manchete. Vários amigos mandaram-lhe recortes de jornais sobre o evento.

Era também excelente dançarino, tipo pé de valsa. Fazia par constante com a esposa Iracema Monteiro Guimarães nos bailes do Athletic e do Minas Futebol Clube.

Politicamente era conservador, de direita como a maioria da classe média de seu tempo. Após longas discussões com um de seus genros, na época em que o PT se despontava como um partido que se pautava pela ética e dignidade, aderiu a ele. Para manifestar a sua adesão fez uma enorme bandeira vermelha e hasteou-a no terraço de sua casa. Seus amigos de reuniões diária à tarde, na casa de José Gonçalves, ficaram surpresos.

A sua fraqueza pulmonar, manifestada na juventude, agravada pelo uso constante do cachimbo, acentuou-se nos últimos anos de vida. Contraindo enfisema que o foi debilitando lenta, mas inexoravelmente. Foi uma longa e penosa doença.

A família toda se mobilizou. Os genros e filhas que moravam fora se revezavam na assistência. Seu genro mais novo, Dr. Jorge Diogo, prestou-lhe assistência diária como médico, além de outros. Faleceu em 11 de junho de 1997, aos 82 anos.

Não podendo mais ler, nem se locomover, restava-lhe o convívio com os parentes e amigos. Começou a ouvir, além dos clássicos, canto gregoriano. Foi se preparando para a morte à medida que ficava mais debilitado. Antes de falecer disse que preferia um velório em casa com música sacra, inclusive canto gregoriano. Traçou seu trajeto fúnebre até o cemitério do Carmo. Rua Doutor José Bastos, Largo São Francisco, Beco do H, Avenida Eduardo Magalhães, ponte da Cadeia, Rua Artur Bernardes, Rua Getúlio

Vargas, Largo do Carmo, Igreja do Carmo. Trajeto feito na contramão, pelas ruas da cidade que lhe eram tão queridas.

## **O artista plástico**

Como artista plástico começou autodidaticamente a pintar por volta de 1956. Mais tarde estudou litografia com o professor e artista plástico João Garbognini Quaglia e coordenou a comissão de artes do Centro Artístico e Cultural-CAC, na década de sessenta. Em seu ateliê reunia amigos e artistas que visitavam a cidade, sempre muito acolhedor e hospitaleiro. Recebeu o primeiro prêmio geral e de pintura de pintor são-joanense nos I e II salões de Pintura de São João del-Rei em 1959 e 1960, conquistando também menção honrosa no Salão Municipal de Belas Artes de Juiz de Fora. Posteriormente, realizou exposições individuais no Rio de Janeiro (Associação Atlética do Banco do Brasil) e em São Paulo (Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna). Participou também do I Salão Nacional do Pequeno Quadro (Galeria Guignard, Belo Horizonte/MG).

No verbete, Geraldo Guimarães, do Dicionário das Artes Plásticas do Brasil, de Roberto Pontual, Editora Civilização Brasileira, 1964, lemos que “sua pintura evoluiu de um certo primitivismo para o domínio cada vez mais preciso do desenho, sob a orientação de Quaglia. Segundo este, é uma pintura figurativa com traços do Expressionismo Alemão. Os temas de sua pintura são paisagens urbanas e imagens barrocas são-joanenses, além de cenas populares retratando o cotidiano de festas populares.

Num de seus quadros, o mais famoso pelo conteúdo ideológico: denuncia a demolição da Igreja de Matosinhos. Nele há uma perfeita harmonia do artista plástico com o defensor do patrimônio da cidade. Na paisagem barroca são-joanense, pinta os imóveis de maior relevo arquitetônico superpostos, como podemos ver em quadro por ele produzido.

## O historiador e geógrafo

Geraldo Guimarães participou como articulador e sócio fundador do nosso Instituto Histórico e Geográfico e esteve na presidência do mesmo durante mandato de 1987 a 1990. A princípio dividia ele as suas atividades de artista plástico com as de pesquisador, mas a partir dos anos 80 abandonou definitivamente a pintura para dedicar-se à pesquisa histórica, aliada a uma aguda percepção dos acidentes geográficos, um amigo e defensor da natureza contribuindo com a construção de textos e mapas. Tornou-se, nesse particular, um excelente cartógrafo, habilidade que enriqueceu os seus textos.

Publicou diversos artigos nas revistas do IHG de São João del-Rei – no Volume II, *São João del-Rei até a Guerra dos Emboabas*; No III *A Bandeira de Fernão Dias*; No IV dois artigos, *O Caminho Novo* e *O Capão da Traição*; No V também dois, *O Povoamento das Minas Gerais* e *Catauá*; No VI mais dois, *A Bacia do Rio das Mortes* e *Considerações sobre as origens de Barbacena*; No VII ele publicou *Algumas Considerações sobre Tiradentes*; No VIII, *Considerações sobre Ibituruna*; e no volume IX *Nosso Carnaval do passado – ligeiras notas e observações*.

Em 1996 Geraldo Guimarães publicou o livro *São João del-Rei: Século XVIII – História Sumária*. Tem ele 147 páginas e versa sobre a cidade desde as suas origens até o início do século XIX. Essa obra foi dedicada aos jovens de nossa cidade porque quase não encontravam textos acessíveis para suas pesquisas escolares e principalmente, ele acreditava que “A GENTE SÓ AMA AQUILO QUE CONHECE”

Para escrevê-lo serviu-se o autor de uma extensa bibliografia expressa nas páginas 135 a 139, aliada ao seu profundo conhecimento dos fatos históricos cultivados ao longo da vida

A obra possui 21 ilustrações de sua autoria e 12 mapas que contribuem na compreensão do texto Já estando bastante debilitado em razão de grave doença pulmonar, lançou-o no salão do Museu Regional, lançamento a que compareceu um grande número de pessoas.

O conteúdo do livro foi constituído do seguinte modo: as origens, a vila de São João del-Rei, as igrejas, as pontes, as fontes e chafarizes, aspectos sociais, políticos e econômicos, São João del-Rei na Inconfidência Mineira e figuras de destaque do século XVIII. Estes subtítulos são subdivididos em outros subtítulos, além do índice remissivo, nas páginas finais.

Este processo claro e direto tornou a leitura agradável, além de facilitar a consulta sobre determinado assunto.

Por estas razões observamos a aliança de três atributos inerentes ao autor: o historiador, o artista plástico e geógrafo.

Durante a administração de Mário Lombardi (1971/1973), após a construção do canal no Córrego do Lenheiro, na altura do Supermercado Sales até a ponte Benedito Valadares as margens do Córrego foram gramadas, aformoseando toda a área.

Mas com o passar do tempo, as ditas margens começaram a levantar-se bem acima do canal, causando enchentes e muitos estragos.

Geraldo Guimarães estudou o problema, observou o volume de água que vinha do córrego da Água Limpa e que se encontrava com a água do córrego do Lenheiro na altura da Ponte do Rosário despejava no canal uma grande quantidade de água que transbordava, deixando no seu rastro grande volume de areia sobre a grama. A grama varava a areia e crescia, tornando as margens do Lenheiro cada vez mais altas. Fenômeno conhecido como assoreamento.

Geraldo Guimarães apresentou o seu estudo numa reunião do I.H.G., alertando que caso o excesso de terra arenosa não fosse retirado, haveria problema sério de enchentes.

Fato que veio se confirmar mais tarde. E que só foi resolvido numa administração do prefeito Nivaldo Andrade, através de financiamento do governo federal.

Essa pesquisa de Geraldo Guimarães mostra como ele usou com competência a observação para os fenômenos geográficos e preservacionista. Ele soube como poucos trabalhar o binômio temático do Instituto, histórico e geográfico.



No grande número de artigos publicados nas Revistas do IHG isto fica evidente. No seu acervo particular deixa muitas pesquisas sobre a região da Bacia do Rio das Mortes.

Para encerrar esta apresentação de defesa de Geraldo Guimarães, patrono da cadeira nº 33 da qual eu sou titular, leio e comento o poema Ilusões da Vida, de Francisco Otaviano, patrono da cadeira nº 13 da Academia Brasileira de Letras.

### Ilusões da Vida

Quem passou pela vida em branca nuvem  
E em plácido repouso adormeceu;  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu,  
foi espectro de homem – não foi homem,  
Só passou pela vida – não viveu.

Geraldo Guimarães passou pela vida e viveu. Não passou em brancas nuvens nem em plácido repouso adormeceu. Viveu como um homem que lutou. Deixou sua marca! É o patrono da cadeira nº 33.

### Referências

Esse texto foi produzido com base em arquivos pessoais do biografado, sob posse do autor.

## DEFESA DO PATRONO SEBASTIÃO DE OLIVEIRA CINTRA

Ana Maria de Oliveira Cintra  
Titular da Cadeira 37  
*deusadia@yahoo.com.br*

Desde a Instalação do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei em primeiro de março de 1970, a promessa feita por seu primeiro Presidente Dr. Fábio Nelson Guimarães à Ordem dos Templários<sup>13</sup>, consolida-se soberbamente na tarefa dos confrades e congreiras em defender nosso patrimônio, resgatar nossas tradições artísticas e culturais, conservar nosso acervo histórico e geográfico e registrar os fatos que delinearam nossa herança imortal.

Ao defender Sebastião de Oliveira Cintra como patrono da cadeira 37<sup>14</sup> o faço com as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição, protetora desta casa, portanto, ofereço uma imagem benta a este sodalício em agradecimento pela honra de ser sua filha e pela dádiva do momento presente.

Falar de Sebastião é reconhecê-lo como Cavaleiro da Ordem em sua concepção original, ou seja, uma corporação de católicos romanos devotos em prol dos doentes e dos pobres. Reconhecê-lo como Cavaleiro da Ordem permite-nos desvelar um Homem que lutou bravamente para defender e conservar seu legado familiar dos últimos dez séculos. Pois, como seus antepassados, considerava a família instituição privilegiada para a defesa da fé, da honra e da lealdade. Esta herança fez com que, desde o seu nascimento até a sua morte, usasse no seu cotidiano as armas da diplomacia, tolerância, respeito, verdade e humildade. Portanto, ao discorrer sobre sua vida e sua obra será apresentada uma exposição de motivos que além de

---

<sup>13</sup> Ata 001 da sessão de instalação do Instituto Histórico e Geográfico realizada no dia 1º de março de 1970.

<sup>14</sup> Votado na Assembleia de 07.12.2003 pelo Presidente José Antônio de Ávila Sacramento.

justificar o título de patrono, demonstra o cumprimento de uma promessa.

Tudo começou com o despertar do genealogista nato querendo saber de onde você é e de quem você é filho. Com muito estudo e pesquisa descobriu que tanto o tronco paterno (Cintras) quanto o materno (Oliveiras) vieram de Portugal. A família Cintra que deu origem ao Ulhôa Cintra herdado por Francisco Augusto de Ulhôa Cintra, seu pai, iniciou-se em torno de 308 a.C., quando foi edificado um templo em homenagem à lua pelos gregos, galosceltas e túrdulas. Como os celtas chamavam a lua de Cynthia, os árabes de Chintra (ou Xintra) ou Zintira, aquele local recebeu o nome, inicialmente de Cintra, passando depois para Sintra (LEAL,1874). Há uma lenda que conta que um nobre mahometano apaixonou-se por uma jovem escrava cristã e para vingar-se do repúdio recebido pelos seus parentes, facilitou que o Rei Português Afonso Henriques conquistasse Cintra. O Rei converteu-o ao catolicismo e deu-lhe o apelido de Cintra para passar para sua descendência (CINTRA, 1949).

A ligação da família Cintra com o Brasil teve início com o casamento de Luiz Pedroso Cintra, de Lisboa, com Maria da Gama Reis (6<sup>a</sup> avós), do Rio de Janeiro. Ver genealogia completa no Anexo.

O início do século XX não foi fácil para a família Oliveira Cintra. Nem bem haviam se recuperado do devastador temporal no bairro do Tejuco em 15.01.1917, tiveram que enfrentar a Gripe Espanhola em 1918, ano do nascimento de Sebastião, e ainda a morte precoce do seu pai em 29.06.1920. Seus irmãos mais velhos, filhos do seu pai, foram criados por avós, tios e os menores por sua mãe na casa do seu avô materno, Francisco Honório Moreira, conhecido como Chico Romualdo ou Chico das ervas. Escrevia para a filha e o neto, quando em tratamento de saúde no Rio de Janeiro, pedindo que fosse alfabetizado e se dedicasse aos estudos. Faleceu em 01.06.1926 em São João del-Rei. Com apenas oito anos Sebastião entrou na Venerável Confraria de Nossa Senhora do Rosário em 05.10.1925, antes de fazer a primeira comunhão em 19.05.1929. Sua mãe casou-se mais uma vez com seu primo José Batista de Jesus, filho de Francisco Cipriano do Nascimento e Maria Estevão de Carvalho.

Francisco Cipriano era filho de Francisca Iria da Silva e Joaquim Felisberto do Nascimento. Francisca era filha dos bisavôs maternos de Sebastião, Maria Guilhermina Oliveira e Romualdo.

Tantas perdas e dificuldades no início da vida de Sebastião atrasou sua ida para a escola. Mesmo assim, completou sua escolaridade com sucesso no Grupo Escolar João dos Santos e no Ginásio Santo Antônio dos Padres Franciscanos. Seguiu para o Rio de Janeiro em 1938 em busca de realizar o sonho de cursar medicina. Entretanto, diversos acontecimentos e oportunidades despertaram o seu talento natural para o jornalismo, a escrita, a histórica, a oratória, a genealogia (Cintra, 2011).

Aprovado em concurso em 1944 como oficial administrativo, para trabalhar no Ministério do Trabalho, Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), deixou o Ministério da Educação onde trabalhava desde 1942. Na mesma época conheceu Léa no Jardim Botânico, confidenciando a um amigo ao entrar no Bonde: - Com esta eu caso hoje mesmo! No dia seguinte, 06.10.1944, recebeu a notícia da morte de sua mãe. Conquista bolsa para o curso de Serviço Social nas Faculdades Católicas do Rio de Janeiro (atual PUC) que o habilitou como Auxiliar Social em 1945. Cursou disciplinas isoladas do curso de Biologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Lafaiete.

Simultaneamente trabalhava no Serviço de Assistência ao Menor (SAM), desde 1942, quando contraiu tuberculose em finais de 1945. Licenciou-se das atividades para tratamento pelo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) no Sanatório Bela Vista, hoje Sanatório Alcides Carneiro, no distrito de Corrêas, Petrópolis. Foi submetido a toracoplastia que lhe tirou três costelas e uma parte do pulmão direito. Nesta época, em 03.11.1946 tornou-se Irmão Remido da Irmandade da Terra Santa. Após quase dois anos em tratamento, retorna ao trabalho e pede sua transferência em 15.10.1947 para o Posto do Instituto aberto em São João del-Rei. Em junho de 1948, Sebastião é transferido para sua terra natal, levando uma pequena mala com seus pertences e uma gigantesca bagagem interna. Em 01.07.1948 o posto local do IAPI foi elevado à categoria de Agência sob a responsabilidade de Reginaldo Silva

Neto. Sebastião Cintra foi promovido a tesoureiro e foi pagador em diversas localidades.

De 1948 a 1951, aproveitava as idas ao Rio de Janeiro para noivar, para visitar redação de Jornais e pesquisar Livros de Batismos do período colonial na Biblioteca Nacional. Firmava-se como articulista diversificado, publicando sobre sua cidade natal, acontecimentos políticos e sociais recentes, problemas e dificuldades do cidadão comum, como os jogos de azar. Em suas crônicas, publicadas nos Jornais do Rio de Janeiro e de São João del-Rei, retratava os personagens típicos e histórias da sua infância na Rua de Santo Antônio, na Fazenda Bela Vista, na Vila de São Miguel do Cajuru. Com facilidade e talento, deixava viva uma época que certamente se perderia no tempo. Como o fez com a crônica Pereira, publicada no Jornal O papagaio em fevereiro de 1950 e na edição de novembro-dezembro de 1950 sobre sua terra natal, Uma cidade genuinamente brasileira. Passou a ter coluna no Diário do Comércio, publicando artigos de interesse público recebendo diversas cartas à redação com elogios e comentários.

Em 20.10.1951 casou-se na Matriz de São José, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro com Léa, filha de Izabel da Silva Carvalho, viúva de Antônio Batista de Carvalho. Mudou para a casa que herdou de sua mãe na Rua de Santo Antônio, 306. No dia 14 de agosto de 1952, em um parto demorado, nasceu sua primeira filha Sônia Regina. Devido a uma anoxia perinatal sofreu atraso mental e de locomoção, necessitando de cuidados especiais por toda a vida. Nesta época o casal apegou-se a fé. Léa ingressou na Venerável Confraria de Nossa Senhora do Rosário em 02 de fevereiro de 1953. Sebastião fez parte da mesa administrativa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, tendo sido secretário em 1953. Foi provedor de honra da Irmandade de São Miguel e Almas, onde foi tesoureiro e secretário (1953-54). Pertenceu a quase todas as Irmandades e Confrarias de São João del-Rei com participação ativa.

Em termos funcionais, buscou aperfeiçoamento, excelência e melhoria. Em 03.02.1954 foi registrado como Corretor de Seguros na Delegacia Regional do Trabalho, com anotação em carteira. No jornalismo produzia artigos voltados para as questões urbanas da

comunidade e assuntos do cotidiano. Era tamanha a produção de Cintra no Diário do Comércio que circulou notícias de que era da direção, ao que respondeu com uma Declaração publicada no dia 23.04.55 que jamais ocupou cargo no Jornal.

Em 16 de março de 1957 foi noticiado nos jornais o nascimento de sua segunda filha, Ana Maria, autora deste artigo. Em fins de 1957, as Efemérides Sanjoanenses de Cintra foram publicadas em Roteiro Turístico da cidade. Em 1962, na Série Registros Históricos Sanjoanenses, foi publicado seu estudo sobre o Professor Augusto Ribeiro Campos. Nessa época seus artigos adquirem uma dimensão histórica, voltada para a genealogia. Nascia o pesquisador de história, como gostava de ser qualificado. Dedicava-se a levantar os troncos familiares, muitas vezes começando com os relatos orais dos familiares, registrados em longas conversas ou por escrito, para verificação nos arquivos públicos. Manteve uma profícua correspondência com parentes, historiadores, amigos. Sempre simpático, didático e elegante, tanto no trato pessoal, quanto na sua correspondência.

Valorizou seus colaboradores. Fazia questão de registrar sua gratidão a Almir de Resende Aquino e Monsenhor Sebastião Raimundo Paiva no acesso a Certidões de Batismo do Arquivo Paroquial; ao Monsenhor José do Patrocínio Lefort quanto aos Processos Matrimoniais do Arquivo Geral da Diocese da Campanha; bem como aos responsáveis pelos Livros de Inventários da Comarca do Rio das Mortes, Livros de Registro de Cartas e Editais da Câmara de São João del-Rei; do Arquivo do Patrimônio Histórico de São João del-Rei, Arquivo Público Mineiro e Anuário Corográfico Estatístico e Histórico do Estado de Minas.

Interessado em arte, cultura e história participou com um grupo de amigos da criação do Centro Artístico Cultural de São João del-Rei (CAC) em 8 de março de 1959. Pouco tempo depois, com intervalo de um ano, foi divulgado na imprensa o nascimento da terceira e quarta filhas de Sebastião e Léa: Maria Angélica no dia 04 de janeiro de 1961 e Teresa Cristina no dia 14 de janeiro de 1962. Foi no CAC que Cintra lançou a primeira parte (janeiro a junho) de seu livro Efemérides de São João del-Rei em 03.12.1963. A noite de

autógrafos, irradiada pela Rádio São João foi incluída nos festejos do 250º aniversário da criação da Vila de São João del-Rei, com apresentação de orquestra regida pelo Maestro João Américo da Costa.

Foi diplomado como sócio correspondente do Instituto Histórico de Minas Gerais em março de 1964. No mesmo ano, no dia 06.09 a Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais realizou sessão solene especial de posse (Edmundo Dantés Passos e Fábio Nelson Guimarães) e de recepção de novos sócios: Augusto Viegas, Gentil Palhares e Sebastião Cintra saudados pelo Professor Antônio Ribeiro de Avelar.

Em 28 de setembro de 1966 nasceu Vera Lúcia, a quinta filha de Sebastião e Léa,. Em 1967 publicou o segundo volume da 1ª edição do livro Efemérides de São João del-Rei. No mesmo ano apresentou as Efemérides do Município, no Ciclo de Estudos sobre Tiradentes, promovido pela Academia Municipalista de Letras e Academia Mineira de Letras. Em 11 de outubro de 1968 nasce seu sexto filho, último e único homem Francisco Eduardo. Em 1969 fez o curso de Extensão cultural sobre Bárbara Eliodora em BH e foi nomeado pelo Prefeito Municipal Dr. Milton de Resende Viegas para a comissão regional das comemorações do sesquicentenário de sua morte.

No dia 01.03.1970 foi instalado o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei (IHG) no Salão Nobre da Prefeitura. Cintra está relacionado como um dos fundadores na primeira Ata, com mais dezenove confrades. Esteve presente na sessão de instalação e assinou a Ata de Posse. Nesta sessão, o primeiro Presidente Fábio Nelson Guimarães o nomeou para a leitura mensal das efemérides do dia. Fez parte das comissões da Revista e de História, foi segundo vice-presidente, vice-presidente, bibliotecário e fez parte do Conselho Curador e do Conselho dos Notáveis. A seguir será apresentada sua passagem pelo IHG registrada nas Atas das reuniões divida em três décadas.

1- 1970 a 1979. Palestras: Centenário de nascimento do jornalista Altivo Rodrigues Sette Câmara (1870-1906); São João del-

Rei no período Imperial; Centenário de falecimento do são-joanense Senador Gabriel Mendes dos Santos; Saudação a Dr. José Camponizzi Filho; Centenário de nascimento de Dona Afonsina Guimarães; Septuagésimo quinto ano de fundação do Grupo Escolar João dos Santos; Centenário de nascimento de Luiz Alfredo Rattón; Centenário de nascimento de Fidélis Guimarães; 8 de dezembro: criação da Vila de São João del-Rei; centenário do II BI; Nova edição do primoroso livro do Dr. Augusto das Chagas Viegas. Discursos: Inauguração da Ordem dos Advogados em 21.05.75; lançamento do livro Dom Pedro-Jornada a Minas Gerais em 1822 de Dr. Eduardo Canabrava Barreiros, na reunião conjunta com Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Inauguração da rua João de Deus Assunção no Jardim Paulo Campos em nome da família Cintra Assunção. Homenagens: Monsenhor José Maria Fernandes; Franklin de Almeida Magalhães a pedido da família. De 04.02.73 a 05.08.73 foi Vice-presidente ad hoc devido a licença do Presidente Fábio.

2- 1980 a 1989: Palestras: Bicentenário de nascimento do Barão de Itambé; Centenário do Barão de São João del-Rei; Centenário de morte do Visconde de Araxá: Domiciano Leite Ribeiro; Eduardo Ernesto Pereira da Silva, Barão de São João del-Rei; Centenário do Ananias de Castro Teixeira. Homenagens: Sesquicentenário Professor Comendador Aureliano Pereira Correa Pimentel; 60 anos de formatura farmacêutico Onésimo Guimarães; 10 anos de fundação do IHG Sócios falecidos: Adenor Simões Coelho, Agenor Simões Coelho, Dr. Carlos Velasco, Tenente Silvio Araujo Padilha, Dr. Augusto das Chagas Viegas e Otávio do Nascimento Teixeira; Falecimento de Luis de Melo Alvarenga. Representando o IHG: Comitiva de recepção Lord Peterson da Inglaterra na inauguração de obras da Açominas; Inauguração do busto do Senador Eduardo Levindo Coelho em Catas Altas da Noruega em 13.10.81; Solenidade no 13º. Batalhão de Infantaria em 19.11.81; Posse de Tancredo de Almeida Neves na Academia de Letras de MG em 24.02.83 com Dr. Diomedes Garcia de Lima; Comissão de entrega do novo estandarte ao II BI. Conduziu a sessão conjunta da Academia, como vice-presidente do IHG e presidente da Academia



de Letras. Atuou junto a Secretaria de Cultura quanto aos antigos nomes das ruas. Formalizou doação ao IHG da obra Anais do Rio de Janeiro, em 7 volumes de Baltazar da Silva Lisboa, de 1834.

3- De 1990 a 1999: Palestras: Escolas antigas em S. João del-Rei; Padre João Batista do Sacramento; Dr. Antônio Ferreira Ribeiro da Silva; Irmã Júlia Gaede. Homenagens: Por falecimento dos confrades Tenente José Gaede, Djalma Tarcísio de Assis e Dr. Francisco Diomedes Garcia de Lima. Lançamento de livro: Em 04.09.94 lançou o primeiro volume do seu livro de biografias: Personalidades notáveis de São João del-Rei, sendo saudado por Fábio Nelson Guimarães. Na ocasião, Lígia Maria Velasco de Almeida Magalhães reclamou quanto a ausência dos nomes de Custódio de Almeida Magalhães e Alberto Custódio de Almeida no livro. Cintra dirigiu-se sensibilizado a confrade e *ressaltou o cansativo trabalho realizado, tanto na compilação de dados bibliográficos, às vezes dificultada por parte de alguns filhos, como na explicável possibilidade de lacunas, resultantes de possíveis falhas pessoais; entretanto, em futura edição, tal lapso, e outros mais, serão sanados, certamente. Acrescentou ainda, o escritor, que, em outras ocasiões teve ele oportunidade de escrever e publicar trabalhos biográficos acerca das ilustres pessoas em questão.* Saudação: a Fábio Nelson Guimarães pelo lançamento do seu livro Ruas de São João del-Rei em 06.08.95. Homenagem póstuma: em 01.09.96, pelo falecimento de Fábio Nelson Guimarães em 01.07.96, emocionado disse *“considerar uma incumbência enternecedora para ele que tinha por Fábio admiração e afeto de irmão”*.

Cintra foi frequentando cada vez menos as reuniões do IHG. Faltou do dia 03.11.96, retornando em 02.03.97. Na reunião de 06.04.97 saudou o escritor Gaio pelo livro Santos negros estrangeiros, dizendo dele se orgulhar, o considerando um dos esteios da nossa história e um baluarte de nossa cultura. Faltou as reuniões dali em diante, retornando em 02.08.98. Em 11.10.98, foi homenageado pelos seus 80 anos, em nome da família, pela autora deste artigo, pelo IHG, por Maria Lúcia Guimarães e Antônio Gaio Sobrinho. Na ocasião, Gaio falou que o considerava um dos pilares

da história de São João del-Rei, ao lado de José Mattol e Augusto Viegas e destacou sua importância para o IHG e São João del-Rei. Cintra agradeceu as homenagens recebidas e lembrou que tudo que fez foi sempre com entusiasmo e carinho e que a sua principal característica é a pesquisa, fazia então desta oportunidade para agradecer os muitos colaboradores que proporcionaram-lhe a realização das mesmas. Em uma de suas últimas reuniões em 07.03.99 destacou a importância das manifestações culturais e o envolvimento das escolas e participou da inauguração da Sala de Reunião Fábio Guimarães e Biblioteca Geraldo Guimarães. Na reunião de 04.07.99 foi com a autora e seu filho Henrique Cintra Carvalho e comentou da satisfação com o encaminhamento do tombamento municipal da Igreja de São Miguel do Cajuru, sob a liderança do Presidente do IHG José Antônio de Ávila Sacramento. Compareceu à sessão solene pelos 30 anos do IHG em 08.05.2000, sendo homenageado pelo confrade Antônio Gaio Sobrinho. Foi a última reunião que participou.

Cintra publicou artigos em todas as edições da Revista do IHG, a saber: Dr. Gomes da Silva Pereira; O Bairro do Segredo; Festas de Matosinhos antigamente; Automóveis em São João del-Rei; Cônego Antônio J. da Costa Machado; O decano dos farmacêuticos de São João del-Rei; A conjuração de Minas Gerais; Mestre-Canteiro Lima Cerqueira; Nomenclaturas de ruas de São João del-Rei; Centenário do 11º BI - Regimento Tiradentes; Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes; Homenagem ao Dr. Francisco Diomedes Garcia de Lima, Separata Nomenclatura de ruas de São João del-Rei; Dr. Eduardo Ernesto Pereira das Silva.

Retomando a cronologia da vida de Cintra, um ano após a criação do IHG, em 21.01.1971 foi instalada a Academia de Letras de São João del-Rei. Cintra foi um dos sócios fundadores, escolhendo em 28.01.1971 o Cônego José da Costa Machado, cadeira 9, como patrono. Na primeira Diretoria, na Presidência de José Américo da Costa, foi segundo tesoureiro. Em 1973 foi Vice-presidente na gestão do Dr. Henrique Neves. Em 1981 foi eleito Presidente e reconduzido a Presidência por mais duas vezes seguidas. A característica principal de sua gestão foi o estímulo a maior participação da população nas

reuniões, a democratização do acesso às letras e cultura, o incremento da biblioteca, a divulgação da Academia e a adesão de maior associados. Em 01.09.1977 aposentou-se como Fiscal de Contribuições Previdenciárias do INPS e IAPAS, depois de 35 anos de trabalho, o que lhe permitiu mais tempo para dedicar-se a Academia de Letras.

Sua Conferência Inconfidência Mineira no 11º. Batalhão de Infantaria, Batalhão Tiradentes em 18 de julho de 1980 foi editada. Teve artigo publicado na Revista da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais em 1980: Exéquias promovidas pelo senado da Câmara da Vila de São João del-Rei, e no Anuário da Academia Barbacenense de Letras, em 1980: Discurso de posse e em 1982: A presença da morte na poesia. Na Antologia “Escritores do Brasil”, organizada por Aparício Fernandes, em 1981, publicou: Festas barrocas em São João del-Rei em 1786 (desposórios de infantes), Jubileu do Espírito Santo em Matosinhos - o estruço e Um poeta capixaba em São João del-Rei. Na coletânea poética “Os versos que te dou”, organizada por Paulo César dos Santos, apresentou a poesia de sua autoria “Pesadelo”.

Foi orador oficial da Prefeitura Municipal em várias gestões municipais e muitas outras Instituições, em ocasiões festivas e comemorativas. São mais de 200 textos preparados com cuidado e ensaiados junto à família. Fora os discursos e palestras realizadas de improviso. Dominava a comunicação oral e falava com energia, prendendo a atenção do expectador. Em 1982, publicou edição revista e aumentada de Efemérides de São João del-Rei, recebendo diploma de Honra ao Mérito concedido pela Câmara Municipal. Foi um dos fundadores da Associação de Imprensa e Rádio de São João del-Rei em 1982, sendo militante ativo durante seus dez anos de funcionamento, onde foi secretário em 1978, presidente de 1984 a 1985 e de 1985 a 1986. Em 1986 e 1987 foi seu Presidente de Honra. Pela Associação, em 1988 foi articulista do Jornal do Poste, publicando diariamente. Participou em muitos programas irradiados ao vivo no palco da Rádio São João del-Rei.

Foi tesoureiro da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de 1988 a 1990. Preparou a referência histórica 38

fotografias antigas de São João del-Rei na Exposição de Fotografias de São João del'El-Rey antiga, Cerâmica e Pintura na Casa de Bárbara Eliodora, realizada pelo Museu Thomé Portes como atividade do Inverno Cultural de 17 a 31 de julho de 1992. Foi professor do curso de História do Inverno Cultural da Funrei em 1988, 1991 e 1999. Em 23.03.1995 participou da mesa redonda “Educação de bem-dotados e de talentosos” na Funrei.

Foram dezenas de diplomas e condecorações recebidas por sua atuação como escritor, orador, pesquisador, jornalista e articulista. Foi sócio honorário do Rotary Club e da Associação Comercial e Industrial de São João del-Rei, sendo constantemente envolvido nas atividades das duas entidades. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais, da Academia Barbacenense de Letras, Sócio Titular da Ordem Nacional dos Bandeirantes; Membro correspondente da Academia Paulista de História, patrona Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira; da Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras; da Academia Goianiense de Letras, patrono Manuel Caetano de Almeida e Albuquerque; Membro titular da Academia de Estudos Literários e Linguísticos, patrono Ladislau Espírito Santo Melo dos Santos Títara; Sócio correspondente da Academia Petropolitana de Letras, patrono Alcindo de Azevedo Sodré; Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Goiano, patrono Cipriano da Silva Jucá; Membro correspondente da Academia de Letras da Manchester Goiana, patrono Alcides de Mendonça Lima; Membro correspondente da Academia Petrolitana de Poesia Raul de Leoni; Membro titular da Academia Interamericana de Literatura e Jurisprudência, patrono Hermes Martins Fontes; Membro emérito da Academia de Ciência e Letras de Conselheiro Lafayette; titular da Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras de Anápolis – GO. Sentiu-se realizado ao ser admitido em 1993 como sócio da Associação Brasileira de História e Genealogia.

Foram mais de trezentas crônicas publicadas na Imprensa de São João del-Rei. Muitas lidas na Rádio Emboabas, da qual foi da Diretoria quando de sua fundação. Deixou uma segunda edição da

Galeria das Personalidades notáveis preparada para publicação. Desde o ano de 1993 publicou uma biografia, ou um artigo em praticamente todas as edições da Tribuna Sanjoanense. A última, O Sineiro milagreiro em 03.09.2002.

Sebastião mantinha um arquivo em sua casa com livros de temas do seu interesse, jornais de época encadernados, livros manuscritos com os registros das fontes de suas pesquisas, arquivo com documentos, artigos e crônicas. No último livro manuscrito ELO, destacou com fotos a eterna namorada Léa, com quem completou Bodas de Ouro em 20.10.2001, os filhos pequenos, os amigos leais e os eventos importantes. Deixou pistas nos seus arquivos para pesquisa, bem como destacou as obras: São João del-Rei, século XVIII-História sumária (Geraldo Guimarães), A família Resende (Gilberto Lara Resende), As duas Vilas Del-Rei e a cidadania de Tiradentes (Eduardo Canabrava Barreiros), livros do Fábio Nelson Guimarães e do Antônio Gaio Sobrinho. Recebeu muitas homenagens nos últimos anos. E guardou poesias feitas para ele por Altivo Sette e Castanheira Filho, bem como cartas, bilhetes, cartões, desenhos, artigos, dos filhos e netos, incluindo fatos da vida de cada um. Como pai era divertido, brincalhão, participativo e atento. Exigente e severo quando necessário. Sebastião teve 6 filhos e conheceu dez netos: Carolina, Henrique, Mariana, Ananda, Bernardo, Guilherme, Eduardo, Sérgio Gabriel, Laura e Juliana e quatro bisnetos: Beatriz, Davi, Juan, Pedro e Rhuan. Faleceu em 19 de agosto de 2003.

Em uma de suas crônicas, *Os patronos da Academia de Letras*, terminou assim:

“A escolha será para sempre. Os patronos escolhidos alcançam a beatitude da imortalidade”.

Que assim seja!

Que assim se faça!

Cumpra-se!

## Anexo – Genealogia

Luiz Pedroso Cintra, de Lisboa, e Maria da Gama Reis (6<sup>a</sup> avós), tiveram duas filhas, Teresa Jacinta de Jesus e Quitéria Antonia da Fonseca Cintra, nascidas em Vila Rica. Teresa casou-se com João Ferreira da Silva Cintra (5<sup>o</sup> avós), de São Miguel de Rebordoa, em Penafiel, Portugal. Era filho de Manuel Antônio Dias e Ana Ferreira (6<sup>o</sup> avós). Em Vila Rica, um filho do casal, nascido em 22.06.1764, Major Manoel Ferreira da Silva Cintra, casa-se com Ana Isabel Brazida de Ulhõa (trisavós). Era filha de Dr. Duarte Lopes de Ulhõa, Juiz Ordinário de Órfãos e das Sesmarias, de São Salvador da Bahia e de Rosa Joaquina Figueiredo Feyo (4<sup>o</sup> avós), de Lisboa, filha do Dr. Jacyntho da Silva e Siqueira e de Maria Clara de Figueiredo Feyo, ambos portugueses.

Com este casamento a família Cintra ligou-se a família Ulhõa, ramo ligado a fidalgos da Casa Real, cavaleiros da Ordem de São Tiago, Condes e Barões. O primeiro Ulhõa de que se tem notícia, Don Fernan Sanches de Ulló, viveu pelos anos de 756 d.C. dono das terras do rio Ulla na Galícia que passou a ser Ulló (Olho), depois Ulloa e hoje Ulhõa (CINTRA, 1949).

Um outro ramo familiar que cruzou com o anterior iniciou-se com o Alferes Antônio José de Souza Machado (bisavô), português, filho de José Antônio de Souza (trisavô) e Teresa Maria de Jesus (trisavó), ambos de Portugal. Antônio José casou-se em 13.04.1837 com Policena Tertuliana de Oliveira (bisavó), de filiação desconhecida. Ela foi a primeira professora pública da Comarca de São João del-Rei, dentre as três primeiras mestras mineiras a submeter-se com aprovação a concurso público para o magistério segundo a lei sancionada por D. Pedro I em 1827. Tomou posse em 04 de abril de 1829. Foi ainda, sócia honorária da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, eleita junto com a Professora Henriqueta Júlia de Andrade Braga, em 1831. Policena aposentou-se em 1854, mantendo seu Colégio particular para meninas chamado Nossa Senhora das Dores. Funcionava no Largo das Mercês, no antigo edifício do Paço Municipal que abrigou o Senado da Câmara. Foi arrematado em hasta pública pelo Padre Joaquim Inácio Viana que o cedeu ao seu cunhado Professor João Batista Maciel para instalar o Colégio Maciel, por volta de 1883. Em 1912 foi inaugurado no local o Hospital do Rosário, demolido a partir de 16.02.1937 para a construção do Hospital de Nossa Senhora das Mercês, inaugurado em 05.11.1950.

Policena faleceu em 01.08.1871 e seu esposo em 02.09.1864. Tiveram dois filhos, Maria Tertuliana de Oliveira Machado e Francisco

José de Souza Machado (avô). Francisco nasceu em 30.10.1842 e casou em 10.07.1860 em Passos, onde lecionava, com Felicíssima Augusta de Ulhôa Cintra (avó), nascida por volta de 1843, em Franca (SP), filha natural de Ana Constância de Jesus (bisavó), neta do Tenente Coronel Joaquim da Rocha Neiva (trisavô) e filha do Cônego Francisco de Assis Pinheiro de Ulhôa Cintra (bisavô) que foi quem celebrou o casamento de Francisco e Felicíssima. O Cônego Francisco, nasceu em 27.09.1817, era filho de Jacintha Umbelina de Ulhoa Cintra, batizada em 08.10.1786 (uma das filhas do Major Manoel Ferreira da Silva Cintra e Ana Isabel Brazida de Ulhôa) e do Tenente José Pinheiro de Faria Cintra, nascido em 13.04.1773. Francisco e Felicíssima tiveram dois filhos: José Augusto de Ulhôa Cintra e Francisco Augusto de Ulhôa Cintra, pai de Sebastião. Felicíssima teve ainda uma filha natural com Francisco Augusto da Cunha, Alzira Augusta da Cunha, a terceira esposa de Pedro Custódio Guimarães. Francisco faleceu em 24.04.1872 e Felicíssima em 06.12.1891.

O lado materno de Sebastião teve origem na Ilha do Faiol, arquipélago dos Açores, Portugal. Maria Nunes, na época viúva de Manuel Gonçalves Correia (8º avós) veio para Minas Gerais por volta de 1723 junto com as três filhas, Antônia da Graça, Júlia Maria da Caridade e Helena Maria de Jesus (as três Ilhôas). Antônia da Graça já era casada com Manuel Gonçalves Fonseca (7º avós) e tinha duas filhas, Maria Teresa e Catarina de São José.

Ao descrever a família Oliveira a seguir, desvela-se um emaranhado de parentesco entre famílias extensas com muitos filhos, grande descendência, uma imensa e frondosa árvore genealógica, impossível de retratar graficamente neste espaço. Os primórdios da família Oliveira datam de 1736, com o casamento de Catarina de São José, nascida por volta de 1721, então com 15 anos, com Caetano de Carvalho Duarte (6º avós), batizado em São Miguel de Silvares, Braga, em 24.12.1702. Caetano era filho de João de Carvalho e de Domingas Duarte (7º avós). João era filho de Gonçalo Simões e Domingas Gaspar (8º Avós). Domingas era filha de Inácio Manuel e Maria João (8º avós). Caetano e Catarina viveram em sua Fazenda Cajurú. Ele faleceu em 23.12.1784 e ela em 30.07.1787, sendo sepultados na Capela de São Francisco de Assis, em São João del-Rei.

Um dos filhos de Catarina e Caetano, José de Carvalho Duarte, casou-se em 26.06.1784 com Mariana Antônia de Jesus (5º avós) filha de Miguel Antônio de Souza e Escolástica Maria Lopes (6º avós). José faleceu em 20.04.1814 em sua fazenda Engenho dos Carvalhos do Cajuru. Uma filha de José e Mariana, Laureana Umbelina de São José, batizada em

05.08.1789, casou-se com o Alferes Antônio Moreira da Silva Rabelo (4º avós), Juiz Almotacel e Sargento da Ordenança do Distrito de São Miguel do Cajuru e de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. O Alferes Antônio faleceu em 16.11.1846 e Laureana em 20.08.1871. A filha do casal, Joana Cândida da Silva, conhecida como Mãe Joana, parteira em São Gonçalo do Brumado (Caburu), casou-se com o Alferes José Pedro de Moraes (trisavós), Juiz de Paz no Cajuru. Ele faleceu em 1861 e ela em 24.07.1902. Uma das filhas do casal, Maria Guilhermina de Oliveira casou-se com Romualdo Honório de Oliveira (bisavós) nascido em São Miguel do Cajuru em 07.02.1835, filho do segundo casamento de Francisco Antônio de Oliveira com Francisca Antônia de Jesus (trisavós). Romualdo foi Escrivão, Juiz de Paz do Cajuru e de São Gonçalo do Brumado (Caburu), negociante e fazendeiro. Faleceu em 11.04.1903. Um dos filhos do casal, Francisco Honório Moreira (avô), nasceu em torno de 1860 em São Miguel do Cajuru (Arcângelo), sendo Juiz de Paz pelo Distrito de São Gonçalo do Brumado por volta de 1892. Casou-se a primeira vez em 15.09.1880 com Cândida Maria de Jesus (avó) irmã da segunda esposa de seu pai, Maria Custódia Alves.

Cândida era filha do Alferes Tenente José Cândido Alves e Maria Joaquina de Jesus (bisavós), faleceu na Fazenda do Brumado em 02.11.1893. Sua mãe era filha do segundo casamento de José Francisco Lima com Ana Ribeiro de Jesus (trisavós). Seu pai foi Juiz de Paz e Subdelegado da Freguesia e Distrito de São Gonçalo do Brumado, além de Coletor Geral da Província, falecendo em 02.01.1866. Era filho de João Damasceno Alves e Teresa Maria de Jesus (trisavós). Os pais de João eram o Tenente José Alves e Benta Narcisa de Santana (4º avós). Os pais de Teresa, falecida em 03.11.1783, eram Jerônimo José Martins e Domingas Maria Duarte (4º avós). Casaram-se em 04.10.1779 em São Miguel do Cajuru. Jerônimo, era natural da Freguesia de São Torquato, Termo da Vila de Guimarães, Arcebispado de Braga, filho do primeiro casamento de Francisco Martins Guimarães (Juiz Almotacel) e Domingas de Oliveira (6º avós), faleceu em 16.03.1804 em sua Fazenda do Pega-Bem (Caburu). Domingas Maria Duarte era filha de Caetano de Carvalho Duarte e Catarina de São José (6º avós) que era irmã de José de Carvalho Duarte casado com Mariana Antônia de Jesus (5º avós). Como se observa tanto o avô de Sebastião, Francisco Honório Moreira, quanto a avó Cândida Maria de Jesus, descendem de filhos de Catarina de São José e Caetano de Carvalho Duarte, respectivamente, os irmãos José de Carvalho Duarte e Domingas Maria Duarte, falecida em 14.07.1836.



Uma das filhas de Francisco Honório Moreira e Cândida Maria de Jesus (avós), Joana Cândida de Oliveira (mãe), nascida em 24.05.1885, casou-se em 21.02.1914 com o viúvo Francisco Augusto de Ulhôa Cintra (pai), nascido em 22.02.1867. Tiveram quatro filhos: Ruth, Paulo, Francisco (falecidos no primeiro ano de vida) e Sebastião que nasceu no dia 15.10.1918 na casa de seu pai na Rua General Osório, 61.

O pai de Sebastião, Francisco Augusto, foi proprietário com os Cardoso do *Petit Hotel e Restaurant* nas Águas Santas, inaugurado em 02.03.1912. Possuía charretes para locomoção e passeios pela cidade. Foi funcionário da Estrada de Ferro Oeste de Minas, pioneiro no cinema ambulante e trouxe um dos primeiros gramofones. Foi Inspetor Policial de diversas ruas em São João del-Rei. Ingressou na Arquiconfraria das Mercês em 10.12.1890. Casou-se em primeiras núpcias em 24.05.1890 com Idalina da Costa Souto, filha de Marciano da Costa Souto e Maria Ubaldina da Costa. Idalina faleceu em 05.08.1912, deixando dez filhos: Maria Augusta, Mercedes Augusta, Etelvina, Silvino Augusto, Felicíssima Augusta, Ebbe Augusta, Francisco Augusto, Glória Augusta, Leonor e João Batista. Três filhos morreram crianças.

## Referências

CINTRA, Ana Maria de Oliveira. Revista da Academia de Letras de São João del-Rei. Ano V, N.º. 5, 2011. p. 209-220.

CINTRA, Monsenhor Antônio Paes. Genealogia dos Cintras. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, Rodrigues & Cia, 1949.

CINTRA, Raphael Pinheiro de Ulhôa. Genealogia dos Ulhôa Cintra. São Paulo, 1946.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João del-Rei. 2ª edição, Vol I e II, Imprensa Oficial, 1982.

LEAL, Augusto Soares D´Azevedo Barbosa de Pinho. Portugal Antigo e Moderno. Volume segundo. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1874

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO JOÃO DEL-REI. Atas das reuniões. Volumes I, II, III, IV, V, VI e VII, 1970-2005.

## FÁBIO NELSON GUIMARÃES

Agostinho Guimarães  
Titular da Cadeira 32  
(in memoriam)

Eu sou um confrade que tenho o propósito de defender o patrono (da Cadeira Perpétua 32), com que convivi na nossa adolescência. Nos anos entre 1945 e 1948 fomos contemporâneos desde o Curso de Admissão ao Ginásial de Dona Carmita, até a 3ª série do Ginásio Santo Antônio, pois na época tive que deixar os estudos por ter sido convocado para assumir o Exército.

Na época eu pertencia à Turma C e o Fábio à Turma A ou B. A gente esperava o início das aulas, os alunos externos, na Praça São Francisco debaixo das palmeiras, até o apito do Frei. A gente conversava sobre todos os assuntos das aulas e outros. No cargo ficava ali um sorveteiro e existia também uma casa que vendia pipoca ou amendoim, que se não me engano funcionava onde é a casa da Bárbara Eliodora.

No nosso tempo para os externos havia, sob direção do Frei Eraldo, a Congregação e a Cruzada. Os mais velhos participavam da Congregação e os mais novos, no caso do Fábio, a Cruzada. Aos domingos, após a missa na capela, havia um café reforçado e em seguida futebol no campo do Esparta.

Quando eu saí para a reserva do Exército, vim morar em São João del-Rei. Mais ou menos 1984. Passava na porta da Prefeitura, no domingo onde se reuniam os sócios do Instituto, encontrei o Fábio e ele me disse: “Agostinho, vamos à reunião do Instituto” e me colocou como sócio. Eu disse a ele: “Mas como, Fábio, eu passei 35 anos fora de São João”. Ele respondeu: “Não tem importância!”

E aqui estou até hoje, onde convivi com grandes amigos que até já se foram, como Geraldo Guimarães, Sebastião Cintra e outros. Agora convivo com Gaio, Lucinha Guimarães, José Alberto que entraram comigo no mesmo ano e todos os demais recém-chegados que comigo formam o Instituto.

## Vida e obra

Nasceu às margens do Córrego do Lenheiro, em São João del-Rei, em 23 de outubro de 1932, filho de Angelina Bolognani Guimarães e do farmacêutico Onésimo Guimarães. Casou-se com Betânia Maria em 10 de julho de 1965, na Matriz de D. Bosco, cerimônia oficializada pelo Pe. Luiz Zver. Pai de Flávia, Afrânio Augusto, Andréa e Márcia Guimarães. Chegou a pertencer à Escola da Aeronáutica, no Rio de Janeiro, seguindo seu ideal de ser piloto da Força Aérea. cursou Farmácia na UFJF, onde marcou presença na cultura acadêmica; foi o responsável técnico do Laboratório da Cera Dr. Lustosa e o primeiro responsável técnico da Farmácia Americana, ainda no seu primeiro endereço, à rua Bernardo Guimarães, Matosinhos; foi o orador na formatura de sua turma, em 1957. Em 1962 bacharelou-se em Filosofia, pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João del-Rei, e em 1980 bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Barbacena. Foi professor concursado e nomeado das cadeiras de Ciências (1965) e História (1966) da Escola Estadual Cônego Osvaldo Lustosa. A partir de 1961, lecionou Ciências Físicas e Biológicas, Química, História Geral, História do Brasil e História Econômica e Administrativa do Brasil, no Colégio Tiradentes. Dirigiu e ministrou aulas no primeiro Curso de Turismo em São João del-Rei, promovido pelo SENAC, em 1962. Nesse curso teve por aluna aquela que viria tornar-se sua esposa e mãe de seus filhos. Segundo ela, *“suas aulas eram elaboradas em pequenos papéis de maço de cigarros (que ele fumava), pois o material intelectual e didático ele trazia consigo na cabeça...”* Por motivos de saúde, abandonou a docência em 1972.

Fundou o Museu Histórico Municipal (Museu Tomé Portes del-Rei), em 17/7/1959, atualmente instalado na casa de Bárbara Eliodora; lançou o mensário Conquistas, órgão oficial do DASTA – Diretório Acadêmico Santo Tomás de Aquino, da FDB, em 1960; fundou ainda o Centro de Estudos Históricos Basílio de Magalhães – CEHBAM, em 1962; fundou o Clube de Escoteiro Guarani, em 1968, quando era presidente do Lions Clube de São João del-Rei.

Foi sócio fundador efetivo e primeiro presidente do IHG; foi sócio fundador efetivo da Academia de Letras de São João del-Rei; sócio efetivo da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais (nº.11), da Academia Brasileira de História, do Instituto Genealógico Brasileiro (nº.764), do IHG do Guarujá Bertioga e da Academia Bandeirante de Altos Estudos; sócio correspondente dos IHGs de Minas Gerais, São Paulo, Juiz de Fora e Uruguaiana; foi ainda membro da Academia Internacional de Heráldica e Genealogia, do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e do Ateneu Angrense de Letras e Artes; era cavaleiro-comendador da Ordem dos Templários (armado, sagrado e investido em 7/12/1969) e da Ordem dos Bandeirantes. Foi sócio fundador do Lions Clube de São João del-Rei e seu quarto presidente, no ano leonístico 67/68. Foi sócio fundador da Sociedade dos Amigos de São João del-Rei (23/6/1960) e seu primeiro presidente provisório.

Fábio Nelson Guimarães acumulou os cargos de secretário e chefe de gabinete do prefeito Nelson José Lombardi (1963-1966), ocupando o cargo de prefeito interino de São João del-Rei (de 12/09/1966 a 24/9/1966). Sobre este episódio eu destaco aqui um recorte, extraído da publicação do Blog de São João del-Rei, em 8 de maio de 2019, cujo texto refere-se ao brilhante e oportuno discurso do nosso estimado confrade Francisco José dos Santos Braga, secretário institucional do nosso IHG e que tem contribuído de forma significativa para o resgate da memória do nosso saudoso confrade Fábio Nelson Guimarães. Descreve Francisco Braga em seu discurso, na ocasião da cerimônia de Entronização do Retrato do prefeito Fábio Nelson Guimarães: “... Recentemente, pedi que fosse registrada em ata do IHG-SJDR minha fala sobre o professor Fábio Nelson Guimarães, cuja memória está sendo resgatada em todas as nossas reuniões ordinárias deste ano de 2019. Na minha referida fala mencionei pelo menos os seguintes fatos relevantes para o IHG: Fábio representou brilhantemente a nossa cidade em todas as instituições culturais de que participou como sócio. Também mencionei o seguinte episódio esquecido dos historiadores de São João del-Rei: é que Fábio Nelson Guimarães foi prefeito desta cidade por 13 dias (12 a 24/9/1966), quando o prefeito Nelson José

Lombardi se desincompatibilizou do cargo para concorrer à Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Na ordem de preferência para ocupar o cargo vago, estava, primeiro, o vice-prefeito Dr. Cid de Souza Rangel, que abdicou do direito de ocupá-lo e, em segundo lugar, o presidente da Câmara dos Vereadores, Dr. Altamiro Braga, que também desistiu de assumi-lo. Minha interpretação é que já era conhecido, talvez até nomeado, o interventor para substituir o ex-prefeito até completar o final do mandato em 31/1/1967. Provavelmente os dois políticos são-joanenses tenham considerado a posse como prefeito em caráter de interinidade, até a chegada do interventor, um grande desgaste que poderia afetar sua futura carreira política.

Para a Prefeitura não ficar acéfala, o secretário e chefe de gabinete do ex-prefeito, Fábio Nelson Guimarães, conhecedor de toda a burocracia da Prefeitura, tomou posse, permanecendo no cargo de prefeito interino por 13 dias, até que o General Antônio Carlos Mourão Raton “nomeado pelo Exmo. Presidente da República interventor federal deste Município” tomasse posse para a conclusão do mandato de ex-prefeito Nelson José Lombardi até a posse do novo prefeito eleito, Milton Resende Viegas, em 31/1/1967. De fato, nem Fábio Nelson Guimarães, nem o General Antônio Carlos Mourão Raton tiveram seus mandados referendados pelas urnas. O que não se pode concordar, a bem da justiça, e que apenas o retrato do General Mourão Raton apareça na Galeria de ex-Prefeito de São João del-Rei neste Salão Nobre ‘Basílio de Magalhães’. O nome de Fábio Nelson Guimarães como prefeito interino consta do Registro de Termos de Posse dos Prefeitos de São João del-Rei de 1930 a 1992, razão por que este são-joanense tem reivindicado junto à Câmara de Vereadores que o retrato de Fábio também conste da Galeria de ex-Prefeitos de São João del-Rei entre os dos prefeitos Nelson José Lombardi e General Mourão Raton, no Salão Nobre Basílio de Magalhães.

Este são-joanense justificou o seu pedido pela elevada responsabilidade funcional de Fábio diante da ameaça de uma situação de anomia ou até mesmo de quebra da autoridade municipal, podendo desaguar na anarquia ou desorganização social, na época

dos fatos aqui narrados. Fábio não hesitou e aceitou corajosamente assumir total responsabilidade diante da situação atípica aqui relatada.”

Ainda valendo-me das preciosas anotações e observações de nosso brilhante confrade Francisco Braga destaco aqui outros trecho de seus apontamentos:

“Em junho de 1962 Fábio tornou-se presidente do CAC – Centro Artístico e Cultural. Ainda em junho, logo no início de sua gestão como presidente do CAC, Fábio convidou e foi aceito o convite para Paulo Krüger Gorrêa Mourão (irmão do General Olímpio Mourão Filho, ex-comandante do Regimento Tiradentes) vir a São João pronunciar duas conferências intituladas *O Barroco e as Igrejas de São João del-Rei* e *Um Estudo sobre São João del-Rei antiga*.

Em 18/9/1962 Fábio foi eleito sócio correspondente por unanimidade pelos membros do IHG-MG. O que tinha garantido o seu ingresso foi a publicação do livro *Fundação Histórica de São João del-Rei*, um ano antes”.

Mas o mais importante ainda estava por vir: o seu casamento com Betânia Maria Monteiro Guimarães em 10/7/1965, na Matriz de Dom Bosco, em cerimônia oficiada por Pe. Luiz Zver. Esse passo importante em sua vida lhe trouxe a estabilidade e a despreocupação necessárias à realização de seus grandes ideais, tendo, a partir dali, em Betânia sua grande colaboradora e companheira de vida. Desse enlace nasceram Flávia, Afrânio Augusto, Andréa e Márcia.

Em 1968 Fábio foi graciosamente o primeiro diretor do Ginásio Dr. Kleber Vasques Filgueiras, da CNEG – Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos.

No final da década, revelou-se um indispensável idealizador das duas entidades que se seguiram ao fechamento do CAC em 1969: o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei (1/3/1970), do qual foi tanto sócio fundador quanto primeiro presidente, bem como a Academia de Letras de São João del-Rei, criada em 8/12/1970.

Fábio Nelson Guimarães faleceu em 1º de julho de 1996 em São João del-Rei deixando um grande legado por todas as instituições em que passou e para a história e memória de nossa cidade.

## Anexos

Comentários de leitores do Blog de São João del-Rei sobre a publicação de Francisco Braga a respeito da entronização do retrato do Prefeito Fábio Nelson Guimarães no Salão Nobre do Paço Municipal de São João del-Rei:

“Poucos sabem que existiu em São João del-Rei uma Sociedade dos Amigos de São João del-Rei que reconheceu a importância do turismo como fator de desenvolvimento da região e lançou a ideia de o turismo em nossa terra ter um departamento na administração municipal, dirigido por alguém afeito à área do turismo.

Fábio Nelson Guimarães, ainda um estudante da antiga Faculdade Dom Bosco (Hoje Campus da UFSJ) e diretor do DASTA - Diretório Acadêmico São Tomás de Aquino, foi o são-joanense predestinado a fundar tal Sociedade e lançar as bases para atingir o objetivo de ter no turismo o fator dinamizador de nossa economia”.

Coube ao prefeito Nelson José Lombardi, um dos sócios fundadores da entidade, colocar em prática o preconizado pela Sociedade, convidando Djalma Tarcísio de Assis para dirigir o tal “departamento” de turismo na Prefeitura, onde este se houve com desenvoltura e com enormes sacrifícios pessoais e familiares para levar a bom termo a missão que recebera”.

Francisco José dos Santos Braga (escritor, pianista e compositor, gerente do Blog de São João del-Rei e do Blog do Braga).

“Há os visionários e os empreendedores. Certamente Fábio Nelson Guimarães conseguiu reunir estas duas qualidades”.

Fernando Teixeira – professor universitário, escritor e Secretário Geral da Academia Divinopolitana de Letras.

Li, muito emocionada e interessada em conhecer essa participação do Fábio na criação da Sociedade dos Amigos de São João del-Rei e suas metas. Naquela época eu estudava interna no Colégio Nossa Senhora das Dores na sétima série ginásial. Somente fui conhecer o Fábio quando ele foi um dos meus professores no primeiro curso de Turismo promovido pelo SENAC, com início no segundo semestre de 1962. Lembro-me de suas aulas e como ele se interessava pela história e pelas questões relacionadas à nossa cidade.

Se você não localizasse esse livro de atas, continuaríamos sem conhecer como foi criada a Secretaria Municipal de Turismo e mesmo a

Sociedade de Amigos de São João del-Rei com seus participantes. Muito obrigada por sua pesquisa e por publicar essa parte da nossa história”.

Betânia Maria Monteiro Guimarães – professora universitária, pesquisadora, escritora, membro do Instituto Histórico e da Academia de São João del-Rei.

“Fui seu aluno e com ele tive inúmeros diálogos numa pluralidade admirável de temas. Lembro-me do Professor Fábio falar sobre sua genealogia, raízes lá da península ibérica onde ainda existiria o Castelo dos Guimarães.

Historiador ativo, vejo-o, com os olhos da memória, num dia solene na Catedral do Pilar, fazendo discurso lá do Presbitério. Sendo eu, à época, líder estudantil, fui falar com o Prefeito Nelson Lombardi e Fábio foi o intermediário.

Fábio marcou a minha vida profundamente. Seu aluno, no Colégio Tiradentes, eu e os demais alunos víamos nele um líder: jovem, educado, culto, brilhante, vencedor! Hoje, bem o sabemos, a juventude está carente de modelos; daí, a projeção deprimente dos líderes que se destacam por sua pequenez cultural, moral, espiritual! Que pena! Agradeço-lhe, caríssimo amigo e brilhante escritor Francisco Braga, o presente de mais um tesouro literário e seu bom combate no resgate da memória de Fábio Nelson Guimarães”.

Prof. José Lourenço Parreira – capitão do Exército, professor de música, violinista, maestro, historiador e escritor, além de redator do “Evangelho Quotidiano”.

“Participei há pouco de uma solenidade no Salão Nobre da Prefeitura, que agora conta com o quadro do Senhor Fábio Nelson Guimarães na galeria dos prefeitos de nossa querida São João del-Rei. Oportunidade honrosa de fazer jus a esta pessoa que teve seu nome marcado na história de nosso município no ano de 1966.

Vereador Jorge Hannas.

“O homenageado foi meu professor no Colégio Tiradentes. Tenho boas lembranças dele. Muito culto! Fico agradecido pela justiça feita”.

Pedro Paulo Torga da Silva – participante e incentivador do Movimento dos Folclores no Brasil.



## **Produção bibliográfica de Fábio Nelson Guimarães**

- 1961 - Fundação Histórica de São João del-Rei.  
1963 – O Município de São João del-Rei aos 250 anos de sua criação.  
1963 – Hino dos 250 anos da Vila de São João del-Rei.  
1966 – Antônio Garcia da Cunha, o fundador de São João del-Rei.  
1968 – Roteiro turístico de São João del-Rei para a IV Convenção do Distrito L-11.  
1968 – Informações turísticas sobre a cidade de Tiradentes.  
1969 – Pe. José Maria Xavier.  
1972,1973, 1975 – O Tiradentes, Patrono Cívico do Brasil.  
1972 – História do Cristo Redentor de São João del-Rei.  
1974 – A vida de Basílio de Magalhães – no jornal Ponte da Cadeia de junho a agosto de 1974.  
1974 – Bandeirismo Paulista.  
1975 – Cinquentenário da Escola Estadual D. Maria Teresa.  
1980 - Ação pacificadora de Caxias em Minas Gerais – Boletim Especial nº 06/80 do 11º BI, Batalhão Tiradentes, p.1-17.  
1989 – Imigração de colonos italianos em São João del-Rei.  
1994 – Ruas de São João del-Rei.

## PROFESSOR TIAGO ADÃO LARA

Cida Campos<sup>15</sup>  
*cidacamposf6@gmail.com*

Professor Tiago Adão Lara, a lembrança que fica meu querido e inesquecível professor de Filosofia e Teologia. Eu não poderia deixar de prestar-lhe esta justa e merecida homenagem.

Tiago foi um grande pensador, refletia de forma muito especial sobre a presença de Deus. Ele era fonte da criatividade da força intelectual. No campo da filosofia e teologia legou-nos textos de grande importância. Tiago lia muito. Era o seu alicerce de conhecimento, de largos horizontes, de abertura para o mundo e para os outros. Manteve-se jovem, de personalidade arejada, de espírito saudável. Tiago muito trabalhou e, por isso progrediu e se realizou.

Era um grande adorador. Seu ofício de filósofo o conduziu às reflexões sobre Deus, intrinsecamente comprometidas com a existência humana. Foi para ele a grande estrada.

Tiago acreditou na amizade e na força fraternal que nos ajuda a seguir avante. Ajudou os amigos e alegrava-se com eles. Enquanto não encontramos o porto seguro de um amigo verdadeiro, nosso barco singra triste, desarvorado, perdido no oceano da vida...

O amor é um dos grandes sacramentos da vida. Tiago sempre esparziu amor. Sempre sorriu e cantou a Vida. A canção amacia as cargas da angústia e perfuma a paisagem da terra.

Tiago achava tempo para sonhar dentro do seu ardor filosófico, pois é o caminho mais poético e ensolarado para deixar a planície e atingir as estrelas. Todas as suas inúmeras tarefas eram planejadas. Assim economizava energias, rendendo mais no trabalho. É o segredo para fugir da estafa e preservar o coração, sempre tão judiado, tão exigido e jogado aos percalços do cotidiano.

Descer ao fundo de si mesmo sem medo da Verdade implica coragem. Harmonizar o cérebro e o coração nos caminhos da Vida é

---

<sup>15</sup> Professora licenciada em Letras pela faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (hoje UFSJ).

uma arte que exige longo aprendizado, sendo necessários tenacidade, paciência, esforço e muito amor. Tiago Lara, na orquestra de sua existência, cérebro e coração tocaram uma partitura delicada, sempre com muita prudência e perfeita afinação.

Assim viveu nosso querido amigo Tiago Lara. Que São Miguel, que é o Anjo receptivo, já o tenha recebido e apresentado ao nosso amado Pai.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Tiago Adão Lara nasceu em São Tiago no dia 24 de maio de 1930 e faleceu em Juiz de Fora no dia 26 de setembro de 2019.

## O ESQUECIMENTO DE BASÍLIO DE MAGALHÃES E AS TENTATIVAS DE REMEMORÁ-LO

Oyama de Alencar Ramalho  
Sócio honorário  
*ramalhoyama@gmail.com*

Convidado para fazer esta palestra pelo Presidente desta casa, escolhi o tema: o esquecimento de Basílio de Magalhães e algumas tentativas de rememorá-lo.

Em 1930, Basílio de Magalhães exilou-se para o Rio de Janeiro e aqui nunca mais voltou. Temos notícia de que, em 1952, o Governador Juscelino Kubitschek, sabedor do estado de penúria em que vivia o historiador, encaminhou uma mensagem à Assembléia Legislativa, propondo uma pensão mensal de cinco mil cruzeiros ao escritor (o que equivale, hoje, a mais ou menos 400 reais), a troco de anotar e comentar as Efemérides Mineiras, de Pedro Xavier da Veiga. Como Basílio não mais tinha força física para tal tarefa, não aceitou. Faleceu em 14 de dezembro de 1957, em Lambari, esquecido e pobre, a ponto de ter que vender sua biblioteca para sobreviver.

O saudoso pesquisador são-joanense Sebastião de Oliveira Cintra (1918-2003), na sua Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei (1994, p. 61), ao biografar Batista Caetano de Almeida, fundador da Biblioteca Municipal, assim redigiu um dos parágrafos:

Seu nome (o de Batista Caetano de Almeida) foi dado a uma das ruas do Bairro do Segredo, conforme Lei Municipal nº 190, de 08/08/1951, registrada no Livro 15. Por total desconhecimento dos méritos do homenageado, um gaiato mudou o nome da referida rua para Basílio de Magalhães, sem que a administração Municipal e a Câmara Municipal, usurpadas nas suas atribuições, tomassem qualquer medida para sanar a inconcebível injustiça

O autor da mencionada façanha foi o jornalista Adenor Simões Coelho Filho, que certamente não ignorava nem desprezava

os méritos do grande benfeitor e mecenas Batista Caetano de Almeida, e trocou as placas existentes na rua. Não por gaiatice inconsequente, mas por indignação, quis o jornalista, com aquele ato, trazer à baila o esquecido e também injustiçado nome de Basílio de Magalhães, não logrando, porém, o objetivo esperado, pois que os poderes municipais preferiram fazer vista grossa a contestar o ato ou aceitar e discutir a provocação. Optaram pela manutenção do silêncio em torno do nome de Basílio de Magalhães, imposto pelo sistema, a partir de 1930. Trocada a placa da rua, o novo nome foi incorporado aos catálogos telefônicos, aos cadastros da companhia de força e luz, do correio e aos costumes dos moradores, mas não houve discussão alguma sobre o assunto. Se Basílio de Magalhães estava esquecido, esquecido deveria permanecer, é a regra do establishment.

Outra tentativa de rememorar o olvidado Basílio foi a de denominar com o seu nome o salão de solenidades da Prefeitura Municipal de São João del-Rei, no governo de Lourival Gonçalves de Andrade; entretanto, ninguém se refere àquele nobre espaço com a devida denominação.

Em 1974, Fábio Nelson Guimarães, fundador e ex-presidente deste IHG, publicou no jornal Ponte da Cadeia, do número 326 ao 332, — cujo proprietário era o mesmo jornalista Adenor Simões Coelho Filho —, A Vida de Basílio de Magalhães, enaltecendo os feitos intelectuais e administrativos do polígrafo. Essa iniciativa ocorreu em função de obrigações estatutárias da Academia de Letras de São João del-Rei, da qual o autor da extensa matéria era também sócio fundador e tinha que dissertar sobre o patrono de sua cadeira. Apesar de o autor ter tocado em alguns pontos polêmicos da época em que Basílio militara na política partidária, a questão do esquecimento permaneceu envolta nos seus mistérios. O fecho do trabalho, em vez de coincidir com a cronologia da vida do biografado, retornou ao longínquo 1916 quando Sebastião Sette,<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Sebastião Sette ganhou nome de rua no centro de cidade, mais conhecida hoje pelo apelido de Calçadão, o que também não deixa de ser um modo de esquecer o nome do titular.

outro ilustre esquecido, teceu caloroso elogio a Basílio, ao editar a tradução do Cerco de Corinto.

Em 1974, o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei comemorou o centenário do nascimento de Basílio de Magalhães (o Basílio de Cangalheiro). O historiador mineiro Waldemar de Almeida Barbosa escreveu brevíssima matéria para o *Ponte da Cadeia* sobre o homenageado, mas o início do texto passa ao leitor uma idéia que não corresponde à realidade:

Por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, está sendo comemorado ali o centenário do nascimento de Basílio de Magalhães (*Ponte da Cadeia* n° 402, de 23/04/1977).

Na verdade, não houve uma comemoração que se tenha prolongado ao longo do ano; o único e singelo evento ocorrido no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico foi uma reunião ordinária, ocorrida em 2 de junho de 1974 na qual discursou o dr. Altivo Lemos de Sette Câmara; além de se ter editado a resolução n° 9, que guindava Basílio de Magalhães a patrono deste IHG, honraria que também entrou em regime de esquecimento.<sup>18</sup> Estiveram presentes na reunião do IHG, de 2 de junho de 1974, 33 pessoas, entre sócios e convidados. A reunião extraordinária, de 17 de abril de 1976, destinada a comemorar o nascimento do Dr. Odilon Barrot Martins de Andrade, na qual discursou o Dr. Tancredo de Almeida Neves, contou com a presença de 81 pessoas. O placar das presenças é sintomático.

A nota da redação do *Ponte da Cadeia* é constituída de sutis insinuações, que passam por filigranas nos contextos atuais, mas que têm que ver com o esquecimento de Basílio de Magalhães, se o leitor

---

<sup>18</sup> Alguns membros atuais do IHG que conseguiram a sede própria para a instituição (1999), colocaram várias placas comemorativas e não sabiam que Basílio de Magalhães era patrono do Instituto, de acordo com a Resolução 9, de 1977. Por algum tempo, um retrato de Basílio, feito a lápis e dependurado numa das salas do IHG, tinha uma legenda, indicando (equivocadamente?) que se tratava de Lincoln Teixeira de Souza.

estiver atento aos detalhes e se estiver informado do contexto dos anos 1920:

Este artigo foi enviado de B.H. ao PONTE DA CADEIA pelo eminente professor Antônio de Lara Resende, o qual nos prometera também uma crônica de sua autoria a respeito de Basílio de Magalhães.

Comentando o artigo, pergunta o professor: “*Para que escrever ainda sobre o ilustre sanjoanense, depois de se ter visto o artigo de Waldemar Barbosa?*” (Ponte da Cadeia, nº 402, de 23/04/1977).

Desfazendo as sutilezas, é pouco provável que o professor Antônio de Lara Resende prometera uma crônica sobre Basílio de Magalhães, tanto que ironizou no comentário. O artigo de Waldemar Barbosa contém cinco parágrafos sobre fatos conhecidíssimos e que estão longe de caracterizar a importância de Basílio de Magalhães. Dizer que não haveria mais nada a ser escrito depois de Waldemar Barbosa não foi um elogio ao autor do artigo nem uma posição de virtuosa modéstia. Foi ainda uma oportunidade para reforçar o esquecimento e diminuir o homenageado, como quem diz, sua vida cabe em apenas cinco acanhados parágrafos.<sup>19</sup>

Em 1983, Jehovah Motta proferiu uma palestra no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, publicada na revista nº III da mesma entidade, em 1985, com a omissão do primeiro parágrafo, que em seguida o transcrevemos porque temos o texto do original datilografado:

1 – Duas ordens de ideias inspiraram-me na decisão de proferir esta palestra sobre Basílio de Magalhães. A primeira delas me conduziu à convicção de que já é tempo

---

<sup>19</sup> Antônio Lara Resende, fundador do Instituto Padre Machado, foi proprietário do jornal *O São João D'El-Rey*, que se intitulava Orgam da União de Moços Catholicos de S. João d'El-Rey, Minas, cujo primeiro número apareceu em 7 de junho de 1925 e que se colocou em forte oposição a Basílio de Magalhães.

do nosso Instituto proclamar e exaltar a grandeza desse insigne historiador, e a segunda levou-me a indagar se as novas gerações sanjoanenses já se deram conta dos méritos do homem público que governou S. João d'El Rei de 1923 a 1927, e que foi representante do povo mineiro na Câmara Federal nas legislaturas de 1924 a 1926 e de 1927 a 1928.

O que se seguiu, como conseqüência, demonstrou que, em 1985, ainda não era tempo de o IHG proclamar e exaltar a grandeza desse insigne historiador, nem as novas gerações são-joanenses se deram conta dos méritos daquele ilustre homem público. Aliás, é sintoma de algum patulhamento que a conferência tenha sido publicada com a exclusão desse transcrito parágrafo.

Publicada em 18 de fevereiro de 1923, a Resolução nº 462 autorizava o agente executivo a modificar o atual contrato do Teatro Municipal, afim de que o prédio fosse reformado mediante nova planta. Em 12 de maio de 1923, publicou-se o edital para a reforma do Teatro Municipal, orçada em 79:460\$900. Em 1925, quando se inauguraria a obra, foi editada a Lei Nº 434:

O povo do municipio de S. João del-Rey, por seus representantes, decretou, e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º — Fica o agente executivo autorizado a mandar fundir uma placa de bronze, afim de ser a mesma collocada no Theatro Municipal, para inauguração desse próprio edilício.

Assinava a lei Custódio Batista de Castro, agente municipal, em exercício; e, provavelmente na placa, deveria estar o nome de Basílio de Magalhães como responsável pela iniciativa da obra. A referida peça ou não foi feita ou sumiu.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Na mais recente reforma do Teatro Municipal, concluída em 2003, empreendimento encabeçado pelo vereador Adenor Luís Simões Coelho, todas as placas comemorativas existentes no teatro foram concentradas num memorial, onde não consta a placa da inauguração, autorizada pela Lei nº



O professor Sebastião Cintra, em 1967, publicou as Efemérides de São João del-Rei, onde Basílio de Magalhães apareceu em doze oportunidades, com a neutralidade de forma (não de escolha) própria dos eventos que compõem aquele tipo de obra. Na edição de 1982, o número de eventos caiu para sete com algumas modificações. Em 1994, o historiador editou a já mencionada Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei, onde contempla a pessoa de Basílio de Magalhães. Foi uma importante manifestação positiva que trouxe de volta para nossos contextos contemporâneos o nome do grande polígrafo; porém, dada a característica emersoniana<sup>21</sup> da Galeria, parece-nos que todas as personalidades, sumariamente biografadas, fazem parte de uma mesma angelical confraria. As razões que levaram o autor a organizar a sua Galeria com essa característica devem ser respeitadas, mas as informações ali contidas mais aguçam o contraditório fato existente entre as boas razões para se lembrar de Basílio de Magalhães e as boas razões para mantê-lo no esquecimento, sem que essas últimas sejam abordadas.

Em 1999, a Fundação Octávio Neves desenvolvia o projeto de Sinalização Interpretativa do Centro Histórico de São João del-Rei, financiado pela Embratur. Um dos itens do projeto consistia na elaboração de selos, pequenas placas que seriam afixadas em alguns imóveis, que foram residências de pessoas dignas de ser lembradas. Primeiro, a lista de nomes foi organizada, e nela não estava Basílio de Magalhães. Segundo, após a sugestão de que se incluíssem o nome do polígrafo e o do Marechal Cyro do Espírito-Santo Cardoso, por incrível que pareça, não se tinha notícia de alguma rua onde teria morado Basílio de Magalhães. É interessante assinalar que os membros da equipe técnica, encarregados de fazer os levantamentos históricos, eram jovens, portanto, não coevos de Basílio, mas não se empenharam em descobrir com a mesma tenacidade que devotaram a

---

434, de 22/jan/1925. A reforma anterior ocorreu no governo de Milton Viegas.

<sup>21</sup> Referimo-nos a Ralph Waldo Emerson, filósofo norte-americano, 1803-1892.

descobrir outros nomes, tanto que não descobriram. Talvez agissem como efeito, produzido pelo esquecimento imposto pelo sistema.

Considerando algumas manifestações sumárias sobre o esquecido polígrafo o atento observador contemporâneo não poderia negligenciar o curioso e paradoxal fato: se Basílio de Magalhães foi tão proeminente figura, como dizem alguns, antes mesmo de exercitar-se na política partidária, por que é um nome esquecido pelos são-joanenses, a ponto de um admirador ter de usar expedientes provocativos, como o da mudança desautorizada de um nome de rua, para chamar a atenção da existência de um ilustre esquecido?<sup>22</sup>

É um fato social reconhecido a transferência de prestígio de uma pessoa para o lugar de seu nascimento (ou até mesmo a simples estada temporária), repassando, como consequência, nuances desse mesmo prestígio aos demais habitantes da comunidade. Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, depois de famoso, foi reverenciado pela sociedade de Três Corações a qual passou também a gozar do prestígio do maior futebolista de todos os tempos. Depois que Santiago Sabino de Carvalho integrou-se à Orquestra Sinfônica de Londres, (entrou até para a Galeria do Professor Cintra) a sociedade são-joanense orgulha-se do fato; a mesma sociedade que lhe negou ajuda, no início de sua difícil e bem sucedida carreira. Esse tipo de fenômeno justifica o esforço intelectual que se fez e que se faz para

---

<sup>22</sup> São do nosso conhecimento alguns pequenos trabalhos biográficos sobre Basílio de Magalhães, como os publicados in: SILVEIRA, Victor. *Minas Geraes*, 1925, Belo Horizonte: 1926; AVELAR, Antônio Ribeiro de. *Figuras da Casa de Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1 vol., 1960; VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969. p.216-217. (Somente na 3ª edição, a de 1969, saíram algumas linhas sobre Basílio de Magalhães, mesmo assim, com o nome de Basílico de Magalhães. Eufemisticamente, um genuíno lapso freudiano); A palestra de PIRES, Mário, intitulada “Centenário de Basílio de Magalhães”, proferida na sessão de 2 de setembro de 1974, na Academia Campinense de Letras, contém informações novas que nos parecem equivocadas, como por exemplo a de que Basílio de Magalhães graduou-se na Escola de Minas de Ouro Preto e em Ciências Jurídicas, na Faculdade de Direito de São Paulo. Pelas fontes de que dispomos, nem um nem outro fato aconteceram.

demonstrar que Joaquim José da Silva Xavier nasceu em São João del-Rei e não em São José del-Rei, como pretendeu Herculano Veloso (1955).<sup>23</sup>

Não fosse a importância histórica que o Alferes veio a ter, na República, passível de ser transferida à terra onde nasceu, e ninguém se importaria com a origem do Tiradentes. Feitos os devidos ajustes, o cidadão comum também passou a gozar do espírito de liberdade, menos “idealizado” pelos inconfidentes e mais “arquitetado” pelos republicanos (Vide CARVALHO, A Construção de Almas),

---

<sup>23</sup> Em 1919, Herculano Veloso, cidadão tiradentino, publicou o opúsculo *Ligeiras memórias da Vila de São José nos tempos coloniais* (reeditado em 1955 pela Imprensa Oficial) e, nos anos 1930, escrevera vários artigos em *O Correio*, defendendo a tese de que Tiradentes nascera no termo da vila de São José e não no de São João del-Rei. Essa pretensão foi rebatida por Basílio de Magalhães em elucidativo ensaio que se encontra publicado na revista do Arquivo Público Mineiro (1920) e que nunca foi reeditado. Acreditávamos que o assunto estivesse resolvido, sobretudo depois que se descobriu o assentamento de batismo de Joaquim José, entre os curiosos documentos da Biblioteca Nacional. Mesmo assim, ainda hoje, pelo interesse do prestígio, ao qual aludimos no nosso texto, há pessoas que querem manter viva a tese de Herculano Veloso.

Esse fenômeno de que tratamos no texto enseja que se contemple outro, relacionado à figura de quem faz afirmações. No caso, é a transferência da autoridade exercida (autoridade não acadêmica), para o conteúdo da afirmação. Foi o que aconteceu com o deputado Aécio Neves da Cunha, na época em que presidia a Câmara dos Deputados, ao escrever a apresentação do Perfil Parlamentar de Tancredo Neves, (2001). Talvez por um deslize, já que a natureza do seu escrito não comportava comprovações, reforçou a tese de Herculano Veloso: A inconfidência encontrou na cidade aurífera (São João del-Rei) um dos centros de conspiração, e, bem ao lado, em São José, nasceu Tiradentes. Seu avô Tancredo Neves sempre disse o contrário nos seus discursos, embora também nunca tenha se detido nas comprovações, porque não era oportuno estar dissertando academicamente em praça pública. Mas é inegável que qualquer afirmação ganhe relevância quando pronunciada por alguém que já tem prestígio por outros motivos. É claro também que o efeito da afirmação depende do nível do ouvinte ou do leitor.

generalizando-se para todo o Estado e incorporando esse sentimento na retórica das frases de efeito. “*O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade*”, afirmou Tancredo Neves num de seus memoráveis discursos (1983). “*O outro nome de Minas é Liberdade*”, afirmou Tancredo Neves num de seus memoráveis discursos (1988/1983, p.239). Temos notícia de que essas frases são da lavra de Mauro Santayana, que, em entrevista televisiva na TV Assembleia, assim revelou o fato.

Tivemos a oportunidade de ouvir o relato, cheio de orgulho, de um habitante de Barbacena que foi contemporâneo da estada de Guimarães Rosa naquela cidade, quando o escritor era médico da polícia mineira.<sup>24</sup> Ao dizer que sabia onde o escritor morava e que o observava estudando até alta madrugada, pareceu-nos que o depoente quase queria dizer que ele também era um participante da produção literária do autor, que, mais tarde, ganhou fama nacional e internacional.<sup>25</sup>

Portanto, o que estamos enfatizando e exemplificando não é novidade. Novidade talvez seja o desvelar do esquecimento proposital de quem já era famoso ou a renúncia do prestígio transferível, os quais, no nosso entender, aconteceram em relação a Basílio de Magalhães. Entendemos também que não se esquece por esquecer nem se recusa um prestígio gratuitamente. Existem causas determinantes que nunca foram abordadas por aqueles que apenas enalteceram os feitos de Basílio de Magalhães e se limitaram a reclamar das gerações mais novas uma espécie de descuido ou desleixo para com uma figura tão importante da nossa história.

Nesta modesta fala pretendemos lembrar de Basílio de Magalhães, pois talvez aflorem algumas razões do esquecimento imposto pelo sistema, e então, estaremos compreendendo melhor os mecanismos da sociedade em que vivemos.

O procedimento do atual presidente do IHG de São João del-Rei, inaugurando um retrato de Basílio de Magalhães e recolocando o

---

<sup>24</sup> A Academia Barbacenense de Letras publicou, em 2000, o Anuário 98-99, dedicado a Guimarães Rosa.

<sup>25</sup> Referimo-nos ao tenente Nelson Guilherme Campos.

seu nome como patrono desta associação cultural, ainda que com singela pompa, é um ato louvável de quem prefere lembrar a esquecer.

Parabéns ao Presidente e à Mesa Administrativa do IHG.

Os efeitos da iniciativa, o tempo dirá. Nós, pela experiência que acumulamos, achamos que as forças do sistema prevalecerão por muito mais tempo, apesar de sempre aparecer alguém que as incomode. Lembrar dos condenados ao esquecimento é uma opção, que, talvez não seja a alternativa mais reconhecida, rendosa ou gratificante, mas é a nossa opção. E fazemos isso porque entendemos que muito mais importante do que lembrar das pessoas olvidadas é desvendar os processos culturais que governaram e governam nossas ações, pois se limitássemos a lembrar das pessoas apenas na perspectiva do culto às personalidades não conseguiremos compreender com profundidade a História da sociedade em que vivemos.

Era o que eu tinha a dizer e pela paciência de me ouvir, muito obrigado.

### **CONTINUAÇÃO DA PALESTRA PROFERIDA EM 04 DE SETEMBRO DE 2005**

Naquela oportunidade fiz o elenco de vários acontecimentos promovidos para construir o esquecimento da figura de Basílio de Magalhães, o intelectual barrosense de expressão nacional que aqui viveu ainda criança e adolescente, quando trabalhou no jornal *A Pátria Mineira*, do corajoso Sebastião Sette e, como adulto, na década de 1920, quando foi vereador, agente executivo e deputado federal.

Parece-nos que começamos a melhor compreender a sociedade em que vivemos e parece-nos que se possa afirmar que as simpatias e antipatias familiares e de agregados oportunistas e puxa-sacos fazem parte das heranças deixadas pelos antepassados. São repertórios emocionais desvinculados da racionalidade, das justas e imparciais avaliações de mérito.

Não importa que Basílio de Magalhães tenha deixado extensa e valiosa obra, que tenha sido ativo intelectual, batalhador da criação da nacionalidade republicana, defensor de minorias oprimidas. Se incomodou os donos do poder, deve ser esquecido e uma das formas de esquecê-lo é a “colocação de parênteses” no seu nome, pois que não sendo lembrado o tempo se encarregará de apagá-lo.

Eis que os vigilantes do sistema, sempre atentos no seu patrulhamento, retiraram Basílio de patrono de uma das cadeiras do IHG sem constar uma voz contraditória, nem mesmo a do pertinente sócio efetivo que demonstrasse, pelo menos, indignação. Eliminada a cadeira, deveriam eliminar seu defensor, mas, não, ele preferiu constar como sócio de uma cadeira vaga (Vide: Estórias por trás da história são-joanense, 2020), pois então não terá trabalho de lembrar seu patrono. É o defensor do nada.

Para disfarçar a estratégia de fundo, alegaram que Basílio já é patrono do Instituto e não levaram em conta que Tiradentes é o Patrono Cívico da Nação, Patrono das Polícias Militares, que Fábio Néelson Guimarães, Geraldo Guimarães, Sebastião de Oliveira Cintra, Luiz de Melo Alvarenga, Gentil Palhares, Adenor Simões Coelho, Antônio Guerra e Augusto das Chagas foram fundadores do IHG e, então, se a opção for pela desconstrução da memória, qualquer argumento servirá para destituí-los de patronos de cadeiras.

A eliminação de patrono geral da instituição ficará para depois, quem sabe para os descendentes dos que aqui estão no presente momento. A tarefa está nos ocultos testamentos, inventários e codicilos.

Argumentos circunstanciais não faltarão: - Basílio é de Barroso, daqui foi exilado, criou muitos inimigos políticos. Conforme o contexto da época, poderão dizer: que Basílio era republicano contra a tradição da até hoje monarquista sociedade de São João del-Rei; ou que se indispôs com os santos frades franciscanos que negaram matrícula ao filho de um ferroviário, que fez projeto de lei para defender os índios e a mulher, que obrigava os padres a não batizar crianças que não fossem registradas no cartório civil, que era trigueiro de cor e de classe baixa, que não pertencia à oligarquia local e coisas afins.

Estamos na rota do esquecimento. O tempo dirá.  
04 de setembro de 2005

## **Referências**

AVELAR, Antônio Ribeiro de. *Figuras da Casa de Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1 vol., 1960.

CARVALHO, Murilo de. *A Construção de Almas*. 1990.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei*. 1994.

NEVES, Tancredo de Almeida. *Sua Palavra na História*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1988.

SILVEIRA, Victor. *Minas Geraes*. Belo Horizonte: 1926.

VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

## **PATRONO MOR**

**Basílio de Magalhães**

## **SÓCIOS FUNDADORES**

Adenor Simões Coelho (Patrono)  
Altivo de Lemos Sette Câmara (Patrono)  
Antônio Guerra (Patrono)  
Astrogildo de Assis  
Augusto das Chagas Viegas (Patrono)  
Carlos de Oliveira Ribeiro Campos  
Djalma Tarcísio de Assis  
Esaú de Assis Republicano  
Fábio Nelson Guimarães (Patrono)  
Gentil Palhares (Patrono)  
Geraldo Guimarães (Patrono)  
João Adalberto de Assis Viegas  
João Batista Lopes de Oliveira  
Lucila César  
Luiz de Melo Alvarenga (Patrono)  
Onésimo Guimarães  
Sebastião de Oliveira Cintra (Patrono)  
Sebastião Raimundo de Paiva  
Sívio de Araújo Padilha  
Tiago Adão Lara

## **BENEMÉRITOS DO IHG-SJDR**

Astrogildo de Assis (Fundador)  
Elizabeth Santos Cupello (Sócia Correspondente)  
Fabio Nelson Guimarães (Fundador e ex-Presidente)  
Jeovah Motta, (Efetivo)  
Higino Zacarias de Sousa (Sócio Correspondente)  
Mario Pellegrini Cupello (Sócio Correspondente)

## **PRESIDENTES E SUAS GESTÕES**

Fabio Nelson Guimarães (1970 a 1986) (Fundador e Patrono)  
Geraldo Guimarães (1987 a 1990) (Fundador e Patrono)  
José Alberto Ferreira (1991 a 1992)  
Cyro Gabriel do Espírito Santo Cardoso (1993)  
Lais Medeiros Garcia de Lima (1993 a 1994)



Norma Marotti Fairbanks (1995 a 1996)  
Roberto Galvão de Britto Lira (1996)  
José Alberto Ferreira (1997 a 1998)  
José Antônio de Ávila Sacramento (1999 a 2000)  
Antônio Gaio Sobrinho (2001 a 2002)  
José Antônio de Ávila Sacramento (2003 a 2008)  
Artur Cláudio da Costa Moreira (2009 a 2014)  
José Cláudio Henriques (2015 a 2017)

## **PRESIDENCIA ATUAL (2018 a 2020)**

Presidente:	Paulo Roberto de Sousa Lima
Vice-Presidente:	Maria Lúcia Monteiro Guimarães
Secretário:	Luiz Antônio Miranda Sacramento
Tesoureiro:	Mário Lacerda Soares Neto
2º Tesoureiro:	José Passos de Carvalho

## **SECRETÁRIOS ESPECIAIS**

Relações Institucionais:	Francisco José dos Santos Braga
Informática:	Paulo Chaves Filho
Biblioteca “Geraldo Guimarães”	Prof. Antônio Gaio Sobrinho

## **CONSELHO FISCAL**

**Efetivos:** Evandro Coelho; José Alberto Ferreira; Neudon Bosco Barbosa.

**Suplentes:** Betânia M. M. Guimarães; Murilo G. de S. Cabral; Paulo Roberto Furtado A. Varejão.

## **COMISSÕES ADMINISTRATIVAS E GRUPOS TÉCNICOS**

### **Comissão Editorial**

Alex Lombelo Amaral; Betânia Maria M. Guimarães; Bruno Nascimento Campos; Maria Lúcia M. Guimarães; Suely Campos Franco.

### **Comissão Especial de Avaliação do Cinquentenário (ex-Presidentes)**

Antônio Gaio Sobrinho; Artur Cláudio da Costa Moreira; José Alberto Ferreira; José Cláudio Henriques.

### **Grupo de Estudos Genealógicos**

Evandro Coelho; José Cláudio Henriques; José Passos Carvalho; Wainer de C. Ávila.

## ASSOCIADOS EFETIVOS E SEUS PATRONOS

### *Cadeira e Patrono*

- 01 - *Thomé Portes Del-Rei*
- 02 - *José Mattol*
- 03 - *José Álvares de Oliveira*
- 04 - *Frei José Maria de C. Velloso*
- 05 - *José Joaquim da Silva Xavier*
- 06 - *Hipólita Jacinta Teixeira de Melo*
- 07 - *Bárbara Eliodora G. da Silveira*
- 08 - *Joaquim José da Natividade*
- 09 - *Francisco Lima Cerqueira*
- 10 - *Aniceto de Sousa Lopes*
- 11 - *Baptista Caetano de Almeida*
- 12 - *José Antônio Rodrigues*
- 13 - *Pe. José Maria Xavier*
- 14 - *Maria Tereza Baptista Machado*
- 15 - *André Bello*
- 16 - *Alexina de Magalhães Pinto*
- 17 - *Severiano N. Cardoso de Rezende*
- 18 - *Sebastião Sette Câmara*
- 19 - *Aureliano Pereira Correia Pimentel*
- 20
- 21 - *José Victor Barbosa*
- 22 - *Lincoln de Sousa*
- 23 - *José Maria Fernandes*
- 24 - *Augusto das Chagas Viegas*
- 25 - *Antônio Tirado Lopes*
- 26 - *Altivo de Lemos Sette Câmara*
- 27 - *Gentil Palhares*
- 28 - *Antônio Guerra*
- 29 - *Luiz de Melo Alvarenga*
- 30 - *Adenor Simões Coelho*
- 31 - *Matheus Salomé de Oliveira*
- 32 - *Fabio Nelson Guimarães*
- 33 - *Geraldo Guimarães*
- 34 - *Eduardo Canabrava Barreiros*
- 35 - *Celina Amélia de Rezende Viegas*
- 36 - *José de Alencar Ávila Salgado*
- 37 - *Sebastião de Oliveira Cintra*
- 38 - *João Cavalcante*
- 39 - *Francisca de P. de Jesus – Nhá Chica*

### Sócio

- José Cláudio Henriques  
Paulo Roberto de Sousa Lima  
Mário Lacerda Soares Neto  
Wanderley Mario Guilherme  
Wainer de Carvalho Ávila  
José Domingos de Souza  
Paulo César de Jesus  
Paulo Rodrigues de Miranda Filho
- Luiz Antônio Sacramento Miranda  
José Antônio de Ávila Sacramento  
Alex Lombello Amaral  
Suely Campos Franco  
Antônio Gaió Sobrinho  
Sherman Portela Ribeiro  
Maria Lúcia Monteiro Guimarães  
Evandro Coelho
- Bruno Nascimento Campos  
José Passos de Carvalho
- Francisco José dos Santos Braga
- Artur Cláudio da Costa Moreira  
Betânia Maria Monteiro Guimarães  
José Carlos Hernandez Prieto  
Neudon Bosco Barbosa  
Messias Neves  
Terezinha de Jesus da Silva
- José Alberto Ferreira  
Paulo Chaves Filho  
Leonardo Henrique de A. e Silva
- Ana Maria de Oliveira Cintra  
José do Carmo dos Santos  
Murilo Geraldo de S. Cabral

40 - *Antônio Garcia da Cunha*

*Ainda sem cadeira*

*Ainda sem cadeira*

Alessandro Ferreira de Paulo

Paulo Roberto Furtado Azeredo Varejão

### **Sócios efetivos licenciados:**

Adenor Luiz Simões Coelho

Hercy de Sousa Filho

João Bosco da Silva

José Primeiro Teixeira

Pe. Ramiro José Gregório

Silvério Parada

Ulisses Passarelli

Vânia Roseli Vilela de Ávila

### **SÓCIOS HONORÁRIOS**

Abgar Antônio Campos Tirado, Alfredo José Campos Melo, Aluizio José Viegas, Euclides Garcia de Lima Filho, José Geraldo D'Ângelo, Marcus Vinicius de Carvalho Fróis, Oyama de Alencar Ramalho, Rogério Medeiros Garcia de Lima (Sócio Correspondente), Ruth do Nascimento Viegas.

### **SÓCIOS CORRESPONDENTES**

Adalberto Guimarães Menezes - Belo Horizonte/MG

Adhimar Coutinho de Freitas – Barbacena/MG

Adirson Vasconcelos – Brasília/DF

André Guilherme Dorneles Dangelo – Belo Horizonte/MG

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos – Ouro Preto/MG

Antônio Campos Tirado – Rio de Janeiro/RJ

Antônio Seixas – Magé/RJ

Barbara Freitag Rouanet – Tiradentes/MG

Dauro José Buzzatti – Belo Horizonte/MG

Edson Brandão – Barbacena/MG\*

Elizabeth Santos Cupello – Valença/RJ - (Benemérita)

Eugenio Ferraz – Belo Horizonte/MG

Francisco Vasconcelos – Petropolis/RJ

Francisco Tomaso Albuquerque – Niteroi/RJ

Geralda Aparecida Ribeiro de Alencar Araripe – Tiradentes/MG

Geraldo José Guimarães da Silva – São Paulo/SP

Gustavo Lisboa Braga – Vassouras/RJ

Helena Teixeira Martins – Piracicaba/SP

Henrique Cintra de Carvalho – São Paulo/SP

Higino Zacarias de Souza – Ritópolis/MG (Benemérito)

Izabel Lago Barbosa – Matosinhos/Portugal

Isolde Helena Brans – Campinas/RJ

Ivan de Carvalho Teixeira – Belo Horizonte/MG  
Jesus Milagres – Barbacena/MG  
João Carlos Ramos – Divinópolis/MG  
João Pinto de Oliveira – São Tiago/MG  
José Afrânio Vilela – Belo Horizonte/MG  
José Antônio do Nascimento – Tiradentes/MG  
José Bernardo Ortiz – Taubaté/SP  
José Luiz Araújo Lira – Fortaleza/CE  
José Silva Gazar – Salvador/BA  
Júlio Olivar Benedito – Vilhena/RO  
Laerte Marcolino Magno Ribeiro – São Paulo/SP  
Lucia Casas de Pilla – São Paulo/SP  
Luiz Carlos Biazutti – Belo Horizonte/MG  
Marcelo Florence Lustosa – São Paulo/SP  
Márcio Vicente da Silveira Santos – Sete Lagoas/MG  
Maria Amélia Dornelles Dangelo – Belo Horizonte/MG  
Maria Terezinha de Resende – Lavras/MG (in memoriam)  
Mario Pellegrini Cupello – Valença/RJ (Benemérito)  
Olinto Rodrigues Filho – Tiradentes/MG  
Oscar Araripe – Tiradentes/MG  
Ozório Couto – Belo Horizonte/MG  
Roberval Junqueira Franco – Belo Horizonte/MG  
Rogério Medeiros Garcia de Lima – Belo Horizonte/MG (Honorário)  
Ronaldo Simas Thomé da Silva – Belo Horizonte/MG  
Rosária Maria Faria Thomé da Silva – Guarujá/SP  
Sérgio Paulo Rouanet – Tiradentes/MG  
Vanessa Borges Brasileiro – Belo Horizonte/MG  
Wellington José Tibério Silva – Barroso/MG